Limp Bizkit • Cure • Blink-182 • Radiohead

SHOWBIZZ

ASSINANTE

Edição de aniversário

1

Anos

SIMBOLO

Vá ao Rock in Rio na faixa!

Saiba como na página 11

Jim Morrison

Mais vivo do que nunca

Relançamento da coleção dos **Doors** volta a acender a paixão por um dos maiores mitos do rock e o mistério que cerca sua morte

Marilyn Manson anuncia seu retorno triunfal

Lobão visita o eterno mutante **Arnaldo Baptista**

theworldisyoursite
www.luckyflavor.com
flavor:clickhere
LUCKY STRIKE
anamericanoriginal
Alcatrão: 13mg • Nicotina: 1,0mg • Monóxido de Carbono: 14mg
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR PROVOCA INFARTO DO CORAÇÃO.

Editorial&Sumário

Doors: magia que o tempo não foi capaz de acabar

Capa: Foto: Divulgação

SHOWBIZZ já nasceu como a mais importante revista de música do Brasil. Ainda como BIZZ, em 1985, foi o primeiro veículo a dar o devido tratamento que a então incipiente cena pop brasileira merecia – sem esquecer, claro, de divulgar as novidades que vinham do exterior. Os anos passaram, o nome mudou, mas a posição de líder em seu segmento continuou inabalada. Os 15 anos que estamos completando agora confirmam essa vocação para trazer informação com qualidade. É muito mais uma questão de conteúdo do que de longevidade: folheando todas as edições para selecionarmos os melhores momentos, deparamos com centenas de grupos que surgiram (e alguns até acabaram) em nossas páginas, reportagens históricas com monstros sagrados do rock e lançamentos de tendências que ainda iriam dar muito o que falar no universo musical. Neste número comemorativo, não poderia ser diferente. Limp Bizkit e Marilyn Manson representam a ascensão do som pesado nas paradas comerciais; Doors e Arnaldo Baptista mostram como uma obra pode quebrar barreiras e atravessar as décadas com o mesmo frescor; e 15 artistas independentes fazem planos para os próximos 15 anos. Em toda a sua trajetória, a revista sempre antecipou o futuro, se ligou no presente e reverenciou o passado. Bandas e modismos vêm e vão, mas o amor à música permanece. Assim como SHOWBIZZ.

Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

P.S.: Não perca o especial com as reportagens mais significativas sobre o Guns N' Roses publicadas em SHOWBIZZ, já nas bancas.

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Jayhawks – Smile
Sexto disco do grupo, um dos pais do alt-country. Flertando mais com o pop, o vocalista e guitarrista Gary Louris continua inspirado.

James Iha – Let It Come Down
A gente trouxe esse disco só para comparar com a capa do novo de k.d. lang, parecidíssima. Acabamos flutuando nas baladas agridoces do mancebo.

Tommy Guerrero – A Little Bit Of Somethin'
Lançamento da Mo'Wax. Todo instrumental, deve agradar em cheio a quem gosta de Money Mark, Santana e Medeski, Martin & Wood.

Doors – Complete Studio Recordings
Caixa com todos os discos do grupo remasterizados, mantendo a arte original dos vinis, mais libreto bacaninha. Não precisa falar mais nada, né?

20 Mr. Mojo Risin'...
Pacote dos **Doors** recoloca a banda e os rumores sobre a morte de **Jim Morrison** no centro das atenções. **Ray Manzarek** explica o porquê de tanto fascínio em torno da música do grupo

30 Para quem gosta de música
Tão novinha e já tão folgada... Comemoramos os 15 anos de **SHOWBIZZ** com uma seleção das 15 bandas que mais marcaram a história da revista. Para rir, chorar e se revoltar um pouquinho

38 Fale mal de mim
Marilyn Manson revela-se um amor de pessoa e esclarece todas as polêmicas em que se meteu ao longo de sua conturbada carreira

42 Quando os titãs se encontram
Lobão visitou **Arnaldo Baptista** para nos contar a rotina, as opiniões e a incrível história do criador da maior banda que este país já teve, **Mutantes**

48 Crônica de um fim anunciado
Não é a primeira vez que o **Cure** ameaça sair de cena, mas é a primeira vez que a gente acredita nisso. Parece que agora é para valer

52 Oportunismo de resultado
Como o **Limp Bizkit**, com sua mistura de rap com guitarras pesadas, virou o grupo predileto dos kids americanos e está dominando as paradas

56 Da lama ao samba
Nação Zumbi e **Mundo Livre S/A**, cada um a sua maneira, reforçam os ideais do mangue e se aprofundam no mais brasileiro dos ritmos

sempre em showbizz

12 Bizzes
O futuro dos Titãs; as novas músicas do Radiohead; um candango assumindo as baquetas do Mission

60 Minha Coleção
João Gordo tira do armário um leque de rock'n'roll

62 Democracia Especial
Onde 15 bandas pretendem estar daqui a 15 anos

64 Crítica
Thaide e DJ Hum, Jota Quest, Richard Ashcroft, Rita Lee

76 Ao Vivo
Festival de Glastonbury, Blink 182 com Bad Religion

82 Discoteca Básica
Carlos, Erasmo..., a gema de Erasmo Carlos

Cartas

Não, nós não esquecemos do exagerado

Cazuza na cabeça

Apesar de saber que essa carta não vai ser publicada e, talvez, nem lida por alguém, irei escrevê-la e enviá-la, porque meu poeta disse: "Quem tem um sonho não dança". Há dez anos eu perdia meu primeiro ídolo. A música perdia um poeta chamado Cazuza. Pelo amor de Deus, vocês não escreveram nada sobre esse cara! Ele merecia capa! A pessoa que seleciona as matérias, sem querer ofender, precisa ser mais antenada. Ou será que meus inimigos estão no poder? Qual é a ideologia de SHOWBIZZ? Poxa, até a MTV, que só dá valor às bandas do momento, se lembrou do exagerado. Esse foi o mico do ano, o maior erro da revista! Vou ficando por aqui, mas se você acha que eu estou derrotado, saiba que ainda estão rolando os dados. Viva Cazuza!

Moisés Oliveira – Rio de Janeiro, RJ

SHOWBIZZ responde: Você está coberto de razão, Moisés – em parte. Realmente, não termos publicado nada sobre os dez anos da morte de Cazuza foi um vacilo tremendo. Mas isso não quer dizer que esquecemos dele ou de sua importância na música brasileira. Se você nos acompanha, sabe que volta e meia soltamos algo sobre o poeta. Não precisamos ficar esperando datas pseudocomemorativas para reverenciar sua obra. No mais, a burguesia fede e só as mães são felizes.

Parabéns antecipado

Sou colecionador da revista desde agosto de 1985, quando ela foi lançada (até hoje fico ressentido de não ter a nº 0) e acompanhei as diversas fases da revista. Hoje, temos informações dentro de nossos quartos, e para saber das novidades, do que rola no mundo da música, basta um clique e cabuuum! Num passe de mágica, temos nossos ídolos com suas carreiras esmiuçadas em uma variedade de sites. Acho que poucos imaginavam como seria a indústria do entretenimento no ano 2000. O lançamento de BIZZ, em 1985, foi um marco para muitos como eu, pois, até então, não havia como saber o que rolava fora do território nacional. Era um novo universo que se abria aos nossos olhos, construindo um elo com os leitores (em marketing, chamamos de fidelização). E essa leitura prazerosa e repleta de descobrimentos dá um toque especial de saudosismo ao contemplarmos cada nova edição nas bancas. Tudo bem, sei que hoje as coisas são significativamente diferentes. Quando, naquela época, eu poderia imaginar que conseguiria um lado B do primeiro compacto do Duran Duran, de 1981, dentro de meu próprio quarto? Ou até mesmo escolher um vinil e recebê-lo na porta de minha casa? Com certeza, não imaginava essas coisas em 1985. Mas, como disse, é um novo universo, tal qual SHOWBIZZ foi.

José Carlos da Silva - Santo André, SP

Eu também vou!

"Se a vida começasse agora e o mundo fosse nosso outra vez." Esse é uma frase marcante, hein?! A primeira lembrança que me vem à cabeça é de quando eu tinha 8 anos e via na televisão aquele festival parando o país inteiro. Só me lembro do som estridente das guitarras e aqueles jovens e seus cabelos com gel (new wave). Eu não me ligava muito em música, nem sabia quem eram os astros do Rock In Rio. Apesar disso, aquele tema marcou minha infância. Eis que estamos na iminência da terceira edição do tão badalado festival e eu, agora aos 23 anos e amante da música, mal posso esperar para chegar janeiro, pois com certeza estarei lá, num dos maiores momentos da história do rock brasileiro. No mais, fica a expectativa de ver quais serão as atrações internacionais e nacionais a confirmar presença no festival.

Márcio Saturnino de Oliveira - Rio Branco, AC

Entre tapas e beijos

Gostaria de parabenizá-los pela ótima revista de julho. Tem de tudo: Skank, Police, Smashing Pumpkins. Achei superinteressante o anúncio sobre as mudanças em SHOWBIZZ com as fotos do U2 e dos Paralamas. Vocês tiveram ótimo gosto na escolha. Gostaria de sugerir U2 para a capa da nova SHOWBIZZ, já que eles estão vindo com álbum em outubro e dizem que estão inovando mais uma vez. Uma crítica: lendo a seção de cartas, vi vários leitores reclamando dos críticos da revista. Concordo com o comentário de Thiago P., de Araguari, sobre a resenha do Pearl Jam. Na minha opinião, só pessoas que gostassem do estilo musical ou da banda deveriam criticar. Sou fã do Pearl Jam e do Capital Inicial e os caras desceram o pau neles. Não entendo uma coisa: por que CDs que críticos descem o pau são os que mais vendem? Lembro-me de que, quando o Jota Quest lançou o álbum com a música "Fácil", teve uma crítica na revista que arrasou a banda. E eles estouraram!

Cristiano Franco – Contagem, MG

Cristiano: se seguíssemos seu conselho para escolher quem critica o quê, você não encontraria as análises isentas que saem todo mês em SHOWBIZZ.

Infinita polêmica

Escrevo para dar os parabéns a todos vocês e principalmente ao jornalista Fabio Bianchini, que acertou em cheio na belíssima reportagem sobre Humberto Gessinger. Pela primeira vez em sua história, SHOWBIZZ publicou uma reportagem sobre os Engenheiros do Hawaii sem ranço, má vontade ou raiva. Já era hora. Humberto Gessinger pode não ser a mais brilhante, simpática e eloqüente voz de sua geração, mas, querendo ou não, é um personagem singular e importante na história do pop brasileiro. Obrigado pelo texto sério.

Paulo Antunes – São Paulo, SP

Li a última edição da revista e adorei a reportagem com a maravilhosa Marisa Monte, sem dúvida a melhor cantora do país. Mas fiquei chateada com a reportagem do Humberto, um cara superdez, inteligentíssimo, com letras maravilhosas, uma pessoa que dá o maior valor àquele fã "empacotador" (o que junta seu dinheiro para comprar um CD no final do mês) e que assume seus defeitos. A reportagem estava ótima, mas ter dito que o álbum não é recomendável foi muito desagradável. Respeito a opinião do repórter, mas ele "pisou na bola".

Sílvia Pacheco Lima - São Paulo, SP

Razão e sensibilidade

Parabéns a vocês da redação. Curti muito a entrevista do Dave Grohl e não vejo a hora de receber a surpresa da nova SHOWBIZZ. A partir desta edição, vou ser comprador assíduo da revista. Eu estava escolhendo uma revista sobre música, pois toco bateria e precisava de um meio de informação. De vez em quando, comprava *Cover Batera*, *Rock Brigade*, a revista de 89, mas a concorrência engana. SHOWBIZZ conseguiu juntar tudo só numa tacada. Vou ser um colecionador.

Adriano Correia – Uberaba, MG

Pedro não está só II

Nunca fui de escrever para nenhuma redação de revista. Aliás, essa é a minha primeira vez! O motivo pelo qual venho a redigir esta é que devo agradecer pela entrevista com a maravilhosa Marisa Monte. Eu já havia pedido para a vossa redação uma matéria semelhante e então, quando a revista chegou: só alegria! Meu muito obrigado. No dia do aniversário da cantora eu recebi um cartão manuscrito dela mandando um beijo. Quase fui parar no hospital de tanta emoção. Pode crê, o aniversário é dela e quem ganha o presente sou eu! Marisa Monte é o que temos de melhor, seguida, é claro, dos outros grandes nomes. Ela é bonita, tem uma beleza cênica ímpar e, acima de tudo, é profissional. Em suma: nada, absolutamente, a desejar! Gostaria de pedir um autógrafo aos críticos Pedro Só (pela matéria e pela maravilhosa nota 10 atribuída a *Memórias, Crônicas e Declarações De Amor*, quinto álbum da cantora) e Toninho Spessoto (que gostaria de ter visto o CD *Mais*, o segundo, como um dos melhores da década: é, rapaz, essa é uma prova de que você entende de música mesmo, né?).

Wellington da Silva – Olinda, PE

Mil e uma utilidades

Quem é o cretino que fez a crítica de CDs do E Mais... da edição 180? Além de ele se achar engraçadinho (só ele e sua respectiva mãezinha devem achar), ainda cometeu o sacrilégio de dizer que o álbum *Ressurrection – Greatest Hits*, do Mission, só é útil como porta-copos!? Pois bem, seu vanguardista estúpido, me aponte, nessos nefastos anos 90, uma banda gótica do mesmo nível do Mission!!! Ah, antes que eu me esqueça... eu também achei uma utilidade para sua cabeça oca: use-a como porta-lápis!!!

Cláudio Manoel Rocha – Itajubá, MG

Se você é mesmo fã do Mission, Cláudio, tem o dever de abominar essa picaretagem que "relê" os clássicos da banda.

FALE COM A SHOWBIZZ

POR CARTA: **Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000**
ATENDIMENTO AO LEITOR: e-mail: **showbizz@simbolo.com.br**
Telefone: **(0xx11) 284-2422**. Fax: **(0xx11) 287-4979**
ASSINATURAS: **(0xx11) 3990-2121** (Grande São Paulo),
0800-782811 (outros estados), ou pelo e-mail: **abrilsac@abril.com.br**
RECLAMAÇÕES (sobre assinaturas): **(0xx11) 3990-2121** (Grande São Paulo),
0800-782112 (outros estados), ou pelo e-mail: **abrilsac@abril.com.br**

SÍMBOLO
Diretora-Presidente Joana Woo
Vice-Presidente: Roberto Melo
Superintendente de Planejamento: Sandra Woo
Superintendente de Finanças: Pedro Frazão
Diretora de Circulação: Regina Bucco
Diretora de Publicidade: Dilu Freire Huth
Diretora Jurídica: Henriqueta Penelli

SHOWBIZZ
Diretora da Divisão de Segmentadas: Laís de Castro
Diretora de Arte da Divisão: Claudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Colaboradores: (TEXTO) Abonico Ricardo Smith, Alexandre Matias, André Barcinski, Ayrton Mugnaini Jr., Bernardo Araujo, César Carpanez, Daniel Oliveira, Fabiana Batistela, Guilherme A. Hungria, Juliana Taddone, Juliano Zappia, Lobão, Luciano Marsiglia, Luciano Vianna, Marco Bezzi, Pedro Só, Renato Yada, Ricardo Alexandre, Roberta Paixão, Sergio Martins, Spency Pimentel, Toninho Spessoto, Valéria Rossi (FOTOS) Daniel Oliveira, Daniela Dacorso, Eugênio Vieira, Josué de Freitas, Marcello Vitorino, Roberta Paixão (ILUSTRAÇÃO) Cobiaco, Félix Abras (REVISÃO) Marco Aurelio Fiocchi

Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Andrea Levorin
Símbolo Press: Ana Carolina Oliviero

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Liliane Pereira dos Santos • **Executivos de Negócios:** Fernanda Perez Costa, Rosana Garcia Mendes **Contato Publicitário:** Fabiana Zuanon • **Gerente de Publicidade de Representantes Regionais:** Kleber Gomes • **Gerente de Publicidade (RJ):** Maria Pimentel • **Contato (RJ):** Anaide Franco • **Escritórios:** • **Rio de Janeiro:** R. Voluntários da Pátria, nº 45 - GR 401/402, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22270-000, tel. (0xx21) 579-2230, fax (0xx21) 579-2240 **Representantes** • **Interior de SP:** FoCampos Consultoria e Assessoria S/C Ltda., R. Caramuru, 1240, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14030-000, tel./fax (0xx16) 635-5137 • **Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS, quadra 701, bloco C, sala 150, Brasília, DF, CEP 70340-907, tel. (0xx61) 322-2034, fax (0xx61) 318-1531 • **Ceará:** A.G. Holanda Comunicação Ltda., R. Pedro Borges, 135, 10º andar, sala 1001, Fortaleza, CE, CEP 60055-110, tel. (0xx85) 253-4141, fax (0xx85) 231-4761 • **Paraná:** Yahn Representações Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 488, cj. 608, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (0xx41) 232-3466, fax (0xx41) 232-0737 • **Rio Grande do Sul:** Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getulio Vargas, 1594, 6º andar, sala 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tels. (0xx51) 231-6153 e 233-1513, fax (0xx51) 233-1587 • **Novo Hamburgo:** Integrada Atendimento e Mídia, R. Tupinambá, 55, sala 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (0xx51) 582-4120, fax (0xx51) 594-4069 • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, sala 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel./fax (0xx48) 222-4155

MARKETING
Gerente de Marketing: Marta de Moraes

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Fernanda Levorin
Gerente Administrativo: Fátima Faria

Fotolito Eletrônico: A.R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane Gráfica e Editora - Vinhedo
Papel: Inpacel

ANER IVC

Showbizz é uma publicação mensal da Editora Símbolo Ltda. ISSN 0104-1649. Edição 180, julho de 2000. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2255, fax (0xx11) 287-4979. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque): solicite através de seu jornaleiro ao preço da última edição em banca. **Showbizz** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

Abril
PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Oscar Saleta, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo
VICE-PRESIDENTES: Carlos Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Depois de passar
a adolescência toda
indo do quarto
para o banheiro
e do banheiro para
o quarto, você deve
estar louco por
novas aventuras.

Honda C100 Biz. Sala dessa onda, suba nessa Honda.

Porta-capacete sob o assento.
Disponível nas versões com e sem partida elétrica.

HONDA
Asas da liberdade

ShowbizzResponde

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP
E-mail: showbizz@simbolo.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Carinhas famosos

Gostaria de saber a discografia da banda Small Faces, dos anos 60.
Vital Machado - Votorantim, SP

A banda foi formada em 1965 por Steve Marriott (guitarra e voz), Ronnie Lane (baixo), Ian McLagan (teclados) e Kenney Jones (bateria). Sua discografia é: *Small Faces* (1966); *From The Beginning* (1967); *Small Faces* (1967); *There Are But Four Small Faces* (EUA - 1968); *Ogden's Nut Gone Flake* (1968); *The Autumn Stone* (1969). Em 1969, com a saída de Marriott e a entrada de Ron Wood e Rod Stewart, a banda vira The Faces. Em 1977, Marriott, Mc Lagan e Jones tentaram ressuscitar o antigo grupo e isso rendeu dois álbuns: *Playmates* (1977); *78 In The Shade* (1978). Depois disso, várias coletâneas foram lançadas pelo mundo, como *The Collection: The Small Faces* (1986); *Quite Naturally Rare* (1987); *The Singles: A's & B's* (1990); *Anthology 1965-1967* (1996); *Small Faces - The BBC Sessions* (ao vivo - 2000).

Suspeita de plágio

Gostaria de saber se Courtney Love fez a trilha, ou alguma música, do filme *Tank Girl*, também se a música "Old Age" é plágio de uma das maiores bandas do mundo, o Nirvana. O álbum *My Body The Hand Granade* é uma coletânea oficial do Hole?
Wilton Silva – São Bernardo do Campo, SP

Não. Courtney Love não fez a trilha do *Tank Girl*, mas há uma música do Hole no disco com as canções do filme: a porrada "Drown Soda", que você pode encontrar também no EP *Ask For It*, de 1995. *My Body The Hand Granade* é, sim, uma coletânea oficial, lançada lá fora em 1997, com versões de alguns sucessos do grupo, faixas ao vivo e raridades, inclusive "Old Age", uma releitura da música do Nirvana, sem nenhum crédito aos verdadeiros autores.

Por um mundo livre

Em que álbum do mestre Neil Young posso encontrar a música "Rock In The Free World"?
Thiago Carneiro Gomes – Rio de Janeiro, RJ

Você pode encontrar "Rock In The Free World" no álbum *Freedom* (1989) e, ao vivo, no duplo *Weld* (1991).

Rosas enroladas

Gostaria que vocês falassem um pouco sobre a história dos Stone Roses e o que aconteceu com eles depois de *Second Come*.
Natanael Guedes Soares – Ipatinga, MG

Misturando o estilo guitar-pop dos anos 60 com a batida e atitude dos anos 80, o Stone Roses foi um dos precursores do brit-pop, influenciando várias outras bandas na década de 90. A banda surgiu em 1985, em Manchester, Inglaterra, com John Squire (guitarra), Ian Brown (vocal), Reni (bateria), Andy Couzens (guitarra) e Pete Garner (baixo). Couzens deixou o grupo em 1987, seguido de Garner, que logo foi substituído por Mani (Gary Maounfield). Em 1989, vem o primeiro álbum, *Stone Roses*, que emplacou várias músicas na parada britânica. Durante os cinco anos seguintes, a banda não produziu quase nada, lançando o segundo trabalho, *Second Come*, apenas em 1994. Reni foi substituído por Robbie Maddix um pouco antes do grupo anunciar seu fim, em 1996, quando o líder John Squire formou uma nova banda, Seahorses. Seu primeiro fruto, em 1997, foi *Do It Yourself*, mas não causou maiores comoções no Reino Unido. Ian Brown partiu para a carreira-solo e conseguiu ir um pouquinho mais longe, lançando *Unfinished Monkey Business* (1998) e *Golden Greats* (2000). Mani uniu-se ao Primal Scream e hoje divide as composições das músicas com o líder da banda, Bobby Gillespie.

Stone Roses: muito cartaz, poucos discos

Divulgação

Ficha: NOFX

A pedido do leitor **João Wolfgang** (Serra, ES).

Importância:
O NOFX é uma das principais bandas que ajudaram a formar o cenário hardcore-punk californiano. Sem pose de estrelas, superproduções e badalações, faz um som pesado com vocais melódicos. A musicalidade e a atitude anticomercial, que os mantém longe da MTV, das rádios e das principais gravadoras, influenciaram toda uma geração de bandas do estilo no mundo inteiro.

Biografia:
O grupo foi formado em Berkeley (Califórnia), em 1983, pelo trio Fat Mike (vocal, baixo), Eric Melvin (guitarra) e Erik Sandin (bateria). Sempre ignorando a mídia, o NOFX estabeleceu sua carreira em Los Angeles e, mesmo sem nunca ter tido vínculo algum com uma grande gravadora, lançou vários álbuns e um número considerável de EPs e singles. Sandin deixou a banda em 1985 e retornou um ano depois. Também em 1985, um quarto elemento foi adicionado, o vocalista Dave Allen, que teve sua carreira interrompida por um acidente de carro fatal. Um segundo guitarrista, Dave Casillas, veio em seguida. Mesmo só com três EPs lançados (*HOFX, What If We're On Mystic?* e *The PMRC Can Suck On This*), a agenda da banda começou a ficar cheia. Casillas deixou o grupo e foi substituído por Steve Kidwiller em 1989, quando o NOFX lançou seu primeiro álbum, *S&M Airlines*, pelo selo punk Epitaph – com quem eles trabalham até hoje, apesar de, ocasionalmente, gravarem trabalhos pelo selo de Fat Mike, o Fat Wreck Chords. Em 1990 foi lançado *Ribbed* e, no ano seguinte, *Liberal Animation*. Kidwilier largou a banda em 1991 e seu substituto, o guitarrista e trompetista Aaron Abeyta (conhecido como El Hefe), ainda é um dos integrantes. Mesmo com os holofotes do mainstream apontados para eles no começo dos anos 90, lançaram o nada comercial *White Trash, Two Heebs And A Bean* (1992), que trazia a faixa "Please Play This Song On The Radio", uma crítica bem-humorada às músicas que seguem sempre uma fórmula para tocar nas rádios. Dois anos depois, *Punk In Drublic* foi considerado o melhor trabalho da banda, ganhando ouro nos EUA. Outros discos seguiram, entre eles o ao vivo *I Heard They Suck... Live* e *So Long And Thanks For All The Shoes*. O lançamento mais recente é *Pump Up The Valuum*. Pouco antes, a banda gravou *Decline*, um EP com apenas uma faixa de 18 minutos.

Enfim, uns punks que não ligam para a mídia

Divulgação

Discografia:
S&M Airlines (1989); *Ribbed* (1990); *Liberal Animation* (1991); *Maximum Rocknroll - 1984-1988* (1992); *White Trash, Two Heebs And A Bean* (1992); *Punk In Drublic* (1994); *I Heard They Suck... Live* (1995); *Heavy Petting Zoo* (1996); *So Long And Thanks For All The Shoes* (1997); *Pump Up The Valuum* (2000).

Bizzes

Espera angustiante

Desvendamos alguns dos mistérios que cercam o novo Radiohead

Era uma chuvosa manhã de abril em que os fãs do Radiohead acordaram mais cedo para fazer fila do lado de fora do Royal Festival Hall, à beira do rio Tâmisa, em Londres. Naquela época, a banda estava internada no estúdio em Oxford, gravando seu esperadíssimo novo álbum (que só sai em outubro e possivelmente se chamará *Kid A*), sobre o qual circulavam inúmeros rumores. O ditado "Deus ajuda a quem cedo madruga" deve ser mesmo verdade, porque só uma fração dos que faziam a fila, que virava quarteirão, voltou para casa com ingressos para o show que só aconteceria no dia 1º de julho. Quase três meses antes da primeira apresentação do Radiohead na Inglaterra em mais de um ano e meio, e a lotação foi esgotada em apenas 20 minutos! Das 22 músicas tocadas na apresentação, dez eram inéditas. Especula-se que serão estas a finalmente entrar no novo disco, por isso, confira o que vem por aí:

"Optimistic"
A primeira música do show foi uma inédita. Um rock climático bem ao estilo de algumas canções de *The Bends*.

Thom Yorke: volta jazzística e experimental

"The Morning Bell"
"Esta é uma música sobre amnésia", disse Yorke, anunciando a segunda inédita da noite. Tocando piano, ele mandou uma melodia repetitiva num crescendo que vai explorando sua voz angustiante, enquanto o guitarrista Ed O'Brien fazia um vocal de fundo.

"National Anthem"
Suja e pesada, carregada por riffs de guitarra e ritmo dançante de bateria. Efeitos de teclado e samplers dão mais distorções. Yorke canta dançando sem parar.

"In Limbo"
Com O'Brien no órgão e recheada de efeitos sonoros distorcidos. Destaque para o refrão, gritado por um Yorke cheio de angústia, com o guitarrista na segunda voz.

"You And Who's Army"
Dedicada ao primeiro-ministro inglês Tony Blair ("Estou desapontado por nunca ter apertado sua mão", disse Yorke), tem um jeitão meio "cabaré" e é a primeira das duas músicas jazzísticas que o grupo rolou.

"Dollars And Cents"
Avant-jazz experimental, carregado em grande parte pelo baixo acústico de Colin Greenwood.

"Everything In Its Right Place"
Foi a mais experimental de todas as músicas novas apresentadas pelo grupo. Nela, Yorke fica no fundo do palco tocando um órgão e Ed e Jonny Greenwood, sentados no chão tirando barulhos esquisitos de seus pedais de efeitos. A música começa devagar, mas depois adquire levada hipnótica. Tem basicamente uma frase só, repetida à exaustão por Yorke e que depois fica sampleada no teclado de Jonny, que distorce a voz repetidas vezes.

"Egyptian Song"
Dedicada a Scott Walker, traz Colin no baixo acústico e Yorke levando a melodia simples num piano no centro do palco. É uma das canções épicas no melhor estilo Radiohead, que ao vivo ainda teve a inserção de um globo de discoteca, que completou o clima lindo da música.

"Knives Out"
Como já tinha feito em shows anteriores, Yorke descreveu "Knives Out" como uma "música sobre canibalismo". Space rock, é a mais "normal" entre as novas e o provável primeiro single do novo disco.

"How To Disappear Completely And Never Be Found"
Climática, é quase um ambient, com base de teclados e violão.

Luciano Vianna e Valeria Rossi

Ilustração: Cabaco

Titanomancia

Paulo Miklos, Nando Reis, Branco Mello, Sérgio Britto, Marcelo Frommer, Toni Belloto e Charles Gavin anunciaram suas férias depois de terem gravado três discos que garantiram seus pés-de-meia. Será mesmo um merecido descanso ou um pretexto para retardar o anúncio oficial do fim dos **Titãs**? Aproveitando o ensejo, perguntamos a três verdadeiros profetas do Viaduto do Chá, no centro de São Paulo, o que os oráculos reservam para o grupo:

Pai Manuel "Os Titãs não vão acabar ainda, é o destino deles. Está nos búzios. Ainda vão ganhar muito dinheiro e terão muito sucesso. Vejo coisas boas na vida de todos. Apesar da proteção de Ogum, que é ligado à vida dos artistas, é melhor Branco e Charles tomarem cuidado com a inveja dos amigos. O Marcelo é um rapaz de muito sucesso na vida. Vai ter vida longa e crescer na carreira. O Nando terá condição de realizar o destino que está na sua mão direita. É filho de Oxalá de frente, tem boa cobertura e pode conseguir o que quer. Com o Paulo, tudo bem. É filho de Oxum, tem corpo fechado, nada o derruba. Sérgio vai realizar um sonho ainda neste ano, Nossa Senhora Aparecida o cobre com vosso manto. Toni já teve boas quedas por aí, mas o campo profissional dele vai melhorar."

Vidente Marisa "Os Titãs não vão acabar. Eles têm muita estrela. O Charles vai fazer uma viagem que trará grandes novidades. O Marcelo está meio devagar, mais vai se dar bem. O Sérgio, como todo o grupo, também terá coisas boas pela frente, só tem de tomar cuidado para uma mulher não atrapalhar."

Cigana Dona Lena "Vejo nas cartas que os Titãs irão acabar no meio de 2001. O motivo é a saúde do Joaquim (*Branco Mello*), que é o verdadeiro líder da banda e talvez não tenha condições de prosseguir com os Titãs. Sem ele, o grupo não existe. Inclusive, ele vai sofrer com uma separação na família e tentará carreira-solo. Toni e Nando estão cansados da vida com o grupo e querem fazer outras coisas. Marcelo está aborrecido com os outros componentes por algum motivo. Charles quer que o grupo continue. Um moreno (?) terá problemas no coração, talvez seja necessária uma cirurgia. Paulo aparece com duas mulheres. Está muito agitado ultimamente, com problemas na garganta. Ele gostaria que o grupo continuasse e, até junho do ano que vem, vai ter um grande sucesso, só que com outro pessoal, mesmo continuando na banda."

Guilhermer A. Hungria

Paulão, Gabriel, Trovão, Larissa e André: fazendo barulho no dial e na web

Arroto radiofônico

Pode parecer mentira, mas já faz um ano que André Barcinski, Paulo César Martin e Álvaro Pereira Júnior estão no ar, destruindo discos nefastos e tocando boa música no rádio. O *Garagem*, transmitido pela paulistana Brasil 2000 (www.brasil2000.com.br) já lançou até candidato a prefeito, o campeão de luta livre Trovão, e agora estréia página na internet. Em www.garagem.net dá para pegar um monte de arquivos (legais) de MP3, incluindo músicas dos shows exclusivos que Superchunk, Man Or Astro-man? e G.B.H. fizeram no programa. Atualizada diariamente com colunas e raridades musicais (já ouviu a versão dos Melvins para "Smells Like Teen Spirit"?), a página é um deleite para quem ainda crê em vida "mais ou menos" inteligente nesse treco chamado rock'n'roll.

Um pé lá, outro aqui

Os franco-ingleses chegam ao Brasil no meio de agosto

Divulgação

Após nove anos de carreira, a cultuada banda alternativa **Stereolab** vem ao Brasil neste mês para quatro apresentações: dia 16 em Belo Horizonte, 18 no Rio de Janeiro e 23 e 24 no Sesc Pompéia, em São Paulo. Com uma sonoridade que combina elementos eletrônicos, jazz, lounge e uma pitada de bossa nova, o sexteto é liderado pelo inglês Tim Gane (guitarra e teclado) e por sua mulher, a francesa Laetitia (teclado e voz), e já tem dez álbuns, inúmeros singles e edições limitadas. Antes do embarque, Tim deu um alô a SHOWBIZZ e confessou estar ansioso por tocar na terra dos Mutantes.

Quando e como você entrou em contato com a música brasileira e qual a influência dela no Stereolab?
Gosto muito de alguns artistas brasileiros, mas não exatamente de bossa nova. Ouço obras dos anos 60 e 70 de gente como Milton Nascimento, Gal Costa e Marcos Valle, que conheci por intermédio de uma loja de discos, no sul de Londres. Por volta de 1989, ouvi meu primeiro disco dos Mutantes. Amei, comprei o segundo também e comecei a pesquisar sobre esse tipo de música. Era um psicodelismo estranho para mim, algo completamente novo, e o que mais me chamou a atenção foram os arranjos bem elaborados. Eles trabalhavam horas para compor apenas 30 segundos e nunca repetiam o mesmo pedaço no resto da música. Era bem incomum para meus ouvidos e acabou me influenciando.

O que mais você ouve?
Tudo: trilhas sonoras, jazz, música eletrônica, pop de boa qualidade dos anos 60 e 70. Quanto mais músicas estranhas você ouvir, melhor e mais interessante ficará seu trabalho, porque você desenvolve a imaginação e a criatividade.

Qual a relação da banda com o kraut-rock, estilo alemão do começo dos 70?
O kraut-rock era baseado em uma certa forma livre de compor e, mais tarde, em elementos eletrônicos. Era um novo jeito de encarar a música. No começo, era um estilo de ninguém, mas depois alguns grupos começaram a se destacar, como Faust, Neu! e até mesmo o Kraftwerk. Nossas primeiras experimentações eram bem influenciadas pelo estilo. Mas a música que desenvolvemos hoje é mais elaborada e arranjada.

Fabiana Batistela

Rock no cerrado

Enquanto os festivais de verão comiam solto na Europa, a galera do cerrado brasileiro arrumou um jeito de entrar na onda. Dia 26 de junho, aconteceu em Goiânia a primeira edição do **GO Rock!**, que contou com nomes estreantes do cenário pop-rock regional. Conexão Gueto, Laia Vunje, Vicios Da Era, Marco Antonini, Casa Bizantina e Nila Branco mostraram muita atitude, rock, funk, groove e reggae. Idealizado e muito bem organizado pelos próprios artistas, o festival atraiu cerca de 4 mil pessoas, que vibraram do início ao fim, cantando quase todas as músicas.

A terceira edição do brasiliense **Porão do Rock** aconteceu nos dias 8 e 9 de julho, com a presença de mais de 100 mil pessoas na platéia e 41 bandas (locais ou não) apresentando-se em dois palcos. O "rock com sopros" do Bois De Gerião (o Rocket From The Crypt brasileiro) e o pop rock inteligente do Prot(o) foram responsáveis pelos melhores shows de grupos locais. A Divine, que está lançando EP novo, foi outra que conseguiu chamar atenção, inclusive a do músico Lobão, atração principal do primeiro dia. Mas a Vulgue Tostoi (RJ), do guitarrista Júnior "Reeves Gabriel" Tostoi, foi quem deu a maior demonstração do que é fazer música com originalidade e frescor.

Claro que houve muita coisa ruim também, como a performance pior dupla de hip-hop e de "papagaios de pirata" de todos os tempos: Speed & Black Alien (Speed teve a manha de "rimar" lixo com fixo!!!). Mas para superar a escala Tihuana de cretinice (que levou um cover de "Song 2", do Blur, onde o vocalista clone de Fred Durst acertou apenas um verso, o "woo-hoo") só mesmo o Skuba, conseguindo inserir sete covers num repertório de meia hora.

Lobão e os metais do Bois De Gerião: destaques do Porão do Rock

Bizzes

Rima forte

Um raio X de oito poderosos lançamentos do rap nacional deste segundo semestre, todos por gravadoras multinacionais ou selos de médio porte

RACIONAIS MCs
Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay preferem guardar silêncio, evitando antecipar o título (fala-se em *Vida Lóca*) ou a data de lançamento do novo álbum (setembro, provavelmente). Por enquanto, o que mais se fala é no fato de os discos do selo Cosa Nostra, com o qual o grupo tem contrato, passarem a ser distribuídos pelo Black Groove, subdivisão da multinacional Sony para sonoridades de raiz negra, que tem no elenco grupos como RZO (SP), Zâfrica Brasil (SP) e Mister Catra (RJ). Conhecidos pelo extremo controle de toda a produção, os Racionais MCs garantem que ninguém de fora vai meter o bedelho no trabalho deles.

509-E
Amigos de longa data, os rappers Dexter e Afro X voltaram a se encontrar na cela 509-E do Pavilhão 7 do presídio paulista do Carandiru. Por meio do projeto Talentos Aprisionados, descolaram um contrato com a gravadora Atração. Lançaram o disco *Provérbio 13*, gravado durante madrugadas no estúdio (com a escolta de policiais, já que ganham a liberdade condicional apenas no final do ano) e com o auxílio de Mano Brown, KL Jay e DJ Hum.

DJ JAMAIKA
Ex-integrante do Câmbio Negro brasiliense, lança agora seu terceiro álbum-solo e o primeiro por uma major (WEA). Intitulado *Pa Doido Pirar*, o disco, concebido ao lado do DJ Chocolate, trará uma grande diversidade sonora. O rapper e DJ procura evitar a linha gangsta. "Já tem gente demais fazendo isso", justifica ele, afirmando que está mais preocupado em retomar os ideais de festa e celebração que o rap americano possuía em seu início.

XIS
É deste ex-integrante do grupo paulistano DMN a faixa "Us Mano E As Mina", hit em todo o território nacional graças ao refrão curto, simples e bastante pegajoso. Além de atacar diretamente os donos das principais emissoras nacionais e promover discursos contra a televisão, o rapper aponta outros culpados (prefeitos, governadores, presidentes) de todo o caos social brasileiro. O disco, lançado no ano passado pelo selo 4P (propriedade de KL Jay), está de volta às lojas, agora pela Trama.

FACES DO SUBÚRBIO
Principal nome do rap pernambucano, o Faces do Subúrbio lança seu terceiro álbum, o segundo pela Universal. O nome (*Como É Triste De Olhar*) e a foto da capa (três crianças em um lixão do Recife) revelam a intenção do sexteto: denunciar toda e qualquer forma de exploração do trabalho infantil. Porém, engana-se quem pensa que só existe virulência nos versos do grupo. Estabelecem conexões com a cultura regional (a embolada e o aboio, que é a música melódica dos vaqueiros) e trazem boas doses literárias (como a história do poeta que só consegue conquistar o amor de uma mulher depois de morrer e reencarnar em um outro poeta).

PIÁ
Em seu álbum de estréia pela Trama, *Um Pouco De Todos Nós*, o rapper gaúcho atira em todos. Ataca a religião, o futebol, o capitalismo, a televisão, os políticos, a falta de emprego e perspectiva econômica, a discriminação sexual – e ainda questiona se existe mesmo democracia no país. Apesar de algumas faixas ancoradas na veia black, Piá não impõe limites sonoros e chega a arriscar ótimas bases dub e country.

PAVILHÃO 9
Ainda sem título e previsto para outubro, este disco marca a estréia do grupo pela WEA. Os produtores Tom Capone e Carlos Eduardo Miranda foram escolhidos a dedo. Mergulhando profundamente na cultura *low rider* chicana, iniciada no trabalho anterior, a turma do rapper Rho$Si (único remanescente da formação original) promete muita verborragia. Fernando, ex-integrante da banda de metal Korzus, assumiu as baquetas.

GOG
Acompanhado dos parceiros Japão, Mano Mix e Dino Black, Gog lança *CPI Da Favela*, seu segundo disco pela poderosa Zâmbia (é o quinto solo da carreira), e consolida sua posição na meca do rap nacional, São Paulo, estabelecido em Hortolândia (Grande Campinas). O disco traz "É O Terror", single que já é sucesso nas rádios paulistas do gênero. Para quem ainda acha que, como poeta, Mano Brown é que é o tal, vale uma audição nos versos desse candango que consagrou no rap nacional o termo "periferia".

Abonico R. Smith (colaborou Spensy Pimentel)

Tudo pelo entretenimento!

Apenas o público paulista teve a sorte de ver de perto o **Stiff Little Fingers**, uma das mais importantes bandas punk da cena britânica, que em sua recente turnê sul-americana escolheu apenas uma cidade brasileira para mostrar sua música. A única apresentação aconteceu em uma sexta-feira de julho, no Hangar 110, "sauna" que abriga os shows mais hardcore de São Paulo. Lá, capturamos **Bruce Foxton** (*foto*), baixista do SLF desde 1991, que se consagrou tocando o instrumento no lendário **The Jam**.

O que você sentiu ao ouvir o primeiro álbum de Style Council?
Não senti muita coisa, mas compreendi completamente por que Paul Weller achou que Rick (*Buckler, baterista*) e eu não iríamos querer seguir o mesmo direcionamento musical que ele. Fraco demais.

Você tem ouvido o que Paul Weller anda fazendo? Vocês ainda são amigos?
Tenho acompanhado, mas não cheguei a pegar seu último disco. Paul é um compositor extremamente talentoso. Não nos falamos há tempos mas eu gostaria de pensar que ainda somos amigos. Não sei se ele concordaria com isso.

Você se sente constrangido por ter feito parte de uma das mais importantes bandas do pós-punk e agora estar tocando em um clube underground e quente com o Stiff Little Fingers?
Esse show foi como uma viagem de volta a 1977. Mesmo assim, achei que o público estava ótimo, embora um pouco entusiasmado demais! Não me sinto nem um pouco constrangido, pois o Jam e o Stiff Little Fingers – que merece um reconhecimento muito maior – foram e são bastante similares. Me considero uma pessoa de extrema sorte por ter levado a vida que levei, embora as coisas fossem ficando cada vez mais difíceis à medida que eu amadurecia. Mesmo assim, nada no mundo pode substituir a sensação de subir em um palco.

César Carpanez

O fã que virou missionário

Depois de 12 anos, o Mission voltou a tocar no Brasil com um clima de nostalgia e um pequeno problema. O baterista Scott Garret perdeu o vôo por problemas com o visto. O desespero tomou conta da produção brasileira da banda, que já pensava em adiar o show. Mas uma solução tupiniquim estava por vir.

Quando soube da história, Digão (Raimundos) lembrou de um ex-companheiro de banda em Brasília que sabia tocar todas as músicas do Mission. Era Bacalhau, hoje no Rumbora, que foi pego de surpresa pelo convite-intimação de voar até o Via Funchal para fazer um teste.

Vestiu uma camiseta rasgada dos tempos de adolescente, pegou pratos e baquetas e rumou para a empreitada. Daí, o susto: quando pediu para ver o set list, notou que todas as músicas eram novas e só sabia tocar uma delas. Então, sugeriu uma nova lista, com todos os clássicos do Mission. Ensaiaram e, mais tarde, tudo rolou com perfeição. Casa cheia, delírio e bis com direito a camisa da Seleção brasileira.

A lembrança que veio na cabeça de Bacalhau foi a da primeira vez em que veio a São Paulo, em 1988, quando fugiu do trabalho (era office-boy no Banco do Brasil) para assistir a uma apresentação do Mission. O show aconteceu pela metade, foi adiado e ele voltou para Brasília sem conseguir ver o que faltava.

Passando de fã a membro provisório da banda, o baterista tira suas lições: "Quando estava tocando, percebi as influências do Mission no meu som. São batidas que uso no Rumbora e nem sabia mais de onde tinham vindo".

Juliana Taddone

Divulgação/Marcelo Rocco

Círculo vicioso

Estrear na quarta posição das paradas americanas, ter seu clipe dirigido pelo cineasta David Fincher e ao mesmo tempo dividir uma lumê com o Nine Inch Nails não são façanhas para qualquer banda. Principalmente quando se está falando de uma que acabou de estrear – com o álbum *Mer De Noms* – e que faz um som beirando o metal gótico. Liderado pelo dono do Tool, o vocalista Maynard James Keenan, os californianos do **A Perfect Circle** não parecem ter-se deslumbrado por chegar ao topo de maneira tão prematura. "Pusemos muita energia nesse álbum e esperávamos ter ela de volta. Felizmente, isso aconteceu", diz a baixista e violinista Paz Lenchantin. Com seu primeiro single ("Judith") rolando em overdose nas rádios americanas e o aval do seu desconcertante clipe pela molecada daquele país, o grupo pegou o atalho certeiro para ser notado pelo público fanque. "Uma amiga mostrou nosso disco para o David Fincher e, como ele tinha um tempo livre, decidiu filmar o vídeo de 'Judith'", diz o baterista Josh Freese. Quando perguntado sobre suas influências, Josh dispara tiros certeiros que acertam desde Butthole Surfers até Queens Of The Stone Age. "A maioria das bandas de que gosto acabou, como Captain Beefheart e Devo; já James gosta de Fiona Apple, que não suporto!" Paz prefere artistas menores do underground americano. É essa diversidade que faz a banda soar assim? "Pode ser", relata Josh, que só se esquiva quando o assunto é se o vínculo com o Tool ajudou a banda a ter um percurso menos sinuoso. "Certamente", murmura.

Marco Bezzi

Suba nessa

Foi lançado no mês passado o Instituto Suba, que se propõe a desenvolver atividades culturais e preservar a memória do compositor e produtor iugoslavo Mitar Subotic, o **Suba** (1961-1999). A meta para este ano é colocar no mercado dois livros e 12 CDs. O primeiro já está disponível: *São Paulo Confessions*, do próprio Suba, que mistura música eletrônica com ritmos e instrumentos brasileiros e conta com as participações de Frejat (Barão Vermelho), Edgar Scandurra (Ira!), Arnaldo Antunes e Mestre Ambrósio. O compositor chegou ao Brasil em 1990 para pesquisar música afro-brasileira. Desde então, produziu Marina Lima e Daniela Mercury, entre outros artistas, e compôs trilhas sonoras. Para saber mais: www.suba.com.br.

Pronta para decolar

Aos 27 anos, a bela **Patrícia Coelho** é a nova candidata a estrela do pop nacional. Seu recém-lançado trabalho, *Simples Desejo* (BMG), é sensual e meigo, mas agressivo quando necessário, pois ela não se inibe em dizer o que pensa. O disco traz regravações de "Hoje Eu Quero Sair Só" (Lenine) e "Meu Sangue Ferve Por Você" (Sidney Magal). O destaque é "Canção De Amor", dueto com Tony Garrido (Cidade Negra) que parece pronto para colar nas FMs. "Faço um pop com o balanço da soul music, atitude rock e sangue brasileiro."

Divulgação

www.gradiente.com.br

gradiente.celular

GRADIENTE STRIKE COM FRONTAIS COLORIDOS

FRONTAIS COLORIDOS VENDIDOS COMO ACESSÓRIO. SAC – SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE: (11) 814-8222.

Longe do fim

Relançamento da discografia com remasterizações dos Doors e suspeitas sobre a morte de Jim Morrison mostram que o culto ao vocalista continua mais vivo do que nunca. Para o tecladista Ray Manzarek, "é doce e amargo lembrar dele"

Por Emerson Gasperin

Em 3 de julho de 1971, Jim Morrison morreu só para sua companheira, Pamela, e para o médico que redigiu seu atestado de óbito, Max Vasilic. Para o mercado e para os fãs, a mística que cerca o vocalista e sua banda apenas começou naquela noite. Volta e meia, algum produto ostentando o nome Doors chega ao comércio com a certeza de boas vendas e do interesse por parte do mundo da música. Volta e meia, surge uma teoria diferente, absurda ou não, pregando que ele permanece vivo e que o incidente em Paris não teria passado de uma farsa.

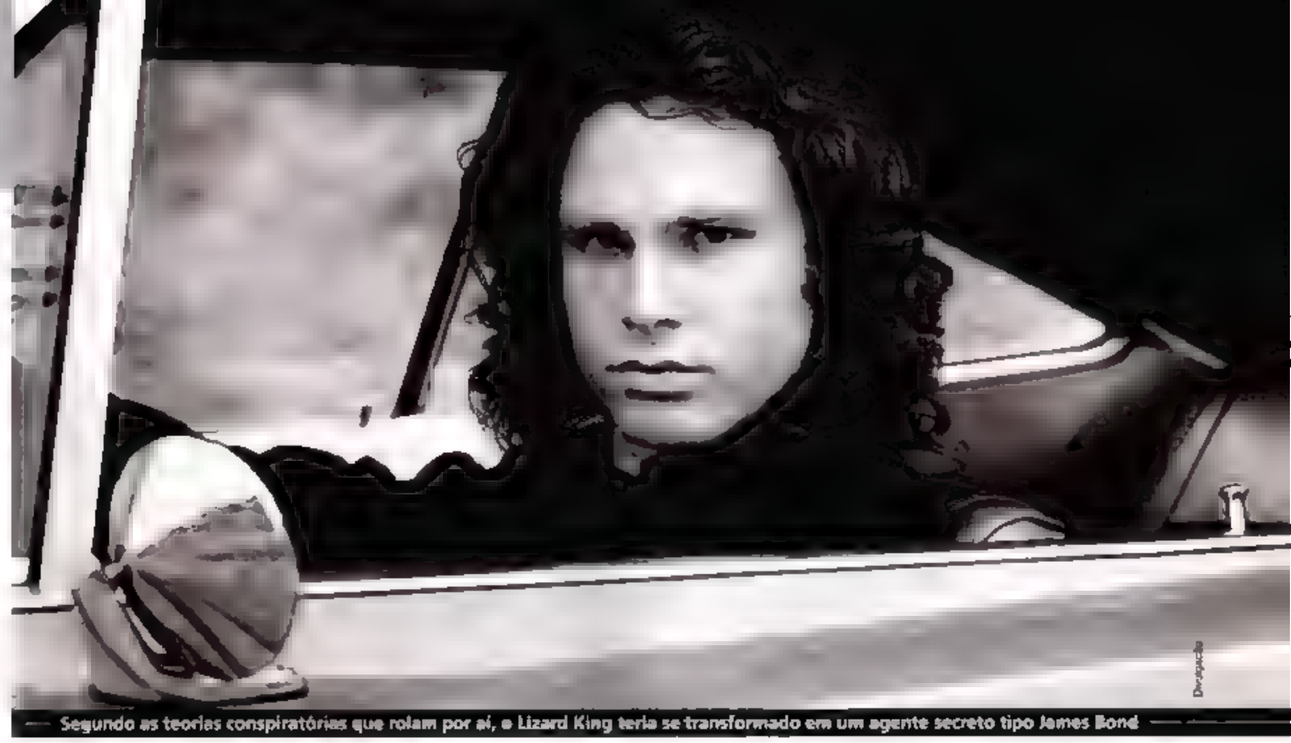
Depois do filme que contou a história do grupo (dirigido por Oliver Stone em 1991) e da caixa de raridades (*The Doors Boxed Set*, de 1997), desta vez é o relançamento da discografia remasterizada que marca o retorno do quarteto californiano à ordem do dia. A gravadora Warner promete distribuir tudo no Brasil neste mês e também reeditar todos os discos pela série Mid Price, com preços reduzidos, mais a coletânea *Best Of*. Vai ficar fácil completar a coleção (*veja box – N. do E.: sem trocadilhos*).

Há ainda o álbum em que vários artistas prestam tributo à banda, acompanhados de pelo menos um componente dos Doors. O guitarrista Robbie Krieger toca com Marylin Manson ("Five To One"), Creed ("Riders On The Storm") e Smash Mouth ("Peace Frog"). O tecladista Ray Manzarek divide "Wild Child" com o Cult. "Break On Through" traz os Stone Temple Pilots com Krieger e Manzarek. Os dois, mais o baterista John Densmore, juntam-se a Chrissie Hynde dos Pretenders ("Touch Me"), Bo Diddley ("Love Her Madly"), Exene Cervenka, do X ("House Of The Rising Sun"), e ao beatnik William Burroughs ("Cancer City"). E o grupo inteiro – Morrison incluso – aparece com John Lee Hooker em "Roadhouse Blues".

Isso agora, sem nenhuma efeméride à vista. Imagina em 2001, quando até quem duvida lembrará dos 30 anos da morte do vocalista. O apelo dos Doors é tanto que a indústria fonográfica nem recorre à data redonda para colocá-los novamente em evidência. A promoção do grupo dispensa esse velho e eficiente truque. Sempre tem alguém saboreando sua música com o gosto de uma iguaria atual.

"Moleques ouvem Doors pela primeira vez e apresentam a banda como sua descoberta", conta Manzarek, em entrevista a SHOWBIZZ (*leia mais na página 24*). O

Se há alguém capaz de descolar um atestado de óbito e forjar o próprio enterro, esse alguém é...



Segundo as teorias conspiratórias que rolam por aí, o Lizard King teria se transformado em um agente secreto tipo James Bond

choque é compreensível. Mesmo sem conhecer um acorde de Beatles, Rolling Stones ou Led Zeppelin, qualquer pessoa tem uma idéia do som dessas bandas, tal é o número de artistas que as usam como principal influência. Com o quarteto californiano, isso raramente acontece. Lembra qual foi a última vez que você viu algo do tipo "os fulanos parecem Doors" ou "aquele cara tem o estilo de Jim Morrison" ou "isso é Doors puro"? Pois é.

NINGUÉM VIU O CADÁVER

Embora não possa ser creditada como maior responsável pelo grupo vender mais discos hoje do que quando estava na ativa, a história de Morrison é muito boa – e as histórias que vieram depois do dia 3 de julho de 1971, data de sua morte, já figuram no rol das grandes conspirações. Os três dias que rolaram entre sua morte e a comunicação do fato deram (e dão) origem a toda forma de rumores, alimentados pela ligação do vocalista com ciências ocultas, aquele papo de xamã, Mr. Mojo Risin' (um anagrama de Jim Morrison) e Lizard King (Rei Lagarto). Ele não teria morrido ou se morreu, não foi de problemas no coração – com o perdão do documento assinado pelo dr. Vasilic.

Todas as biografias de Jim Morrison e dos Doors revelam que somente o médico francês e Pamela viram o cadáver. Não foi feita nenhuma autópsia, prática usual na França em se tratando de mortes suspeitas. Densmore, ao ver a sepultura no cemitério Père Lachaise, achou-a curta demais para o corpo do vocalista. Manzarek afirmou que se existe alguém capaz descolar um atestado de óbito, enterrar um caixão com um saco de 60 quilos de areia e se jogar para algum canto do planeta, esse alguém é Morrison.

O túmulo que o baterista John Densmore achou "muito curto" para abrigar o corpo do amigo –

Reprodução

'Nosso empresário foi checar os boatos sobre sua morte e me contou: 'Jim está morto'. Respondi, 'Isto é ridículo, não acredito'. Ele então foi a Paris e me ligou após três dias, 'Enterramos Jim'. Perguntei como Jim estava fisicamente, e ele falou: 'Não vi o corpo, pois já estava no caixão'. É por isso que há essas histórias" acredita o tecladista.

ESPIÃO INTERNACIONAL

Em 1973 começaram as ocorrências sobre aparições do vocalista. De lá para cá, ele já foi visto em diversas ocasiões circulando de couro preto em bares gays underground de Los Angeles, fechando negócios com o Bank Of America em São Francisco e falando com várias emissoras de rádio do interior dos Estados Unidos. Todos os episódios têm um ponto em comum tão misterioso quanto o sumiço: Morrison sumiu, sem deixar vestígios – o que os torna inverossímeis.

O único relato a conter provas concretas é o que vincula o vocalista ao serviço de inteligência americano, a CIA. A agência estaria por trás do suposto sumiço e de sua transformação em espião no James Bond. Ele se tornara um agente especial, atuando também em nome de serviços secretos de outros países. Uma pilha de evidências desconta disso: a única foto tirada após Morrison "subversivo" é do ex-governador do estado de Louisiana, Edwin Edwards, e o ex-diretor do órgão americano, William Colby; uma identidade do serviço secreto sueco em seu nome; e passaporte e conta no banco falsos.

Jim Morrison espião internacional? Bem, é conhecida a admiração do vocalista pelo poeta francês Arthur Rimbaud (1854-1891), cuja obra foi toda escrita antes de completar 19 anos. A despeito da expectativa de um futuro brilhante no circuito literário, depois de atingir essa idade ele largou tudo e foi tentar fortuna na África onde acabou como traficante de armas na Etiópia e na Eritreia. Morrison teria seguido os passos do seu ídolo, largando a carreira artística e passando, totalmente incógnito, para outra área.

FIM DO MISTÉRIO?

A polêmica tem dia para acabar. Em 6 de julho do ano que vem, encerra-se o contrato de locação da sepultura de Morrison no Père Lachaise. Este é o mistério: um caixão selado foi enterrado em Paris. Jim pode ou não estar nele. Estaremos lá para ver", diz Manzarek. A direção do cemitério recusa-se em renovar o acordo, sob a alegação de que os fãs dos Doors avacalham com o lugar, cheio de presuntos ilustres como Balzac, Oscar Wilde e Chopin, entre outros.

Sem a aprovação das autoridades francesas, os restos mortais do vocalista precisarão ser removidos para outro local. Fala-se em um cemitério na República Checa (onde o escritor Franz Kafka também está enterrado), apesar de a decisão final estar reservada aos familiares que controlam o espólio de Morrison.

Ao mesmo tempo, a administração sabe que, sem o fumaça de Morrison, o Père Lachaise perderia sua principal atração para os roqueiros. Pode surpreendentemente aceitar a tumba do artista por mais 30 anos, impedindo a exumação que daria fim aos rumores que cercam a sua morte. Daí que as teses que contestam o destino do vocalista vão ganhar mais força. Mas tanto faz revelar a verdade: a arte de Morrison e dos Doors nunca vai morrer.

O que está chegando do grupo no Brasil

The Doors (1967) O que deve trazer uma estréia, em três lições: um megahit ("Light My Fire"), covers significativos ("Back Door Man", de Willie Dixon, e "Alabama Song", de Bertolt Brecht e Kurt Weill) e um hino tão arrasador quanto anticomercial ("The End"). Sem falar na faixa ideal para abrir o primeiro disco de um grupo como Doors: "Break On Through", sugerindo algo para se encontrar do outro lado... de quê?

Strange Days (1967) Lançado nove meses depois da estréia, mostra a vazão criativa do grupo. O quarteto não poderia esperar para lançar um novo álbum, tamanha a quantidade de composições que tinham e a vontade de jogar tudo isso na cara do pop. A estranheza que batiza a obra também bate ponto no hit do disco, "People Are Strange". Outros destaques são "When The Music's Over" e "Love Me Two Times".

Waiting For The Sun (1968) Nunca os Doors soaram tão pra cima como em "Hello I Love You", que abre seu terceiro trabalho. O clima do disco é radicalmente contrário ao soturno _Strange Days_, como a doce "Love Street", cantada por um Morrison feliz. "The Unknown Soldier" faz o contraponto com essa alegria, mas, mesmo assim, acaba em fanfarra. Decepção para os velhos (e chatos) fãs, confirmação para as paradas.

The Soft Parade (1969) O mais bem gravado e produzido álbum do grupo, com Morrison exercitando seu lado crooner de big band no hit "Touch Me". É, ainda, considerado seu mais controverso trabalho, só porque o quarteto deixa o formato básico um pouco de lado e passa a usar mais arranjos de cordas e metais, como em "Wishful Sinful" e "Tell All The People", ambas do guitarrista Robbie Krieger.

Morrison Hotel (1970) Depois das experiências nos dois discos anteriores, o rock volta com força total no quarto lançamento dos Doors. Envolvida e incomodada com os problemas legais de Morrison, a banda parte para músicas mais cruas ("Roadhouse Blues", "Ship Of Fools") – mas sempre com o lirismo poético que caracterizava sua obra, como fica evidente na pungente balada "Indian Summer".

L.A. Woman (1971) Este só alcançou o sucesso depois da morte de Morrison. Por ter sido feito apenas para cumprir contrato, dá a impressão de desleixo. Mas é só impressão: contém pelo menos duas canções imortais (a faixa-título e "Riders On The Storm") e balanços inéditos, quase funks ("Love Her Madly", "The Changeling"). E eles começaram as gravações com a idéia fixa de fazer um disco de blues...

The Best Of (1985) Primeira coletânea significativa da carreira da banda e, como define o tecladista Ray Manzarek, destinada a "quem tem 14, 15, 16 anos e deseja conhecer a música do grupo". Os marmanjos também podem consumir sem medo: de "Light My Fire" a "Riders On The Storm" (seu último hit), o repertório deste CD duplo é um deleite só. Nem todos os clássicos estão aqui, mas tudo que está aqui é clássico.

The Essential Rarities (1997) A seleção com os melhores momentos da caixa _The Doors Box Set_ é imperdível para os fãs ávidos por raridades. Versões demo de 1965 ("Hello I Love You", "Moonlight Drive"), gravações ao vivo ("The End", "Roadhouse Blues", "Break On Through") e inéditas – "Someday Soon", extraída de um show em Seattle, e "I Will Never Be Untrue", de uma apresentação em Hollywood.

"Ele era louco e selvagem. Sim, bebia e tomava ácido. Mas Jim era espiritual e engraçado também"

Sob o sol da praia de Venice

Por Daniel Oliveira , de Los Angeles, EUA

A música dos Doors atravessa 2000 com o mesmo brilho de quando surgiu, em 1965. Jim Morrison (voca.), Ray Manzarek (teclado), Robbie Krieger (guitarra) e John Densmore (bateria) mostram como o rock pode viajar pelas décadas e conquistar fãs de várias gerações. Não importa o padrão de comportamento ou o clima sociopolítico-econômico da época. O talento do quarteto derruba fronteiras e elimina o conceito do tempo.

A carreira dos Doors foi curta, mas suficiente para mover o que milhões de pessoas conhecem como rock n roll. Formado em Venice, bairro da região oeste de Los Angeles, o grupo aliou a força do rock, o improviso do jazz e a melancolia do blues, destacando-se pelo espírito poético e rebelde de Morrison. Em 1967, ele foi preso num show em New Haven (Connecticut, EUA) por desordem e obscenidade pública. Dois anos depois, simulou atos sexuais numa apresentação em Miami (Flórida), sendo retirado do palco por policiais e processado por ter alegadamente exposto o pênis. "Nosso show é um encontro público dramático", declarou Morrison. "Ao vivo, criamos um mundo diferente e celebramos com os fãs."

Para dedicar-se à poesia e fugir da pressão do sucesso, o vocalista mudou-se com sua companheira para a França em 1971. Depois de sua morte, em julho daquele ano, Ray, John e Robbie tentaram levar os Doors adiante, mas acabaram seguindo carreira em projetos individuais. Em 1978, homenagearam o vocalista com o disco *An American Prayer*, no qual musicaram algumas de suas poesias.

Nos anos 80 e 90, milhares de jovens descobriram o significado de Morrison e o colocaram no patamar de lendas, como Janis Joplin e Jimi Hendrix. Hoje, o vocalista ainda orgulha seus ex-companheiros. Manzarek, particularmente, sente-se bem ao relembrar o passado. O tecladista de 61 anos atendeu SHOWBIZZ no escritório dos Doors e falou de Morrison, da música e história do grupo e de seus projetos atuais, como o tributo à banda.

Manzarek, Morrison, Densmore e Krieger: talento que elimina o conceito de tempo

Seu escritório está perto do clube Whiskey, onde ocorreram os primeiros shows da banda. As rádios de Los Angeles ainda tocam Doors e o catálogo do grupo é sempre relançado. Como é viver rodeado por tantas lembranças?

Fico triste e me sinto um pouco nostálgico. Há um gosto doce e amargo, como nossa música. Ela tem o sol da praia de Venice, mas também o lado obscuro de Los Angeles. Tristeza e felicidade integram a música dos Doors e a vida dos seres humanos.

É difícil falar de Jim Morrison?

Não, porque ele era um grande amigo. Lembrar dele me faz sentir bem. Não penso em Jim o tempo todo, mas quando dou entrevistas ou converso com fãs, parece que ele está ao meu lado. Há um gosto doce e amargo: é doce lembrar dele, mas é amargo o fato de ele ter sido embora. Mesmo que não esteja aqui, sua voz e suas letras sempre estarão conosco.

Rockstars falecidos normalmente tornam-se lendas. Por que os fãs de música amam tanto os mortos?

Porque há uma grande perda. Os fãs concluem que nunca mais ouvirão músicas novas desses artistas, a não ser os que descubram gravações antigas. Além disso, você vê o quanto ama e sente falta dessas pessoas. A morte fortifica o amor – e Jim sentimento humano profundo.

Dizem que o excesso de drogas causou a morte de Morrison. Como vocês gravavam discos tão bons tomando LSD?

Não tomávamos ácido para fazer música. LSD não é droga para festas, e sim para aproximação da natureza. Eu ficava na praia de Venice observando o pôr-do-sol e sentindo o universo. Eu, Deus, Jesus Cristo, a praia, o sol, a água, os gatos e os cães éramos todos um só. Aplicávamos esta energia em nossa música. Até mesmo Jim por mais selvagem que fosse no palco, era bastante organizado. Precisa-se de ordem para se criar algo. Somos bons músicos, estudamos nossos instrumentos. Comecei a tocar piano aos 7 ou 8 anos. Nosso som era bem estruturado, mas tinha a liberdade do jazz.

Você disse que não gostou do filme *The Doors*. Qual é a maior falha do roteiro?

A representação de Jim totalmente louco e selvagem. Ele era mais espiritual e engraçado. Ninguém ri no filme, mas éramos maconheiros e nos divertíamos muito! Você não vê isso. Há só o lado obscuro da banda. É um filme sem luz.

E do que você gostou?

Das cenas rock'n roll e do desempenho de Val Kilmer (*ator que interpretou Morrison*). O problema é a falta do jeito espiritual de Jim. Sim, ele era louco e selvagem. Sim, bebia e tomava ácido, mas ele era mais do que isso.

Nos últimos três anos, foram lançadas as caixas *Doors Box Set* e *The Complete Studio Recordings*, e agora estão saindo as coletâneas *Essential Rarities* e *The Best Of*. Por que soltar tanto material antigo num tempo relativamente curto?

Para termos certeza de que todos conhecem a banda. Há uma nova geração de fãs. A primeira caixa possui várias raridades. A segunda é como uma amostra do relançamento de nosso catálogo, com uma sonoridade melhor. Já a coletânea *The Best Of* é destinada ao pessoal de 14, 15 ou 16 anos que deseja conhecer os Doors.

Quando um grupo começa a lançar muitas coletâneas, há uma idéia de lucro fácil. Você teme que a credibilidade dos Doors seja afetada por isso?

(*respondendo com bom humor*) Sim, mas se você tem essa visão dos Doors, então compre discos dos Backstreet Boys. Eles, sim, não pensam em dinheiro. Se você acha que estamos lançando essas coisas pela grana, então vá atrás de Britney Spears e Christina Aguilera (*risos*).

A caixa *Doors Box Set* trouxe "Orange County Suite", uma canção inédita com Morrison. Existem outras?

Não vou contar nossos segredos (*risos*). Compete a você interpretar. Não posso revelar isso para um lugar imenso como o Brasil! É um dos maiores países do mundo e tem muitos fãs dos Doors. Sabe de uma coisa? Eu tenho parentes no Brasil.

Verdade?

Sim. Na família do meu pai, dois irmãos moravam na Polônia, mas houve uma migração na virada do século 20. Meu avô foi morar em Chicago e seu irmão foi para o Brasil. Acho que há Manzareks um Curitiba ou São Paulo. Preciso ir ao Brasil para tentar encontrá-los. Nunca estive lá, mas adoro samba. "Break On Through" é praticamente uma bossa nova.

De quais artistas brasileiros você gosta?

Quando a primeira onda da música brasileira chegou aos Estados Unidos, eu e John (*Densmore, baterista dos Doors*) não parávamos de ouvir João Gilberto e Antonio Carlos Jobim. Ficávamos em meu apartamento ouvindo "Garota De Ipanema", sentindo a brisa, fumando um baseado, olhando as palmeiras de Venice e imaginando que estávamos em Copacabana. Quando fomos compor "Break On Through", John disse: "Vamos tocá-la como um samba – algo como João Gilberto". Perfeito.

O tecladista hoje e nos tempos da banda (*ao lado de Morrison*): muito estudo e LSD

Jim gostava de música brasileira?

Sim, ele adorava. Nos quatro gostávamos, mas eu e John éramos mais fanáticos porque curtíamos jazz. Jim era o poeta, o xamã da banda, mas escutava música brasileira conosco no meu apartamento. O filme *Orfeu Negro* me inspirou a estudar na escola de filme da UCLA (*Universidade da Califórnia, onde Morrison e Manzarek se conheceram*). Rola samba no filme inteiro e há uma grande história ligada ao carnaval. Acho que nunca disse isso, mas a música dos Doors tem raízes brasileiras.

"Light My Fire", incluída na coletânea *The Best Of*, possui um dos teclados mais famosos do rock. Como foi sua criação?

Robbie (*Krieger, guitarrista do grupo*) chegou no ensaio e falou: "Compus minha

"Você gostaria de nos ver tocar 'Light My Fire' com outra pessoa no microfone? É uma possibilidade"

Na época de *Morrison Hotel*, o quarteto estava envolvido com várias tretas na Justiça

primeira música". Era justamente "Light My Fire"! Como precisávamos de uma introdução, mandei todo mundo ir à praia e fui explorar meu treinamento clássico. Como eu disse antes, estudamos nossos instrumentos. Você não pode tomar LSD achando que será um grande músico. A inspiração vem após anos de treino. Hoje eu nem penso muito em frente do piano. Mas, quando jovem, tinha de pensar e treinar bastante. Um anjo passou quando criei a introdução de "Light My Fire". Ele voou sobre mim e disse: "Você trabalhou duro aqui está sua recompensa".

Na sua opinião, por que o teclado nunca atingiu a fama da guitarra?
A pergunta é boa. As guitarras são tão altas que nada as supera. Após o fim dos Doors, toquei com o guitarrista de Iggy Pop. Pensamos em formar uma banda, mas não havia espaço para o teclado. A guitarra preenchia todo o espaço sonoro. Acho que este é o motivo: o teclado não pode ser tocado na mesma altura da guitarra. Nos Doors era diferente, pois Robbie não tocava apenas acordes intensos. Ele tocava acordes de jazz e flamenco. Era como um quarteto de jazz tocando rock.

Morrison realmente expôs o pênis naquela noite em Miami?
Ele hipnotizou o público. Em Miami, as pessoas acharam que o diabo havia chegado: o Rei Lagarto (*Lizard King, alter ego de Jim*), o rei do rock ácido, o rei do rock orgásmico! Houve uma alucinação religiosa no show. Mas acho que Jim não colocou seu pênis para fora.

Você pôde ver de onde estava?
Não. O interessante é que, no julgamento, havia umas 100 fotos mostrando o que aconteceu no show: o palco desabando, Jim usando o quepe de um policial, as pessoas quebrando tudo, ele sendo jogado no público... Contudo, nenhuma foto mostrava Jim expondo-se. Talvez tenha sido um momento tão glorioso que ninguém quis fotografar.

Qual foi o show que mais o amedrontou?
O de New Haven, quando os policiais tiraram Jim do palco. Eles cortaram a energia elétrica, mas o microfone continuou ligado. Jim segurou o microfone e disse ao policial, "Faça seu discurso agora". O policial respondeu: "Você foi longe demais!" Jim então foi tirado do palco. Esta era a mentalidade absurda da época: os jovens tinham ido longe demais. Eles confrontavam os governantes dizendo: "Vocês só pensam em dinheiro. Vocês estão destruindo a natureza. Vocês não deixam um negro na América sentar-se com um branco. Vocês não conhecem o amor..." Mas estávamos num país protestante e anglo-saxão que ignorava estas coisas.

Você, John e Robbie pensam em se reunir com outro vocalista?
Conversamos a respeito e certamente seria demais. Só há um problema: como podemos excursionar com outro vocalista? Você gostaria de nos ver tocar "Light My Fire" com alguém substituindo Jim? Não sei se isto acontecerá, mas é uma possibilidade.

Vocês pensam em gravar outro disco?
Temos algumas músicas novas. É outra possibilidade.

Alguma idéia para o vocalista?
Ainda não, mas há tantas opções: Iggy Pop, Ian Astbury, do Cult, Chrissie Hynde, dos Pretenders, Scott Weiland, dos Stone Temple Pilots.

O que vocês três andam fazendo?
John faz shows individuais, onde toca músicas dos Doors e conta histórias de seu livro (*My Life With Jim Morrison And The Doors*). Eu também leio meu livro publicamente. Neste verão, tocarei em alguns festivais de jazz na Europa e contarei histórias dos Doors. Também trabalho com um poeta, Michael McClure, que foi o mentor de Jim. Fazemos shows de jazz e poesia. Ele lê, e eu toco piano. Robby lançará um disco-solo de jazz rock. Ele excursiona pelos Estados Unidos com sua banda. Ah, eu acabei de dirigir um filme, *Love Her Madly*, e estou tentando vendê-lo para algum distribuidor.

Sairá em breve um disco-tributo aos Doors com Creed, The Cult, Stone Temple Pilots e outros grupos. Qual participante lhe dá mais orgulho de ter influenciado?
Não quero ser injusto com os outros grupos, mas adoro o Cult. A banda tem alma, energia e sentimento. É a força de Ian Astbury. Ele tem um pouco de Jim Morrison. São até parecidos fisicamente.

DE CADA 10 PESSOAS QUE BATEM PAPO NA INTERNET, 7,5 ESTÃO NO BATE-PAPO UOL.

PARA VOCÊ, ELA É A ÚNICA MULHER DO MUNDO?
PARA ELA, VOCÊ É O ÚNICO HOMEM DO MUNDO?
QUE PORCARIA DE BATE-PAPO VOCÊS ENTRARAM.

BATE PAPO UOL
TÁ TODO MUNDO LÁ.
WWW.UOL.COM.BR
0800 175757

Há 15 anos, nascia a revista que iria tratar a música de um jeito nunca visto antes no Brasil. Catequizou, doutrinou, ilustrou, enlouqueceu, provocou e enfureceu muita gente por aí – e continua fazendo isso até hoje. Confira alguns momentos marcantes dessa história

Legião Urbana

"Legião não é tão bom nem tão especial. Tem coisas bacanas, mas também tem muita coisa que não presta... Só que tem uma certa empatia. Como eu faço as letras sempre em primeira pessoa, há uma identidade, paradoxal, entre a música e o ouvinte... 'Poxa, esse cara tá falando da *minha* vida!'" (Renato Russo a Alex Antunes, janeiro de 1992)

"Hoje, a Legião Urbana só existe por causa do público. (...) Estou com uma outra idade, uma outra visão da vida. Vou escrever sobre o quê? Não tenho problemas de espinhas, não tenho problemas com meus pais, não quero ficar catando drogas, não tenho problemas em namorar uma menina ou um garotão." (Renato Russo a Felipe Zobaran e Hélio Gomes, março de 1995)

"Em seus mais iluminados momentos, mesmo quando carregados de raiva, as palavras de Renato estão norteadas por um sentido de Amor maiúsculo, maior, espiritual... Em dias como os de hoje, não há idéia mais transgressora e corajosa." (novembro de 1996)

Madonna

"Madonna é um produto perfeito da era do vídeo. Para os garotos, uma loira gostosa que todos querem na cama. Para as garotas, uma rebelde que faz o que bem entende – roupas excitantes, vida anfetamínica." (Pepe Escobar, setembro de 1985)

"As clássicas canções pop de Madonna são feitas num piscar de olhos, não mais do que 15 minutos. Ela fica frustrada quando leva mais tempo." (Gavin Martin, novembro de 1992)

"Amadureci. Estou olhando para o mundo com esperança e felicidade. É minha guinada espiritual." (Madonna a Pedro Só e Leticia Calmon, agosto de 1998)

Nirvana

"Muita gente acha que ficamos milionários. (...) Para mim, a prioridade é nunca mais ter de trabalhar num emprego. É poder sustentar (...) minha mulher e minha filha, dar segurança a elas. Está cheio de popstar por aí que ganhou muito dinheiro e acabou falido. Não vou ser um desses caras. (...) É verdade que a maioria das pessoas (...) está afundada na apatia e na ignorância. Mas nosso público... A maioria são apenas garotos curtindo rock e muitos deles entendem o que estamos tentando passar. Nosso público tende a ser exatamente o contrário do tipo apático." (Kurt Cobain a André Forastieri, abril de 1993)

"O Nirvana foi uma das poucas bandas a fazer música que realmente importava. Quando Cobain cantava sobre dor, angústia e frustração, o público sentia que ele estava exprimindo com honestidade o que estava sentindo." (André Bardinski, abril de 1994)

U2

"Sou feliz por estar infeliz." (Bono Vox a Richard Cook, junho de 1987)

"Mais uma vez os integrantes do U2 brincaram com a escala gigantesca de sucesso que alcançaram (...). Durante o Grammy, Bono suspirou, reclamando que não era fácil ficar promovendo a paz entre as superpotências, zombando da própria aura sobre-humana que alguns enxergam na banda." (José Emílio Rondeau, outubro de 1988)

"Não consigo ouvir nada do começo dos anos 80, porque minha voz parece com a de uma garota e isso ofende o meu lado macho (*risos*). Naquela época, a gente não sabia o que era rock'n'roll." (Bono Vox a Robin Denselow, fevereiro de 1996)

"Há um problema na música branca em geral, não só na do U2. Grunge, punk etc. é tudo música de quem termina a noitada sem sexo." (Bono Vox citado por Pedro Só, abril de 1997)

RPM

"Eu só sou a fim de enriquecer. Nunca vi a gente como uma banda de rock n'roll, tipo anos 60. Queremos fazer trilha sonora de filme, todo tipo de música." (Paulo Ricardo a Sônia Maia, maio de 1986)

"(*Paulo Ricardo*) se tornou aquele barato que as pessoas costumam chamar de mito, um personagem maior que a própria vida, um sonho de carne, osso, vinil, papel e videoteipe que embala uma nação de garotos e garotas com promessas molhadas e canções pop. Como mito, não pertence mais a si próprio. E não é pessoa: é fenômeno." (dezembro de 1986)

New Order

"Uma cult band é quando você está tentando fazer sucesso não tem atenção da mídia e é muito difícil para alguém que não mora em Manchester ouvir falar de você." (Peter Hook a Pepe Escobar, junho de 1988)

"O que acho legal na acid house é a recuperação do espírito punk. (...) Há uma movimentação coletiva em torno, estimulando pessoas que normalmente jamais gravariam um disco. Isso é muito bom. Ao mesmo tempo, o que está acontecendo na Inglaterra é que ela está sendo cooptada como 'moda'. Também foi estabelecida uma conexão com o uso de drogas, o que não corresponde à realidade." (Peter Hook a José Augusto Lemos, fevereiro de 1989)

Titãs

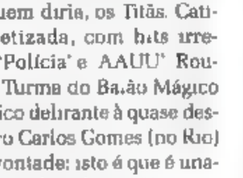
"Os maiores representantes do 'rock visceral' foram, quem diria, os Titãs. Cativaram até a petizada, com hits irresistíveis como 'Polícia' e 'AAUU'. Roubar público da Turma do Balão Mágico ou levar o público delirante à quase destruição do teatro Carlos Gomes (no Rio) com a mesma vontade: isto é que é unanimidade." (dezembro de 1987)

"Saiu na BIZZ, uma crítica chamando a gente de palhaço desdentado. (...) Um dia, num show que tinha patrocínio da BIZZ, todo mundo rasgou a revista. Foi um jeito de revidar essa merda." (Branco Mello a Carlos Eduardo Miranda, junho de 1993)

R.E.M.

"Minha criatividade é composta, em grande parte, de erros, coisas (...) que saem do nada." (Michael Stipe a José Emílio Rondeau, junho de 1989)

"As opiniões sobre Michael Stipe dividem-se em dois blocos: ele é um sujeito tímido e fechado mas também doce e inteligente; é um excêntrico arrogante e pretensioso, que nem os outros membros da banda conseguem aturar." (Celso Pucci, julho de 1991)



Guns N' Roses

"Não consigo me esconder nas drogas. Um monte de gente consegue, mas seja lá o que eu tome, minha vida tem de estar perfeita. Caso contrário, fico analisando tudo (...), tentando descobrir porque as coisas estão saindo erradas." (Axl Rose a Del James, agosto de 1989)

"Axl, as pessoas falam sobre você a mesma coisa que falavam sobre Jim Morrison. O cara é legal. Corta ele, antes que se mate. (...) 'É eu sei', Axl murmurou, 'Detesto essas comparações. Quero apenas ser verdadeiro comigo da mesma maneira que Morrison era verdadeiro com ele mesmo.'" (Danny Sugerman, janeiro de 1991)

Sepultura

Se vem um cara tipo Fagner aqui (*Londres*) e toca numa casa noturna brasileira para um público brasileiro, dão a maior cobertura. A gente vem, lota os lugares tocando para inglês, e nada!" (Max a Anamaria G. de Lemos, agosto de 1990)

"Foram turnês mundo afora, babação de ovo da crítica, sucesso no Brasil, eleição para melhores do ano em um monte de revistas. Se você acha que apesar de tudo a banda não se alterou – continua honesta e despretensiosa (...) –, tem muito mais confiança na natureza humana do que eu." (André Forastieri, fevereiro de 1992)

Marisa Monte

"Em meio à superficialidade rastaquera (...), Marisa Monte é um estranho no ninho. Adotou uma estratégia a longo prazo, cuja pedra de toque é o cuidado extremo com cada mínimo detalhe de sua carreira." (André Forastieri, março de 1991)

"A súbita ascensão de Marisa – que teve seu passe disputado por várias gravadoras antes mesmo de dizer um 'ai' na televisão ou no rádio – também chegou a ser questionada. Porém vale um aviso: ela já compunha desde criança e teve experiência suficiente para dirigir a própria carreira." (Sérgio Martins, junho de 1995)

Faith No More

Vanilla Ice é a coisa mais desagradável que já surgiu. (...) Você precisa ter peito para ser tão insuportável e fdp." (Mike Patton a Sérgio Sá Leitão, abril de 1991)

"Os músicos do Faith No More falam do Brasil com a familiaridade de quem consegue fazer nas mãos uma batida de partido alto, pronunciar com sotaque carioca 'sai dessa, seu bicha' e já visitou mais lugares no país do que a maioria de seus cidadãos." (José Emílio Rondeau, maio de 1992)

Raimundos

Raimundos, a banda independente brasileira que mais vendeu discos nos anos 90, agora é pop. (...) Até consultores de minha-primeira-vez no *Fantástico* os caras já foram." (Israel do Vale, maio de 1996)

"(...) *Só No Forévis* (...) chama a atenção para o curioso fato de que o festival de mulheres-objeto na música escapa ao crivo daqueles que os classificam de machistas." (Bernardo Araujo, junho de 1999)

Red Hot Chili Peppers

"Para a garotada, parece que a melhor coisa do mundo são as raves. É disso que eles gostam (...). Para mim, é tão estéril e maçante, que não consigo entender." (Flea a José Emílio Rondeau, janeiro de 1993)

"Não é nenhuma surpresa para os seguidores dos Chili Peppers que eles tenham sido sondados (...) para um filme biográfico. Eles engoliram (...) a lenda 'sexo, drogas e rock'n'roll'. Para eles, isso é a realidade. 'As pessoas adoram ficar trepando, se drogando e ouvindo rock', diz Flea." (Johnny Dee, outubro de 1994)

Metallica

"Desde que lançamos 'Fade To Black' em 1984, as pessoas já reclamavam: 'Mas uma balada?' E isso foi há quase dez anos! Em níveis diferentes, já ouvimos antes essa mesma ladainha. Para ser honesto com você, nos tornamos totalmente imunes a esse tipo de coisa." (Lars Ulrich a José Emílio Rondeau, abril de 1993)

As vezes, penso: 'Droga, por que toda essa gente quer meu autógrafo?', ou 'por que há tantas pessoas usando camisetas do Metallica?' Realmente não sei se quero que elas as usem." (James Hetfield, junho de 1994)

DATABIZZ

Quem esteve mais vezes na capa

1. Legião Urbana 11
2. U2 10
3. Madonna 7
4. Titãs; 5
   Guns N Roses 5
6. Nirvana 4
   Skank 4
   Raimundos 4
   Marisa Monte 4
10. Rolling Stones 3
    Bruce Springsteen 3
    Sting 3
    David Bowie 3
    RPM 3
    Sepultura 3
    Bon Jovi 3
    Doors 3
    Red Hot Chili Peppers 3
    Carlinhos Brown 3
    Foo Fighters 3
    R.E.M. 3
    Paralamas 3

1985

Agosto
O sucesso do Rock In Rio deixa claro que os brasileiros querem, sim, fazer parte e estar por dentro do mundo pop. Depois de um número 0 apresentado à imprensa, mercado publicitário e artistas no mês anterior, BIZZ chega às bancas com Bruce Springsteen na capa, movido pela febre USA For Africa. Além de música, a revista aborda também cinema, vídeo e informática

Outubro
Gilberto Gil torna-se o primeiro artista nacional a figurar na primeira página de BIZZ. No mesmo mês, sai o primeiro especial da revista: Top Hits, com letras traduzidas dos principais sucessos pop/rock do momento

1986

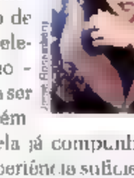
Março
Paul Hewson, o Bono Vox, é a estrela da edição, iniciando seu namoro com a revista

Maio
O rock brasileiro decola de vez com o fenômeno RPM

Novembro
A revista, que também cobria cinema e seus ídolos, estampa o galã Matt Dillon na capa

1987

Março
A Legião Urbana se consagra como a banda predileta dos leitores. As seções de cinema e vídeo são extintas. Ainda assim, BIZZ não se dedica exclusivamente à música, publicando também reportagens sobre histórias em quadrinhos



1988

É o ano do pop britânico na BIZZ, em suas várias encarnações: Duran Duran, Jesus & Mary Chain, New Order, Sinéad O'Connor, U2 e o norueguês A-ha dominam as capas

1989

Junho
Totalmente desconhecido no Brasil, mas começando a ser unanimidade nos Estados Unidos e na Europa, o R.E.M. vira uma aposta da BIZZ, bem antes do hit "Losing My Religion". Muitos começam a enxergar um caráter mais underground na revista

Julho
BIZZ estréia novo projeto gráfico e logotipo

Agosto
O Guns N' Roses, outra promessa, descola sua primeira capa

Palavras ao vento

Declarações para pensar na cama:

"O rock brasileiro é fazer gracinhas, é contar piada." (Cazuza, setembro de 1985)

"A música pop brasileira parece um pouco com a francesa, não tem nada de bom. E os grupos brasileiros são realmente ruins. O mais popular deles é um tal de Menudo. Dos outros, até o mais 'avançado' parece um Simple Minds diluído." (Robert Smith, junho de 1987)

"Eu gostava do R.E.M. até ver uma foto deles." (Johnny Mart, agosto de 1991)

"Eles não tinham grana para nos pagar, mas falaram que o tanto de cerveja e haxixe que a gente conseguisse consumir era nosso pagamento." (Jabá, ex-Ratos De Porao, comentando a turnê na Holanda, abril de 1992)

"O que a gente quer é ir para o Brasil e cheirar muita coca." (Simon Stevens, empresário do Primal Scream, março de 1992)

"Sou rapper de verdade. Meus discos são para traficantes e pessoas que vendem armas e matam gente." (KRS-One, junho de 1992)

"Quando vou correr no parque, às vezes estou com a barba por fazer – e também suo. Talvez algumas pessoas achem que sou muito bom para ser verdade porque sempre me vêem na TV bem vestido, mas, às vezes, em casa, não faço a barba e uso jeans." (Richard Clayderman, o favorito das churrascarias, janeiro de 1993)

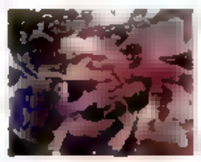
"Qual foi a última coisa que passou pela cabeça de Kurt Cobain? Uma bala." (o escritor Stephen King, janeiro de 1995)

"Somos os pretos mais perigosos do país e vamos mudar muita coisa por aqui." (KL Jay, dos Racionais, junho de 1998)

Você sempre lê antes aqui

Para se ter uma noção de como BIZZ teve importância na formação da molecada, que inclusive cresceu e escreve a revista hoje, no número 1 já havia um espaço – **Porao** – destinado a bandas novas e promessas. **R.E.M.**, **Jesus & Mary Chain**, **Biquini Cavadao** e **Capital Inicial** foram os estreantes

Depois de várias edições, o espaço para as novas caras foi dividido. Para saber sobre as novidades que saíam na gringolândia, era legal dar uma olhada na **Zona Franca** (*no detalhe, a da edição de abril de 1989 com o primeiro álbum dos* **Pixies** *e* Daydream Nation, *do* **Sonic Youth**, *que 11 anos depois integraria a seção Discoteca Básica*). Já a **Conexão Brasil** e, depois, **Democracia**, ficou destinada a revelar os talentos nacionais, como os seguintes



Eu não tenho estudo. Quero continuar burro porque acho que quanto mais burro eu for, mais capacidade vou ter para ser presidente do país", dizia o rapper **Thaide**, descoberto por André e Nasi (do Ira!) no centro de São Paulo. Em junho de 1987, apareceu no Porão

Maurício Pereira (o quase nome André Augustaara (hoje no **Karnak**) formavam a dupla **Os Mulheres Negras**, destaque na edição de junho de 1987

A história do carioca **Pedro Luís** não começou com a **Parede**, mas sim com a **Urge**, banda que integrava ao lado da irmã Margô (recentemente assassinada). Em março de 1987, figuraram no Porão

Antes de se tornarem, para alguns, o **Rappa**, os ex-integrantes falaram muito em outros grupos da Baixada Flumi ens – **Lobato**, que ostentava um bigodinho ostensivo tocava bateria e teclados no **Afrika Gumbe** (*edição de agosto de 1989*)

enquanto **Lauro Bicudo** e um cabeludo barbado apresentado por BIZZ (*julho de 1990*) como **Marcelo "Uiuca"** tocavam no **KMD-S** que originou a banda de reggae **Negril**

A vida não era nada fácil para Bernardo, Lazão, Bino e Da Gama quando eles atendiam pelo nome **Lumiar**. Antes de mudar o nome para **Cidade Negra**, o grupo de reggae já ganhava respaldo de BIZZ, com uma matéria cheia de elogios na edição de setembro de 1989

Henrique Portugal ainda gravava as bases do Sepultura quando, junto com **Samuel Rosa**, faz a parte do **Pouso Alto**, uma banda de pop-ska reggae apadrinhada por Arnaldo Brandão (Hanoi Hanoi!). Quando saiu em BIZZ, em agosto de 1990, o Pouso (que nominho, hein?!) era apontado como uma banda para salvar a programação das rádios

Daniela Mercury apareceu, em fevereiro de 1991, aos 25 anos, como a grande cantora baiana que levaria o samba-duro e o samba-reggae para o mundo. Dani demorou pouco mais de um ano para confirmar a previsão

Quando nem sonhava em encarnar Orfeu e ser um símbolo sexual, **Toni Garrido** fez parte da **Banda Bel**, que foi definida pelo crítico João Montanha, em agosto de 1992, como rock genuíno, brasileiro para os 90". Toni pode ter boas recordações dessa época, mas seu boleeiro não

"A demo dos caras é o que há em termos de potência sonora, com letras contando histórias de sacanagem e esperteza pura", escreveu o colaborador Carlos Marcelo, em junho de 1993, sobre uma banda brasiliense de forró-core, **Raimundos**, que viraria, anos depois, uma das prediletas dos leitores de SHOW BIZZ

Com a frase "as vezes um tiro fala mais do que mil palavras", **Gabriel O Pensador** se apresentava ao grande público. Graças à música "Tô Feliz, Matei O Presidente", o rapper chamou os holofotes para si em BIZZ de setembro de 1994

Bem-vindo ao Planeta Cânhamo" era o título da matéria que apresentava o **Planet Hemp** aos leitores de BIZZ (*maio de 1995*). Já estavam com contrato assinado com a Sony, mas a imensa maioria dos leitores nem imaginava o estrago que a esquadrilha da fumaça faria no resto da década

DATABIZZ

Em 180 edições, 107 artistas diferentes na capa

36 brasileiros
69 estrangeiros

1990

Agosto
A tendência mais pesada do rock chega ao ponto máximo da revista, graças ao sucesso internacional do **Sepultura**, os únicos brasileiros a serem capa durante o ano

1991

Janeiro
A explosão do **Guns N' Roses** e a segunda edição do Rock In Rio fazem a música pop e, de carona, a revista, atravessarem ótimo momento, apesar de Collor

Abril
A edição com o Faith No More esgota nas bancas. **Mike Patton** vira superídolo (detalhe: só no Brasil)

Maio
BIZZ se dá ao luxo de colocar na capa o **Soup Dragons**, com a chamada "a bandinha independente que conquistou o planeta", e vender a rodo

1992

Março
Nirvana estréia na capa, antecipando a febre em que o grunge ia se transformar

Agosto
Pearl Jam e o destaque da edição de aniversário

1993

Janeiro
O Red Hot Chili Peppers vira megabanda e toca no Brasil na melhor edição do Hollywood Rock, com L7, Alice In Chains e Nirvana

Maio
Logotipo e projeto gráfico mudam novamente, assim como a linha editorial, que tenta ser mais eclética. Matéria de capa lança "a nova MPB", ilustrada por fotos de Carlinhos Brown, Samuel (Skank), Edu K (De Falla) e Cherry (Okotô)

1994

Abril
A revista começa a falar de outros assuntos, como Aids, *serial killers* e guerra da Bósnia. Morre **Kurt Cobain**

1995

Outubro
BIZZ vira **SHOWBIZZ**, com a proposta de ser mais abrangente e bem-humorada. O formato fica maior e os leitores ganham o primeiro CD-brinde

1996

Outubro
É o ano da morte de **Renato Russo**. Os roqueiros brasileiros choram o fim da Legião Urbana

1997

Agosto
O britpop do **Oasis** alcança o estrelato

DATABIZZ

Você sabia que eles já tinham sido capa?

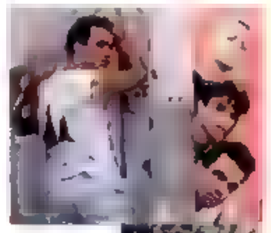
Nina Hagen (outubro de 1985)
Patsy Kensit (julho de 1986)
Cindy Lauper (fevereiro de 1987)
Marina (fevereiro de 1988)
Sinead O' Connor (agosto de 1988)
A-ha (dezembro de 1988)
Picassos Falsos/Black Future (maio de 1989)
Bomb The Bass (setembro de 1989)
Björk (dezembro de 1989)
Oingo Boingo (março de 1990)
Information Society (novembro de 1990)
Ministry (março de 1993)

Do arco da velha

Muito antes de ser o DJ mais famoso do mundo **Fatboy Slim**, ou melhor, **Norman Cook** fez parte do grupo de world music pop Beats International. Antes ainda, integrou o Housemartins (*BIZZ de março de 1989*), quarteto vocal que ficou conhecido no Brasil pela "Meló Do Paper".

Em julho de 1987, **Sean Lennon** já aparentava ter vocações musicais, mas ainda não havia sido apresentado aos Mutantes.

O mineiro **John** foi um dos maiores freqüentadores das seções de bandas independentes da história da revista. Esteve como integrante das bandas **Ultimo Numero**, **Sexo Explicito**, **Clay Regazzoni** e **Pato Fu**, essa última definida pela BIZZ de abril de 1993, como "uma mescla de reggae hardcore, tecnopop e rock'n'roll com letras inteligentes".



O radialista **Tatola** (da rádio Brasil 2000 FM SP) também tem um passado que o condena. O seu **Não Religião** aparece várias vezes ao longo da história da BIZZ.

O **Mano Negra** fez algum sucesso no Brasil (chegando a se apresentar por aqui na Eco 92) antes de seu líder **Manu Chao** partir para a carreira-solo.

Até **Hebe Camargo** vestida de roqueira já deu as caras em BIZZ (*março de 1993*).

1998

Fevereiro
U2 no Brasil. Após várias promessas, Bono Vox e cia. passam por Rio e São Paulo deixando os fãs embasbacados.

1999

Abril
O rock volta a se fortalecer, com bandas como **Offspring** vendendo milhões de álbuns no mundo todo.

2000

Novembro
A revista elege os melhores discos da década de 90.

Setembro
SHOWBIZZ chega às bancas chega às bancas totalmente reformulada: novo visual, novo logotipo, novas seções, muito mais música – de uma forma para você nunca (ou)viu antes... Que venham os próximos 15 anos!

?

Jornalistas frustrados

E es também escreveram aqui...

Herbert Vianna "Tive uma idéia: propor ao governo que facilite a aquisição de equipamento importado. (...) Posso botar terno e gravata, subir a rampa do Palácio e marcar (...) com o Presidente." (BIZZ 3, Opinião)

Renato Russo "Se sua expressão pessoal for inédita e criativa, se consegue expressar o que os jovens sentem mas não conseguem dizer, teremos rock, que não é só um ritmo ou uma batida: é uma atitude." (BIZZ 5, Opinião)

Marcelo Nova "Um disco inquieto, apesar de maduro. Às vezes cínico, mas sempre perturbador. *Novo Aeon* contém toda a grandiosidade estética e poética de Raul Seixas. (BIZZ 80, Discoteca Básica)

João Gordo "Quando conheci Mike Patton, jamais poderia imaginar que (...) fosse um tarado com gostos bizarros. Cheguei a essa conclusão depois de assistir ao terrível *Video Macumba*. É uma compilação de filmes de sexo escravo (...) e outros absurdos. Editado pelo próprio Patton para mim." (BIZZ 82, box de uma entrevista com o Faith No More)

Nando Reis "Subitamente, você repara num imenso lapso deixado pela desatenção ou até mesmo pela simples ignorância. É o meu caso com *4 Way Street*, de Crosby, Stills, Nash & Young." (SHOWBIZZ 135, Discoteca Básica)

Simone do Vale (Autoramas) "Parte da mulherada que fica p* com letras sexistas que endeusam seus fiofós com rimas grosseiras já pode comemorar. Os cariocas Los Hermanos têm muito amor e carinho para dar." (SHOWBIZZ 152, Democracia)

Este é o Pedro Mariano.

Voz no Ouvido

O novo álbum de PEDRO MARIANO

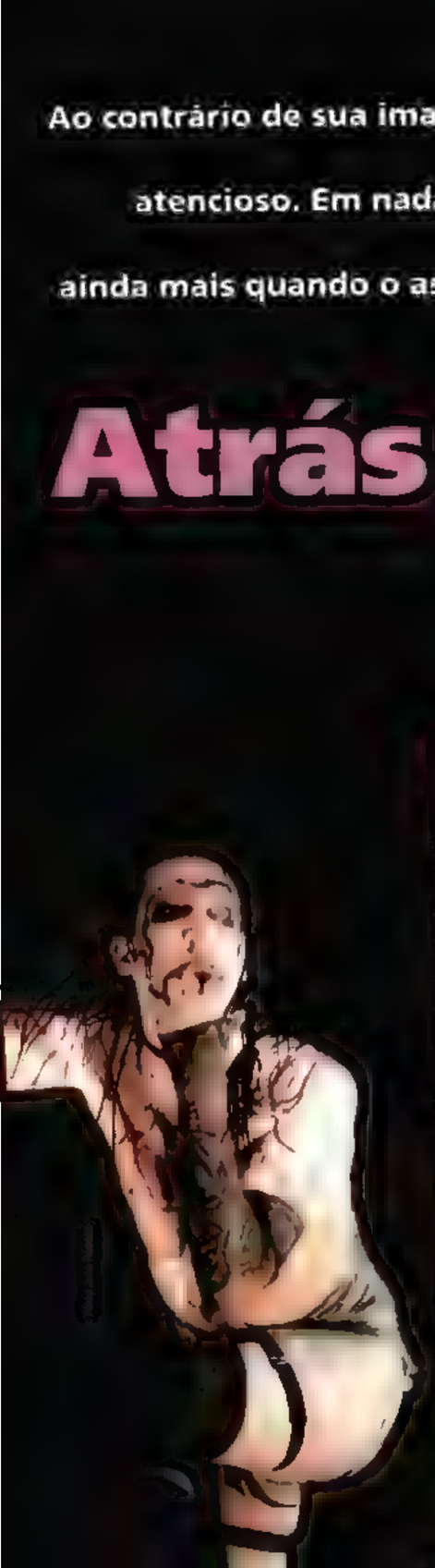
Pedro Mariano lançando seu mais novo trabalho.

A nova música brasileira já tem uma voz.

TRAMA
Uma empresa

Ao contrário de sua imagem, Marilyn Manson é gentil e atencioso. Em nada lembra o artista associado com polêmica, ainda mais quando o assunto é divulgar seu próximo trabalho...

Atrás dessa lente...



...tem um cara legal

Por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

Faz calor nesta tarde de junho, mas Marilyn Manson ignora trajes de verão. De roupa preta e óculos escuros, o polêmico vocalista acaba de chegar ao estúdio Westlake Audio, numa rua movimentada de Los Angeles. Ele está aqui para conversar com jornalistas estrangeiros e mostrar músicas de seu próximo álbum, *Holy Wood (In The Shadow Of The Valley Of Death)*. "Vocês serão os primeiros a escutar meu trabalho novo", diz o cantor, que está novamente de cabelo preto. "Vou tocar músicas que representam bem o disco, mas ainda não há títulos confirmados", avisa.

Acompanhado por funcionários de sua gravadora, Marilyn – ou Brian Warner, seu nome real – leva os jornalistas à sala de gravação. Em pé, ele comanda a mesa de som com auxílio de um técnico. "Esta música deve abrir o disco, então gostaria de tocá-la primeiro", anuncia com sua voz baixa e branda. Sua educação contrasta com o clima sombrio de sua arte. Afinal, seus shows têm atos grotescos e sadomasoquistas, seu pseudônimo une a atriz Marilyn Monroe e o assassino Charles Manson, e seus álbuns exploram rock pesado por meio de psicodelia e surrealismo.

A primeira música da sessão tem andamento moderado e acordes de guitarra extremamente distorcidos. No refrão, o berreiro vocal surpreende os presentes. O instrumental é bem heavy metal, diferenciado apenas por um clima melancólico e uma camada de efeitos sonoros. "Vocês ficaram surdos?", Marilyn pergunta após o fim da canção, justificando o volume altíssimo das caixas de som.

Ele se senta para mostrar a segunda canção. Como a anterior, ela segue a linha pancada de *Antichrist Superstar*, disco de 1996 que levou Marilyn ao estrelato. A canção seguinte, em contraste, lembra o estilo mais atmosférico de *Mechanical Animals* (de 1998), cujo tema crítica seres humanos que não possuem almas e agem como máquinas. O canto melódico encaixa-se bem com o andamento lento. As três músicas seguintes retomam a metaleira de *Antichrist Superstar*. Uma delas é tão pesada que o vocalista começa a bater o pé. O engraçado é que, mesmo com a luz fraca do estúdio, ele não tira seus óculos escuros.

Terminada a sessão, Marilyn leva os jornalistas à sala onde falará de *Holy Wood*... pela primeira vez. É uma situação curiosa, pois o vocalista havia dito que seu site (www.marilynmanson.com) seria seu "único meio de co-

Sempre com bons argumentos (por mais absurdos que sejam), o vocalista não foge de nenhuma questão

"Apóio as drogas, mas quem abusa delas acaba queimando o filme dos outros usuários"

raram o disco novo. "Bebi 12 garrafas de absinto. Foi o que Van Gogh tomou quando cortou sua orelha", ele fala da forte bebida proibida nos Estados Unidos. O vocalista prefere manter o significado do all um em segredo, mas da uma pequena pista: "Andei pensando muito sobre o Vale da Morte (na Califórnia, onde Charles Manson morou) e o assassinato do presidente Kennedy, que comparo à crucificação de Cristo".

Marilyn diz que continuará com seus shows teatrais para promover *Holy Wood*... Sempre inspirado por Alice Cooper e David Bowie, ele garante que a próxima turnê terá um visual ainda mais forte do que os anteriores. "Não posso revelar os detalhes, mas planejo fazer os melhores shows de minha carreira", finaliza.

Já que o assunto é turnê, o que Alice Cooper, tido como o inventor do rock teatral, teria a dizer de seu pupilo? "Marilyn Manson conseguiu causar polemica e raiva nas pessoas efetivamente", diz o dono hotel em Phoenix, Arizona. Só espero que ele tenha senso de humor. Ele personifica Marilyn Manson assim como eu personifico Alice Cooper. E eu não devo pensar que é Marilyn Manson na vida real.

Gentil e atencioso, Marilyn está longe de ser comportamento obsceno e agressivo em palco, justificando a teoria de Alice. O fato é que, excluindo tal aspecto polemico, a musica é o fator principal na carreira de um cantor. Se o som não convence, não há sucesso. Marilyn, porém, cava tanta polemica – e é aberto para falar sobre assuntos polemicos – que o publico acaba colocando seu talento musical em segundo plano.

Nessa entrevista exclusiva a SHOWBIZZ na suite de um hotel a 20 minutos do estudio, Marilyn abriu o jogo sobre algumas baixarias.

Você é noivo da atriz Rose McGowan, famosa pelo filme *Pânico*. O que ela acha de suas provocações sexuais em palco?
Ela respeita meu trabalho tanto quanto eu respeito o dela. Rose sabe que sou um artista. Obviamente, algumas coisas que faço a deixam meio sem graça. Mas se ela quer ficar comigo, tem de me aceitar do jeito que sou.

Por causa dos ataques que sempre recebe da sociedade americana, incluindo acusações de ter inspirado o massacre na escola Columbine (onde dois estudantes, David Klebold e Eric Harris entraram atirando e mataram 15 pessoas em abril de 1999), Marilyn diz que sua raiva e boas doses alcoolicas inspiram a confrontação com a humanidade". A primeira pergunta então é obvia: por que concordar em falar com a imprensa hoje? "O site é meu veiculo preferido de expressão, pois ninguem edita minhas ideias ali. Mas, como vou lançar disco novo, seria injusto que eu, um ex-jornalista, não deixasse vocês me entrevistarem", responde o artista.

Justamente por ser ex-jornalista, Marilyn sabe lidar com a imprensa. Suas respostas são diretas e desembaraçadas. Ele não se afeta com perguntas apimentadas. Um jornalista de sotaque fortíssimo lhe questiona: "A palavra 'morte' sempre está em suas letras. Como você gostaria de morrer?" O vocalista ignora o tom negativo da pergunta e responde com humor: "Levando o maximo de pessoas comigo".

Nesse ínterim, a parte, Marilyn diz que seu album novo será acompanhado de um livro – ambos programados para sair no segundo semestre. *Holy Wood*... e o livro completarão a trilogia iniciada nos discos *Antichrist Superstar* e *Mechanical Animals*. O vocalista explica que, convencionalmente, *Holy Wood*... é o primeiro capitulo, *Mechanical Animals*, o segundo, e *Antichrist Superstar*, o terceiro. Depois, ele lançara um livro com pinturas ligadas ao disco – já disponíveis em sua pagina na internet – e talvez produza um filme.

O vocalista Boy George, do Culture Club, disse que você gostaria de cantar uma musica dele. É sério?
Apresentei minha mãe ao Boy George e ela ficou louquinha por ele. Tentei explicar que ele é bicha, mas ela não me deu ouvidos. Seria irônico eu fazer um cover para "Do You Really Want To Hurt Me?", ja que muitas pessoas querem mesmo me machucar. Mas não a farei. Apenas disse que seria um ato interessante.

Você mencionou na autobiografia *The Long Hard Road Out Of Hell* que recusou um pedido de sexo oral do guitarrista Dave Navarro (ex-Jane's Addiction e Red Hot Chili Peppers). O que ele achou disso?
Ele inverteu a historia dizendo que eu lhe pedi sexo oral. É apenas seu ponto de vista. Ainda somos amigos. Ele tocou numa musica do *Mechanical Animals*.

Quem esta falando a verdade então?
No que me diz respeito, eu estou.

Ele lhe deu permissão para colocar isso no livro?
Não, mas ele ficou feliz, pois sempre gosto de ter seu nome mencionado.

Você reclamou que a revista americana *Spin* publicou mentiras a seu respeito. O que houve?
Eu havia conversado com a repórter sobre aspectos negativos de minha gravadora. Ela então contatou a companhia para discutir essas criticas, o que me causou muitos problemas. Eu estava prestes a processar a revista, mas liguei para o editor com boas intenções e disse que não tinha problema. Ele ficou babando no ovo e disse que me colocaria na capa da revista após o lançamento do *Mechanical Animals*. Nunca considerei a *Spin* uma publicação com credibilidade suficiente.

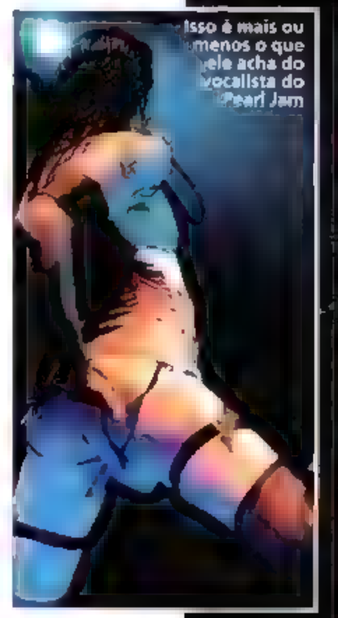
Seu grupo fez um show memorável no Brasil em 1997. Você acha que os brasileiros estão mais ligados em sua música ou na sua ideologia?
É difícil dizer. Eles devem identificar-se mais com a musica por causa da barreira da língua. Acho que curtem menos o significado das letras.

É verdade que você exigiu que as bebidas fossem servidas em copos de plástico durante as apresentações no país?
Não. Talvez os produtores tenham feito isso para evitar que eu fizesse besteira. Já quebrei garrafas e coisas do tipo no palco, mas não me lembro dessa situação no Brasil.

Outra história é que você fez macumba para o diabo antes do show. Dá para confirmar?
(risos) É mentira!

Dois fãs americanos foram presos ao vestir sua camisa "I Am The God Of Fuck" ("Eu Sou O Deus Da F*"). Você se sentiu mal em lhes causar problemas?
Com certeza. os fãs curtiram esse problema tanto quanto eu. De certo modo, eles desafiaram as pessoas quando vestiram minha camisa. Eles fizeram o que eu faço com minha musica.

Seu video *Dead To The World* mostra pessoas protestando em seus shows. Você não acha que está lhes dando crédito demais?
Não mais do que me ajudam na mídia ao ficarem protestando. Apenas quis mostrar ao mundo o que tenho de aturar todos os dias. Como essas pessoas ficam me seguindo, distorci seus rostos no video.



Tiro ao alvo

Marilyn revela sua opinião sobre alguns vocalistas famosos:

Ozzy Osbourne
"Me diverti muito excursionando com Ozzy. Ele é o mesmo cara de sempre. Por isso, é respeitado até hoje."

Eddie Vedder (Pearl Jam)
"Chato, pretensioso e não tem nada para oferecer. Ele não faz videos nem dá entrevistas porque acha que o mundo deve ajoelha-se para sua banda."

Madonna
"Uma grande inspiração. Ela se transforma de modos interessantes com o passar dos anos."

Scott Weiland (Stone Temple Pilots)
"Ele buscou a fama e meteu-se num meio que talvez não lhe seja adequado. Eu apóio o uso de drogas, mas quem abusa delas queima o filme dos demais usuários."

Gwen Stefani (No Doubt)
"Um doce de garota. Acho que seu namorado *(Gavin Rossdale, líder do Bush)* quer transar comigo."

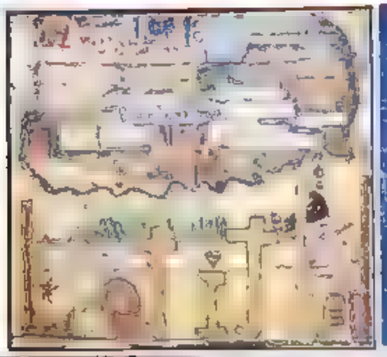
Keith Flint (Prodigy)
"Sucesso passageiro. Ele é um cara legal, mas não o considero um compositor. É apenas uma personalidade que se transformou num objeto de mídia. Não que ele não possua talento: só acho que não terá vida longa no meio musical."

Mick Jagger (precisa falar?)
"Demais! Ele compôs as maiores músicas do rock."

David Bowie
"Talvez um dos maiores rockstars de todos os tempos. Ele cruzou fronteiras infinitas."

Ando nada desligado

Fotos: Daniela Dacorso



Nessas e outras páginas seguintes, criações de Arnaldo que decoram sua chácara em Minas Gerais

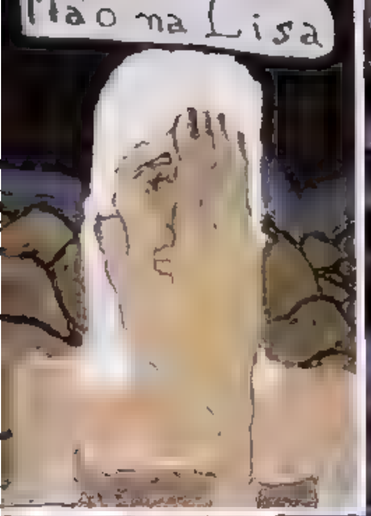
Lobão descreve seu encontro com Arnaldo Baptista no refúgio do mutante, em Juiz de Fora. O que não faltou foi filosofia...

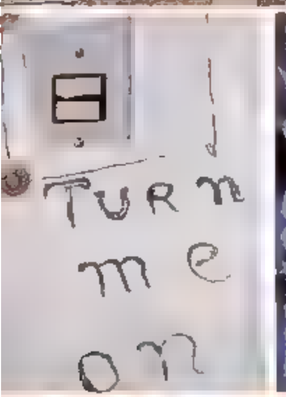
Sexta-feira, dia de inverno, eu e minha mulher, Regina, colocamos alguns cobertores no carro e partimos rumo ao aeroporto Santos Dumont (Rio) para pegar o Zé Flávio, que, por sua vez, já tinha chegado de São Paulo e com sua mochila aguardava a fotógrafa Daniela Dacorso aparecer para darmos início a nossa inevitável viagem rumo ao centro do meu destino: Juiz de Fora, Minas Gerais, cidade onde habita meu amigo e lenda viva da própria vida, Arnaldo Baptista.

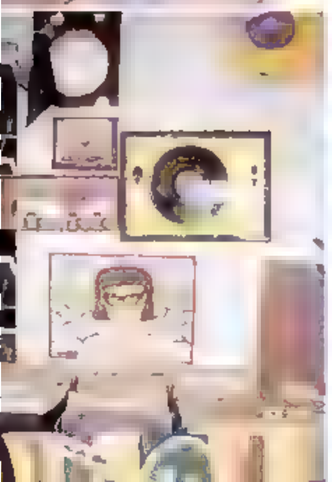
Depois de uma viagem bela, cheia de ansiedade e preparativos, conseguimos encontrar o caminho da morada com auxílio providencial de Lucinha (mulher de Arnaldo), que, por telefone, nos conduzia ao nosso paradeiro.

Uau! Muita alegria! Abraços e confraternizações prenunciavam uma tarde-noite excelente. Entramos pelo jardim, em meio a esculturas-criaturas, "aranha-céu" e outros personagens fantásticos refeitos da cloroquina e da "arte-manha", para chegar ao mundo transbordante e irreconhecível de uma das cabeças mais geniais e mais importantes que já "pisaram" em todas as praias deste planeta.

Desafiando todas as leis da gravidade, dos órgãos, da compreensão, Arnaldo continua gênio porque em sua poderosa e misteriosa estrutura há algo indecifrável, absurdo, que o faz, a cada momento, reinventar novas possibilidades de vida numa intensidade que muito poucos experimentaram, num eterno reafirmar que o gênio tende a imbricar em seu próprio corpo: o corpo sem órgãos – como uma aranha e sua teia no ar. Ou, se preferirem, como um mutante...







Esse é "o" cara

por José Flávio Júnior

Esta reportagem é o mínimo que Arnaldo Baptista merece no 15º aniversário de SHOWBIZZ. Do garoto paulista que fundou os Mutantes em 1966 até o ser humano recluso (mas ainda brilhante) em que se transformou, uma vida passou. Após conceber álbuns fundamentais em companhia de Rita Lee e do irmão Sérgio Dias, Arnaldo inventou a Patrulha Do Espaço, cantou sozinho no arrebatador *Loki?*, virou rato do underground e sucumbiu à loucura de sua época. Foi depois de uma crise por uso de drogas, em 1982, que ele, sem entender por que estava internado num hospital, decidiu fugir, pulando pela janela do quarto, no segundo andar. Com parte da massa encefálica comprometida em decorrência da queda, o veredicto dos médicos não poderia ser mais cruel: estado vegetativo.

Vivendo com sua mulher numa espécie de chácara (carinhosamente chamada por Lobão de Arnaldolândia) em Gramunha, bairro de Juiz de Fora, Arnaldo foi surpreendentemente redescobrindo sua arte. Passou a pintar e desenhar em ritmo frenético, construiu seu próprio estúdio, reaprendeu a tocar o baixo e o teclado que tão bem tratara em suas antigas composições, escreveu livros (ainda inéditos) e provou que até prognósticos médicos podem ser mutantes.

Houve até um álbum (*Disco Voador*, de 1987), gravado em dois canais, obra do destemido Luiz Calanca, proprietário do selo Baratos Afins. "As letras são maravilhosas, mas o disco tem mais valor terapêutico do que artístico", relembra Calanca.

Arnaldo não ousa perder um segundo de sua nova vida. Dorme pouco, toma energéticos (no dia da matéria, houve até um momento de degustação de Red Bulls, Blue Jeans e Flash Powers com Lobão, outro adepto dessas bebidas) e cria – de engraçados trocadilhos a máximas geniais.

Lobão foi escolhido para ser o jornalista da história por inúmeros motivos. Sua admiração pelo ex-Mutante é tamanha, que o fez levá-lo ao palco do Palace (SP) para interpretarem juntos "Sexy Sue" no último mês de maio. Há alguns meses, chegou a deixar alguns CDs atuais na chácara para ver se tirava Arnaldo da frente da vitrola. Aredio, o amigo não saiu de seu mundo de vinil e continuou ouvindo os originais de Jethro Tull e Diana Ross (que estava na agulha quando aportamos).

Ainda assim, num momento da entrevista, Lobão tentou explicar-lhe o que são rap e drum'n' bass e fizemos uma audição dos mais recentes trabalhos de Queens Of The Stone Age (adorou o nome), Moby (ficou tentando adivinhar quais eram os instrumentos utilizados) e Tortoise (vibrou ao saber que a banda é fã de Mutantes).

É muito difícil dizer o que esse ser fantástico ainda é capaz de produzir. Ele não precisa fazer mais nada, apesar de querer muito – o que deve ser considerado. A célebre frase do maestro Rogério Duprat (produtor dos Mutantes) resume a ópera: "Arnaldo Baptista é responsável por quase tudo o que aconteceu na música brasileira de 1967 para cá".

O disco "terapêutico" (*acima*), que fez o artista voltar a sorrir

De vez em quando, Arnaldo brinca com a bateria. Lobão, um ex-baterista, avalia seu desempenho

"A guitarra foi lançada quando eu nasci, é tão antiga... Foi o contrabaixo que levou o rock adiante"

E como nada pode deter a alegria das descobertas, entre uma bela lasanha e alguns cigarros, começamos a conversar sobre diversos assuntos à beira da mesa, como rock'n'roll, dobras espaciais, Tropicália, pintura, UFOs, ser ou não ser presidente da República, divindade, ateísmo, válvula, graves, jazz e bossa nova.

Qual o próximo lance? Sim, é isso que mais instiga nossa curiosidade: o que virá? Músicas, livros, pinturas, teoremas, noitadas excelentes... tudo por vir, tudo por fazer. E em algum instante se percebe que, com todas as histórias, revoluções, façanhas extraordinárias, Arnaldo nos hipnotiza em direção ao devir, aos acontecimentos grávidos de acontecimentos. Estamos no meio da usina. Na usina do Ar.

Ar é o nome do estúdio onde se entra através de uma grande boca cheia de dentes, portas-bocas, altos-falantes-bocas, instrumentos-esculturas, baixos-relógios, discos de vinil gargalhando junto de uma bela coleção de clássicos de todos os estilos, uma bateria ambidestra cercada por cones, tamborins e atabaques, quadros, relógios solares, mapas do corpo humano, teclados, válvulas incrustadas em telas, aparelhos indecifráveis à primeira vista... Prancheta, pincéis, lápis de todas as cores e, como eu já havia estado lá antes, percebo que o ambiente muda constantemente. O ambiente respira, está vivo.

De repente, vasculhando os mais variados LPs, deparo com um exemplar que me causou espanto e surpresa: trata-se do disco do Walter Franco (Respire Fundo) gravado em 1975, que contém minha primeira participação como músico profissional (no encarte! João Luís Lobão).

Como não tinha sequer ouvido a versão final da canção ("Um Lindo Blue"), não havia reparado que o Arnaldo também tinha gravado um piano na faixa! Que loucura! E lá fomos nós dar uma escutada naquela descoberta arqueológica.

E, para completar, tinha o Lulu Santos (creditado como Lulu dos Santos) na craviola e o Sérgio Dias (!) na guitarra. Arnaldo falou da alegria que teve ao saber que o Teonicolor havia sido resgatado numa gaveta perdida da gravadora e da incógnita que é o paradeiro de vários masters de discos-solos seus (ele tem uns quatro ou cinco), que torceremos para que sejam encontrados (esses discos estão registrados em gravações de segunda ou terceira geração e, portanto, não possuem a mesma qualidade do bolachão primordial, mas, mesmo assim, são peças essenciais em qualquer discoteca).

De qualquer maneira, é imprescindível o lançamento dessa obra poderosa, que todos nós, de pés juntos, estaremos implorando para quem estiver em posse desses masters, que faça o glorioso serviço de torná-los disponíveis para uma galera ávida e sequiosa de novidades atemporais e fundamentais...

Lobão: Fico pensando na passeata contra a guitarra elétrica... Você se lembra?
Arnaldo: Lembro. Na época, eu falei: 'Tem gente que diz que é contra a guitarra. Mas ela foi lançada quando eu nasci por Les Paul. Foi o contrabaixo que levou o rock adiante". A guitarra é tão antiga...

Lobão: Quando você começou, existia alguma pressão para que você fizesse música purista?
Sim, principalmente em casa. Minha mãe dava concerto na Europa. Papai era tenor do coral paulistano. Então, era tudo bem clássico. Piano de cauda, ópera.

Lobão: Recentemente, eu vi o Jorge Mautner dizendo que tinha sido um dos descobridores dos Mutantes.
Eu não me lembro disso.

Lobão: É, porque eu lembro de uma história com o Ronnie Von...
E isso existia. Ronnie Von era mais perto da gente. O Jorge tinha um lado meio distante, filosófico demais. Eu não conseguia entender totalmente.

Lobão: Você percebeu, quando começou a fazer música, o cenário da música brasileira se chocar com a sua proposta? Ou havia uma aceitação? Ou as duas coisas?
Tem uma coisa que pode ser dita. Existia no Brasil a bossa nova. E creio que ela é totalmente jazz. Então, a Tropicália bateu contra a bossa nova. E, parece incrível, mas bateu também contra o Ronnie Von e o Roberto Carlos. E a gente era um pouco bossa nova, mas não era, era um pouco Jovem Guarda, mas não era.

Lobão: É, isso é interessante. Porque os Mutantes tinham alguma coisa de Tropicália, mas não chegava a ser totalmente. Exato. Porque a gente não era baiano e ele era. (*risos*)

José Flávio: Você tem contato com Caetano Veloso e Gilberto Gil?
Não, nunca tive muito. Quando eles vêm tocar em Luiz de Fora, vou aos shows. Mas eles não dão ouvidos a mim.

José Flávio: Você tem novas aspirações, coisas que deseja gravar?
Puxa, tenho tantas coisas. Fico à noite pensando em coisas cada vez mais complexas. Tipo gravar a bateria e fazer ela entrar pelo canal do eco com o *phaser*. Ninguém vai entender. Nem eu entendo isso (*risos*). Mas vou levando adiante.

José Flávio: Mas você ainda pensa em melodias pop, em canções simples?
Realmente. Estudo diariamente e nisso eu coloco clássico, tento misturar um pop. Mas o que me leva é sempre o lado pop. Viajo bastante em Pink Floyd, Yes, Queen, Deep Purple, enfim, esses conjuntos mais ritmados.

José Flávio: Agora, uma pergunta clássica: o rock morreu?
Não. Ele sempre muda. Uma hora está de um jeito, outra hora está de outro. Existem centenas de grupos, mas, com os instrumentos de que gosto, só uns três. Que use Gibson com amplificador valvulado, conheço poucos.

Lobão: Outro dia eu estava vendo o Lenny Kravitz e lembrei muito de você. Uma guitarra Les Paul, uma Gibson Flying V, uma mulher na bateria...
Ah, isso é tão importante...

José Flávio: O que é tão importante?
Mulher na bateria! Tem uma violência uma coisa que... Às vezes, eu penso: "Será que o homem é necessário?" Mulher no rock é sensacional.

José Flávio: O que você sentiu tocando "Sexy Sua" no palco com Lobão?
Achei que foi uma porra-louquice maravilhosa (*risos*). Às vezes a gente tem vontade de fazer uma coisa "lenha" e sai. Às vezes sai uma bagunça. Mas gostei. Saiu melhor do que eu esperava.

A dupla discutindo os rumos da humanidade

"Às vezes, eu penso: 'Será que homem é mesmo necessário?' Mulher na música é sensacional"

José Flávio: Você imaginava que a obra dos Mutantes iria perdurar por tanto tempo? Que as pessoas ainda estariam se interessando 30 anos depois?
Sem dúvida. Isso é muito interessante. Nós sempre tivemos altos e baixos. Às vezes, eu achava que estava horrível. Uma hora, pegava fogo nos instrumentos e diziam que nós não tínhamos mais saída. Depois, os roadies eram presos. Aí, ganhávamos um festival, gravávamos um LP com *phasing*... Ou seja, um troço enorme. Às vezes, me pergunto se meu trabalho ainda vai durar muito.

José Flávio: Quando você se interessou por Mutantes, Lobão?
Lobão: Na época mesmo. Eu comprava os discos e a coisa que mais me fascinava era a questão da língua. Na Jovem Guarda usava-se muito versões de músicas, geralmente românticas. O primeiro grupo que fez a história toda soar genuína foram os Mutantes. A livre associação com vários idiomas, com "El Justiciero", "It's Very Nice Pra Xuxu". Uma liberdade linguística fantástica, com vários sotaques.

José Flávio: Você passa muito tempo pintando e desenhando. Mas você troca isso por outras expressões artísticas de vez em quando?
Isso é interessante porque a nossa parte de criação tem vários caminhos. E eu estava voltado para a literatura. Escrevi uns livros, cada um com mais de 200 páginas. Mas não consegui editora se não eu segurar adiante. São difíceis e os títulos são esquisitos. Um se chama *Jatos de Energia Retilíneos* (*risos*).

José Flávio: Você ficou feliz com a edição de *Tecnicolor*?
Eu desconfiava que tinha gravado algo na Europa, mas não me lembrava. Quando essa fita foi descoberta, chorei feito uma criança. Era uma época em que estávamos muito empolgados, querendo transformar os Mutantes numa espécie de Beatles ou Rolling Stones. Mas isso é passado.

José Flávio: O que você achou de *A Vida É Doce*, último disco do Lobão?
Algo totalmente inesperado, que tem coisas maravilhosas. A gente se sente contente e preenchido. Não é uma gargalhada grátis, é uma pessoa consciente rindo.
Lobão: Que lindo isso (*risos*)!

Pois bem! A noite chega, uma tarde memorável, hora de regressar. Está tudo envolto na mais completa alegria, muitos abraços... a gente continua se vendo constantemente... e tramando várias coisas... e pé na estrada, que tudo ainda está por vir...

Eu, por meu turno, me sinto privilegiado por ter nessa figura única do armado um amigo que, ao mesmo tempo, é um gigante que inundou meu imaginário, que mudou por completo a minha visão de música, que inventou uma nova língua para uma cultura que caminhava, cheia de varizes retumbantes, para os tapetes roídos das divas e divos da empebê.

Um gigante que trazia as regras da caretice reinante permeando em todos nós a vontade de saber alguma coisa diferente, em movimento – sempre em movimento –, desbravando todos os mares, todos os desertos, todos os abismos, engravidando todos os rios, todos os desertos, todos os abismos.

Um popstar que até hoje não abre mão de manter os longos e eriçados cabelos no mais cuidadoso desleixo

Tristeza sem remédio

Parece que agora não tem mais jeito: depois de muitas ameaças, Robert Smith anunciou o fim inapelável do Cure. Como ele mesmo afirmou nas letras de seu último trabalho, "se não pode ser como era antes, tenho apenas de deixar acabar". Vai-se a banda, ficam suas belas canções

Por Abonico R. Smith

Muitas civilizações celebram aquele que parece ser o mais próximo sentido da morte: a transformação. A alma que deixa o nosso mundo tem sua passagem festejada exatamente porque cumpriu sua missão durante o tempo que ficou por aqui. No música pop também deveria ser assim. Fãs poderiam muito bem comemorar a morte de uma banda, por mais importante e significativa que ela seja para o seu coração. Poderiam entender que seu objetivo foi realizado durante o tempo necessário, por mais que a necrofilia voraz da indústria fonográfica insista em denegrir belas carreiras trazendo do baú momentos desastrosos e vergonhosos que deveriam ficar restritos para sempre ao limbo.

No começo de junho foi oficializado o fim de mais um grande grupo internacional. Semanas antes, Billy Corgan revelou o fim das atividades do Smashing Pumpkins até o final do ano. Robert Smith declarou que seu Cure também está nos últimos capítulos. Em entrevista ao site *Wall Of Sound*, ele disse que deixará a banda assim que acabar a turnê promocional de último álbum, *Bloodflowers*. Como Smith é o centro de todas as atividades, dá para deduzir que o final nunca esteve tão próximo. O vocalista revelou que seu próximo projeto será começar a gravar um álbum-solo em setembro. Acrescentou ainda que gostaria de fazer parcerias com outras pessoas que conheceu ao longo dos anos e que os demais integrantes do Cure também participarão em duas faixas do disco.

Na verdade, ele só pôs um ponto final na suspeita que há tempos ainda rondando sua turma. Após o lançamento do cultuado *Disintegration*, em 1989, Robert Smith anunciou o fim do grupo com letras garrafais. O sucesso do disco o fez mudar de idéia e seguir em frente, mesmo encarando a subsequente saída de três ótimos músicos – o tecladista e ex-baterista Lol Tolhurst, o baterista Boris Williams e o polivalente Porl Thompson, ficando apenas o baixista e fiel escudeiro Simon Gallup – daquela que fora a principal e mais duradoura formação do grupo.

A década de 90 trouxe muitos dissabores. Foram apenas três discos inéditos (*Wish*, *Wild Mood Swings* e *Bloodflowers*) e um grande hit radiofônico ("Friday I'm In Love") nos últimos dez anos. Músicos medianos foram chamados para ocupar as vagas na banda e Smith ainda encarou um longo tempo de depressão e apatia criativa. Um atrito com a gravadora fez com que a segunda coletânea de singles, *Galore*, passasse completamente batida, com pouquíssima divulgação. O vocalista chegou a declarar que estava com vontade de criar um selo

Pílulas contra (e pró) depressão

Three Imaginary Boys (1979): Guitarra, baixo e bateria secos. Sem efeitos ou eco. Pós-punk em estado bruto.

Boys Don't Cry (1980): Relançamento do álbum anterior no mercado americano, porém com outro nome e acréscimo de algumas faixas.

Seventeen Seconds (1980): Primeiros toques de sintetizações gélidas, mixadas lá no fundo.

Faith (1981): Batida funebre, tons menores, estética do desespero.

Pornography (1982): Consolidação do mergulho profundo pelo lado soturno da vida. Versos descrevem grandes delírios movidos a drogas. Para muitos, a obra-prima da banda.

The Walk (1983): Flerte descarado com a vedete da época, o tecnopop. Neste EP, o Cure finalmente encontra um pouco de alegria.

Japanese Whispers (1983): Coletânea de compactos lançados entre o final de 1982 e o final de 1983.

The Top (1984): A banda retoma a densidade e a tristeza, desta vez com nuances de psicodelismo.

Concert: The Cure Live (1984): Primeiro registro ao vivo da banda a ser lançado e o primeiro título a chegar no mercado nacional. Reflete a recente fase de grandes performances nos palcos britânicos.

The Head On The Door (1985): Descaradamente pop, para cima e dançante, com vários hits nas rádios e pistas roqueiras. Lançado no Brasil um pouco antes da primeira vinda da banda, marca a década com faixas como "Close To Me", "A Night Like This" e "Inbetween Days" (que até virou tema do programa *Clip Clip*, da Rede Globo).

Standing On A Beach/Staring At The Sea: The Singles (1986): A maior vendagem do Cure por aqui. Dispunha cronologicamente todos os lados A dos compactos e resumia toda a carreira da banda até então. As versões em CD e vinil possuem diferentes nomes, extraídos dos versos da primeira faixa, "Killing An Arab". E o cassete traz também os lados B.

Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me (1987): A grande ousadia da banda. Tenta fundir as sonoridades dos dois trabalhos anteriores de estúdio. Concebido como disco duplo, rende alguns hits e uma das mais belas letras de amor já escritas no rock'n'roll, "Just Like Heaven".

The Peel Sessions (1988): Gravado em 1978 para o programa do lendário DJ inglês John Peel. Flagra ao vivo as quatro melhores músicas do início da carreira.

Disintegration (1989): Voltam a angústia e as sonoridades lúgubres da dobradinha *Faith/Pornography*. Já em final de carreira, a banda acaba emplacando diversos hits em rádio e volta a vender bem.

Mixed Up (1990): Pegando carona no sucesso imprevisto de *Disintegration* e na febre da dance music iniciada anos atrás com o ecstasy e o Verão do Amor, a gravadora juntou dez remixes de músicas novas e antigas (mais uma inédita) e preparou outro álbum duplo. Supérfluo, somente para fãs.

Wish (1992): Sem o fundador Tolhurst e com formação em transição, o disco reflete a confusão interna da banda. Atira para vários lados e acerta apenas em um alvo: o single hit "Friday I'm In Love", que remete às sonoridades de *The Head On The Door*.

Show (1993): Gravado durante uma noite na cidade americana de Detroit, o disco é proposto como uma continuação de *Concert*, concentrando o repertório entre *Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me* e *Wish*.

Paris (1993): "Segunda parte" de *Show*. O set list, agora na capital francesa, passa a vasculhar preciosidades antigas.

Entreat (1994): Tapa-buraco para ocupar o espaço de um álbum inédito que não foi concluído a tempo. Flagra mais uma vez o Cure em ação nos palcos. Foi lançado com tempo predeterminado de venda e hoje não se encontra mais em catálogo.

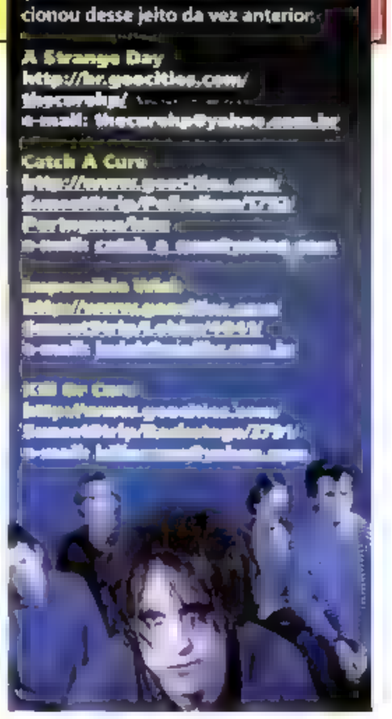
Wild Mood Swings (1996): Depois de quatro anos e da crise de depressão e apatia criativa de Robert Smith, o tão esperado novo disco. Com músicos que nem de longe repetem o brilho de integrantes anteriores, o Cure traz canções medíocres e decepciona. Sem dúvida, o pior trabalho da carreira.

Galore: The Singles (1997): Segunda coletânea cronológica dos lados A dos compactos. Pega de *Kiss Me, Kiss Me, Kiss Me* a *Wild Mood Swings*. Traz ainda uma inédita.

Bloodflowers (2000): Epitáfio sofrido e melancólico. Robert Smith é bastante explícito em todas as letras de que este é realmente o fim.

Ajude a trazer o Cure novamente ao Brasil

É a sua última chance. Você pode dar a sua colaboração para que a turnê de *Bloodflowers* passe pelo Brasil. Esta seria a terceira vinda do Cure, que já fez uma pequena turnê por Rio, São Paulo e Porto Alegre em março de 1987 e tocou nas duas primeiras capitais na derradeira edição do Hollywood Rock, em 1996. Escreva para alguns dos melhores sites brasileiros sobre a banda e engrosse um abaixo-assinado dos fãs. Funcionou desse jeito da vez anterior.



Singularidade é o maior legado que o grupo deixa em 23 anos de carreira

próprio e vender disco na internet). Sem muita força e vontade para compor novidades, ele precisou de quatro arrastados anos para terminar um álbum medíocre (*Wild Mood Swings*) e recompôs o último trabalho baseado apenas em suas impressões pessoais sobre o final da carreira.

FECHO COM CHAVE DE OURO

Lançado em fevereiro deste ano, *Bloodflowers* significou mais um momento do atual momento do vocalista. Quem ler atentamente os melancólicos versos das novo faixas terá fortes indícios da dissolução da banda. Smith, que não deve ter esboçado qualquer sorriso enquanto compunha as letras, fala sobre passagens, transformações e falta de perspectiva para o futuro. Tece amargos comentários sobre sua idade (tinha 39 anos durante a gravação do disco) e o tempo. Descarta qualquer possibilidade (remetendo ao que houve com *Disintegration*) e conclui que já não há mais fogo para queimar.

Mayby Someday", faixa que vem sendo executada por algumas rádios nacionais, é um grande desabafo – segundo Smith, foi ouvindo a versão demo desta música que os outros integrantes perceberam a iminência da separação. O vocalista é bastante explícito: "Não, não vou fazer mais isso! Não desejo mentir. Se não pode ser mais como era antes/ Tenho apenas de deixar acabar/ [ ] Se não pode ser mais como era antes/ Tenho apenas de deixar descansar". Impossível ficar imune, impossível não derramar ao menos uma lágrima.

Apesar de mergulhado no mais profundo desânimo, *Bloodflowers* fecha com chave de ouro a louvável trajetória de uma das mais importantes bandas do pop britânico. Contando compilações de singles e registros ao vivo, foram 22 discos lançados em 23 anos de carreira. Tendo sempre Robert Smith como centro gravitacional, o Cure atravessou diversas tendências – não bastasse ter passado ileso por todas essas, foi um dos poucos casos da história de banda que mudava radicalmente de sonoridade sem perder a qualidade e parecer oportunista.

Nasceu em 1977, durante a efervescência punk; incorporou os ecos dessos e soturnos da cold wave (vem daí a eterna paixão dos góticos resistentes); pegou carona nos teclados e programações dançantes do tecnopop, mergulhou fundo no psicodelismo revisitado, simplificou tudo para tornar-se apenas pop, experimentou grooves funky (com direito a naipe de metais), voltou a encarar as sonoridades da cold wave no final da década passada e, mais recentemente, chegou até a encarar latinidades como o mariachi.

POSTURA PECULIAR

Se os discos foram marcados por toda esta competente bagunça sonora, no visual o Cure adotou uma postura bastante peculiar. Robert Smith até hoje não abre mão de vestir preto dos pés à cabeça (exceção para os tênis brancos surrados que não saem dos pés), usar batom vermelho e manter os longos e encaçados cabelos no mais cuidadoso desleixo. Nada de pose, apenas o próprio estilo de alguém que nunca leu para modismos e grifes e vive comprando roupas de catálogo. Algo libertário e fascinante para todo um contingente de admiradores com delicadeza e sensibilidade à flor da pele, que sempre percebeu em Smith um modelo a seguir na atitude do seja-você-mesmo. O tempo à frente, finalmente o mundo tornou-se um lugar possível para ser estranho e diferente, falar de amor e dançar ao som de canções de ninar.

Além da influência direta em nomes da música e cinema como Kurt Cobain, Courtney Love, Billy Corgan, Trent Reznor, Tim Burton, Johnny Depp e Christina Ricci, a singularidade é justamente o maior legado que Robert Smith pôde deixar em mais de duas décadas à frente da banda. O grupo é um dos poucos casos na história da música pop que, para o bem da humanidade, não deixa qualquer herança nefasta – apesar da fase lúgubre da banda sempre ser comparada a contemporâneos como Siouxsie & The Banshees, Bauhaus, Sisters Of Mercy, Mission e Joy Division, todos grandes amigos do preto e das catacumbas. Mas o fato é que nenhuma banda se atreveu a trilhar pelos mesmos caminhos abertos pelo Cure, que morre neste ano justamente com a missão cumprida: ser um pilar único (e arrebatador e fundamental) na cronologia do rock'n'roll.

Golpe nas paradas

Um dos maiores representantes do peso atual, o Limp Bizkit atingiu o primeiro lugar com sua mistura de guitarras e rap. Um estilo que, segundo seus integrantes, está "definindo uma geração musical". Será?

Por Daniel Oliveira
De Los Angeles, EUA

A indústria musical americana levou um choque em junho de 1999: o Limp Bizkit tirou o Backstreet Boys do topo da parada da *Billboard*, vendendo 634 mil cópias de seu segundo disco, *Significant Other* em apenas uma semana. Na veia de Kid Rock e Rage Against The Machine, o grupo de Jacksonville, cidade da Flórida, comprovou a força dos artistas que misturam as guitarras do metal com os ritmos do hip-hop. "Nosso estilo está definindo uma geração musical", diz o baterista John Otto. "A empolgação é como na época do grunge. São apenas estilos e atitudes diferentes."

Nos Estados Unidos, a expectativa em torno do terceiro disco da banda, *Chocolate Starfish And The Hot Dog Flavored Water*, lembra a apreensão do Metallica entre seu auto-intitulado álbum e *Load*, e do Guns N' Roses entre *Appetite For Destruction* e *Use Your Illusion*. É aquele momento quando um artista lançará o sucessor de um disco famoso. Afinal *Significant Other* vendeu 6 milhões de cópias e estabilizou o Limp Bizkit como novo medalhão do rock americano. "É demais que eu e a banda façamos parte da vida dos garotos", diz o vocalista Fred Durst. "Não estamos criando uma emoção nova. Apenas escrevemos sobre o que sentimos. Obviamente, milhares de pessoas sentem o mesmo."

Uma cena musical de sucesso inspira jovens a formar bandas e batalhar para atingir o sucesso de seus ídolos. Contudo, na medida em que mais e mais bandas surgem, a cena satura-se e destrói-se gradualmente. Foi o que aconteceu com o grunge depois que várias bandas seguiram os passos do Nirvana. Os membros do Limp Bizkit

Fred Durst (de boné), alvo de devoção por parte dos kids

Durst, Otto, o guitarrista Wes Borland e o baixista Sam Rivers e o DJ Lethal – temeriam então que seu estilo musical morra, já que tantos outros o estão tocando? "Não importa o que aconteça sempre há grupos que sobrevivem em cada cena", reflete Borland. "O principal é o artista, não a cena musical. Todo mundo achava que o Stone Temple Pilots era cópia de Pearl Jam e Soundgarden, mas o grupo está aí até hoje."

Formado em 1994, descoberto pelo grupo californiano Korn e introduzido por um cover hilário de "Faith" (de George Michael), o Limp Bizkit cavou sua longevidade pela conexão com seu público. Ao contrário de tantos grupos americanos atuais, o quinteto tem fãs que curtem seus álbuns, não apenas os hits nas rádios. Além disso, a banda conta com admiradores que se identificam com sua imagem e atitude urbana. Nos shows, a molecada coloca o boné invertido de Durst, canta a maioria de suas letras e pula loucamente durante todas as músicas. É um perfeito casamento entre banda e público.

Durst sente-se bem ao ver milhares de garotos o idolatrando. Ele também teve seus ídolos de infância, como Gene Simmons, do Kiss, cuja maquiagem costumava imitar. "Não há nada em minha personalidade que as pessoas inspiradas por mim não possam utilizar em suas vidas", diz o vocalista, sem nenhuma modéstia. "Não há problema nisso, pois sei que sou boa pessoa."

DE SACO CHEIO

Chocolate Starfish And The Hot Dog Flavored Water, programado para sair em setembro, intensifica o estilo musical do Limp Bizkit. Mais forte que *Significant Other* e que o primeiro disco do grupo, *Three Dollar Bill, Yall$* (1997), o trabalho vai fundo na fusão de metal e hip-hop, destacada pelos vocais melódicos e agressivos de Durst e as guitarras saturadas e experimentais de Borland. O vocalista analisa: "Se você gosta das partes pesadas, elas são ainda mais pesadas. Se você gosta das partes hip-hop, elas são ainda mais hip-hop. E se você gosta das partes melódicas, elas são ainda mais melódicas."

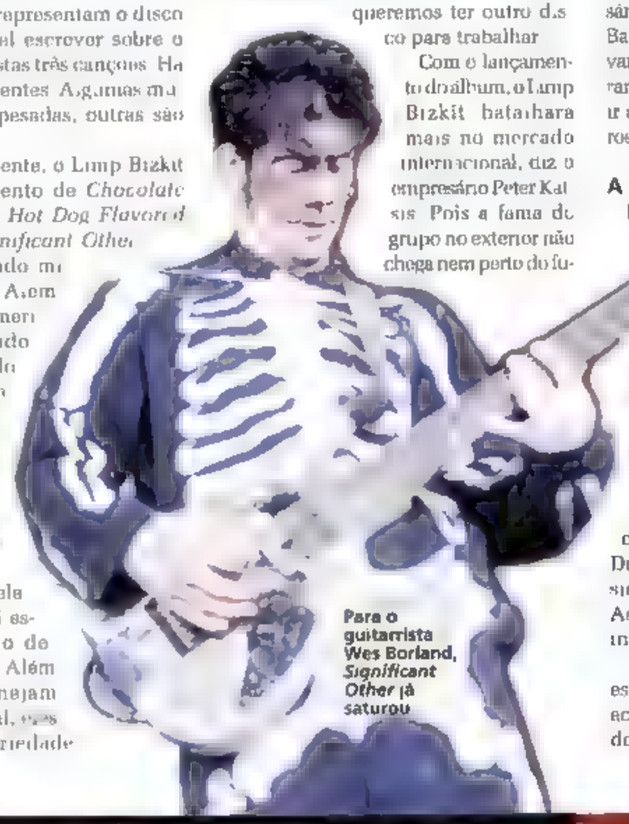
No estúdio Larrabee Sound, em Los Angeles, onde o Limp Bizkit está gravando seu novo trabalho, SHOWBIZZ ouviu três músicas: "Boiler", "My Generation" e "Knock The Fuck Out". Elas demonstram o lado metal e vio-

Durst acha que o Metallica está sendo infantil ao proibir o livre tráfego de suas canções na internet

lento do grupo. Com exceção de alguns climas atmosféricos, estas faixas são tão agressivas quanto qualquer coisa já gravada pelo Slayer ou Pantera. Durst explica que elas não representam o disco todo. "É impossível escrever sobre o disco ouvindo só estas três canções. Há muitos estilos diferentes. Algumas mais sérias não são tão pesadas, outras são mais hip-hop."

Surpreendentemente, o Limp Bizkit prepara o lançamento de *Chocolate Starfish And The Hot Dog Flavored Water* quando *Significant Other* ainda está vendendo milhares de cópias. Além disso, as rádios americanas estão tocando direto a versão do grupo para o tema de *Missão Impossível*, incluída na trilha do segundo filme da série. Por que então lançar outro disco nesse momento?

Borland diz que ele e seus parceiros já estão de saco cheio de *Significant Other*. Além disso, como planejam uma turnê mundial, eles querem ter material de sobra para tocar no palco. "Finalmente aprendemos a compor músicas que funcionam bem ao vivo", diz o guitarrista. "Se vamos excursionar por dois anos e meio, queremos ter outro disco para trabalhar."



Para o guitarrista Wes Borland, *Significant Other* já saturou

Com o lançamento do álbum, o Limp Bizkit batalhará mais no mercado internacional, diz o empresário Peter Katsis. "Pois a fama do grupo no exterior não chega nem perto do fu-

ror que o quinteto causa nas paradas americanas. Katsis atribui isso à falta de suporte das rádios em outros países. "É apenas uma questão de tempo", diz o empresário, que também trabalha com Korn e Backstreet Boys (!). "Bandas de rock levam mais tempo para explodir, mas duram mais que bandas de pop. Esperamos ir ao Brasil e outros mercados estrangeiros. Estamos nos esforçando para isso."

A BRIGA DO NAPSTER

Para satisfazer os fãs e divulgar o novo disco, o Limp Bizkit está fazendo uma turnê gratuita [illegible] Estados Unidos. Os shows estão sendo patrocinados pelo site Napster, que permite aos visitantes carregar MP3s – músicas em arquivos digitais – dos computadores de outros visitantes. Inventado pelo estudante americano Shawn Fanning, o Napster está sendo processado pelo Metallica, o rapper Dr. Dre e a Associação da Indústria Musical Americana (Recording Industry Association Of America), que alegam infração de direitos autorais.

Analistas argumentam que o Napster está ameaçando o mercado musical. Eles acham que os artistas estão sendo roubados por não serem pagos pelo fluxo de suas músicas na internet. Além disso, eles temem que os consumidores pararão de comprar discos por causa desse crescente acesso gratuito. A polêmica está pegando fogo entre artistas, empresários e gravadoras nos Estados Unidos.

Segundo o site oficial do Metallica, 135.435 usuários do Napster trocaram cinco músicas da banda em apenas três dias. O grupo apóia o trânsito de gravações piratas ao vivo porque não afeta as vendas dos discos de estúdio, explica o empresário Peter Mensch. Contudo, a banda é contra esse fluxo massivo de gravações de estúdio. "O verdadeiro fã sabe que o Napster poderá destruir o Metallica e a música em geral", prega o guitarrista e vocalista James Hetfield na home page da banda. O baterista Lars Ulrich põe mais lenha na fogueira. "Estamos processando o Napster por um simples motivo, ele existe para piratear música. Nada mais, nada menos."

Durst, porém, diz que Ulrich está agindo com infantilidade. "Não temos nenhum problema com o Napster. Ele está ajudando muito a promover nossa banda." Katsis, também otimista, acha que o Napster ajuda na venda de discos. "Esta atividade na internet tem inspirado os garotos a comprar mais álbuns. Não queremos terminar com este entusiasmo. O Limp Bizkit é um grupo urbano, cuja música identifica-se com os garotos na internet. Estamos expandindo o público." Durst conclui: "Os garotos estão crescendo com esta tecnologia. Esses consumidores nasceram entre 1988 e 1990. O que você espera? Este é o mundo que criamos."

O figurino "urbano" do vocalista é copiado à exaustão pelos fãs

O AXL ROSE DO ANO 2000?

UM CARA OCUPADO

Além de cantar no Limp Bizkit, Durst tem diversas atividades paralelas, como dirigir os clipes e planejar o palco dos shows do grupo. No momento, está trabalhando no roteiro de um filme, *Runt*, que produzirá com David Fincher, diretor de *Clube Da Luta* e *Seven - Os Sete Pecados Capitais*. O vocalista também tem uma gravadora, Flawless, e ainda arruma tempo para trabalhar com outros artistas. Ele cantou na música "B.e.I", do primeiro disco do Soulfly, lançado em 1998. "Foi uma experiência intensa e espiritual", lembra do seu trabalho com Max Cavalera. "Gravamos em cima de uma montanha, no fim do mundo. Foi demais."

Mas estas atividades poderiam atrapalhar o compromisso de Durst com o Limp Bizkit? "Duvido", fala Otto. "Tudo que ele faz beneficia a banda. Quando é hora de nos dedicarmos ao grupo, ficamos todos na mesma onda." O selo de Durst lançará, entre outros, discos do artista de hip-hop Swish e do grupo de rock Sinister. O vocalista diz que músicos podem mandar suas fitas para Flawless-Interscope Records, c/o Fred Durst, 10900 Wilshire Blvd. suite 1230, Los Angeles, CA 90024, USA. Mas Durst realmente escutará todas as demos? "Uma por uma", ele garante.

Nações do mesmo mundo

A lama do mangue secou e começa a rachar quando Nação Zumbi e Mundo Livre S/A passam a trilhar caminhos opostos – mesmo que seguindo a tríade samba, suingue e subversão

por Alexandre Matias Ilustrações: Félix

Coincidências não existem e as leis que regem o acaso são muito mais complexas do que as que regem o caos. Deparamos com situações aparentemente estranhas ao nosso cotidiano, mas que, com o tempo, tem sua lógica redesenhada e explicada de forma clara, como se esses momentos que nos desviam do dia-a-dia tivessem sido colocados no caminho por pura molecagem. Nada acontece sem querer e quem ainda não percebeu isso bate cabeça à procura de uma explicação mais simplista para a vida.

Há dez anos, duas bandas viam seus destinos se cruzarem. De um lado, o Lamento Negro, futura Nação Zumbi, com referências de maracatu e hip-hop. Do outro, o Mundo Livre S/A, com quase dez anos de estrada entre o samba de Jorge Ben e o punk. "São duas vertentes bem definidas, com temática e sotaque semelhantes", diz Fred 04, líder do Mundo Livre. Ternos formado uma cena no Recife num momento em que a cidade se desvencilhava da tradição conservadora e regional. A gente tem sempre uma atitude comum."

Identidade assimilada, as duas bandas colidiram em 1994 e invadiram a lama como mangue beat, cujo nome é hoje proferido em vão por dezenas de bandinhas sem personalidade que, mesmo em lugares sem mangue, como Brasília e o interior de São Paulo, ostentam ocos estandartes, chapéus de palha e cavanhaques consagrados pelos dois conjuntos. Mas se tiveram a mesma origem aos olhos públicos, a distância entre os dois grupos (que dá a amplitude do gênero inventado por eles) é evidente. "A Nação é uma banda que nasceu nos anos 90, sob uma ótica hip-hop, um gênero que sempre teve em seus elementos mais importantes o sample, colagens e a necessidade de estar antenado, tentando buscar o groove mais avançado", continua 04. "Já a gente tem mais essa preocupação, não de buscar um perfeccionismo e apuramento técnico, mas que puxa para a intuição e para essa coisa da música brasileira, da harmonia. Mas a distância ampliada por uma desavença de bastidor entre o então empresário da Nação Zumbi, Paulo André, organizador do festival Abril Pro Rock, e Gute, empresário do Mundo Livre, do festival Rec Beat], as duas bandas mantiveram carreiras semelhantes e paralelas.

NOMES EM COMUM

Como de praxe, lançam discos – *Por Pouco*, do Mundo Livre, e *Rádio S Amb.A*, da Nação Zumbi – em momentos simultâneos, com meses de diferença. O primeiro é mixado pelo mesmo Mario Caldato que remixou a Nação em seu último album, além de ter sido arranjado pelo mesmo Bid que produziu *Afrociberdelia* e *CSNZ*. O trombone de Bocato dá o ar de sua graça nos dois discos, assim como a zabumba de Eder "O" Rocha, do Mestre Ambrósio. Lia de Itamaracá representa o folclore em *Rádio S Amb.A*, enquanto o grupo Comadre Florzinha vem com igual intuito ao final de *Por Pouco*. O da Nação conta com o papa Afrika Bambaataa e integrantes do Tortoise, enquanto *Por Pouco* abrasileira "Shakin' All Over" (eternizada pelo Who) em "Treme-Treme" e "Minha Galera", de Manu Chao. Ambos os discos passaram pelo estúdio YB durante as gravações. Para completar, 04 aparece em *Rádio S Amb.A* e Jorge Du Peixe sai do *Mundo Livre* em seu novo álbum.

Os dois discos foram criados ao mesmo tempo, amadurecendo na virada de 1998 para o ano 2000, mas só vendo a luz do dia no meio deste ano. "A gente teve tempo suficiente para fazer o que queria", explica o principal vocalista da Nação, Jorge Du Peixe. "Foi um trampo de dois anos (de 1998 para cá). Tínhamos várias coisas em andamento, compondo de várias formas – você sabe: música vem de várias maneiras." O final de 1999 também foi produtivo para o Mundo Livre. Era a fase que a gente estava compondo mais material e eu me inspirei muito em samba. A gente até se questionou: 'Pô, vai virar um disco de samba'. Mas mais vale uma coisa que tenha uma verdade do que ficar atirando para tudo quanto é lado por oportunismo, para acompanhar determinado momento musical."

INFLUÊNCIA EXPLÍCITA

Samba é a palavra que une os dois discos, tanto em forma quanto em conceito. "Poucas pessoas percebem isso, mas é um disco de samba", continua Jorge. "A Nação sempre teve essa coisa meio 'sambadelica' desde o *Da Lama Ao Caos*. O maracatu vem do samba, o encontro de nações de maracatu chama-se samba. Não tem como fugir disso." *Por Pouco* vai além e não dilui o gênero na psicodelia; é samba descarado, referências a Jorge Ben, Tom Zé e samba de breque (com sample de Moreira da Silva) explicitadas. Além de Manu Chao, que compartilha o mesmo espírito do Mundo Livre.

"Conheci o CD *Clandestino* (*álbum de Chao*) no ano passado", conta 04. "E na época – quando a gente estava gravando a primeira demo desse disco – eu não tinha nenhuma expectativa de que *Clandestino* saísse no Brasil. Achei um absurdo que essa música ['*Minha Galera*'] – por ter sido composta e cantada em português por Manu Chao, um cara prestigiado, lançamento francês – não fosse divulgada no Brasil. Não dava para deixar passar em branco."

Igualmente, a Nação capturou dois raios que caíram de repente no Brasil: o grupo de pós-rock Tortoise e o rapper Afrika Bambaataa. "Ze Gonzalez, do Planet Hemp, foi quem levou o beat de *Low Fi Dream* e pintou a chance de gravar com o Tortoise, que estava em turnê no Brasil. A gente nem conhecia os caras, eles vieram com tudo e trouxeram o som e Dan Bitney e Jeff Parker tocaram com a gente numa boa", lembra Du Peixe. "E o Bambaataa, a gente conheceu quando ele veio naquele festival Du Loco. É um velhinho simpático."

Duas bandas da mesma espécie, mas com formas e essências diferentes

IGUAIS SÓ NO PAPEL

"É o primeiro disco que a gente grava num contexto industrial, numa demanda maior", 04 muda de assunto. "Isso provoca uma expectativa de 'ah, esse deve ser mais comportado, mais adestrado'. Mas, se contar o número de faixas, é o mais político." O grupo não se acanha em adotar essa postura dentro de uma organização de mídia do tamanho da Abril. "É um pouco do espírito punk de ser o veneno na máquina", justifica. "O próprio Manu Chao, numa entrevista recente em SHOWBIZZ, falou que tem de estar alerta porque rebeldia é muito vendável, pode abrir um novo filão. Mas estamos tranqüilos, porque desde o primeiro temos isso, não vamos ser acusados de oportunistas. E usamos ironia, sarcasmo, não uma coisa meramente panfletária."

"Nenhum tipo de música é puro", reflete Du Peixe, explicando a pluralidade de sons regidos por seu conjunto. "É o que o (*antropólogo*) Hermano Vianna diz naquele livro *O Mistério Do Samba* (*que batiza a primeira fase do disco do Mundo Livre*): todos os sons têm influências de todos os lugares, de todo tipo de som."

Com discos e atitudes idênticas, Mundo Livre e Nação Zumbi soam exatamente iguais no papel, segundo a cartilha da tríade samba, suingue e subversão, os dois bradam credos que dizem a intuição como a melhor alternativa ao sistema, o drible enquanto estratégia de ataque. Mas soam opostos: o Mundo Livre aposta no samba com refrão e introdução, colocando a voz e o cavaquinho em primeiro plano, enquanto a Nação aposta na fusão extrema e psicodélica da guitarra distorcida com baixo reggae e trovões de percussão.

"É um prolongamento de algo que vinha desde o começo desta cena", explica 04. "Ar nadurecemos de formas diferentes, temos essências diferentes, mas somos da mesma espécie", emenda Du Peixe. E ainda há quem acredite em acaso.

Patrocínio

USINA DO SOM
www.usinadosom.com.br

www.SuperSurf.com.br
Quando você entra, não quer mais sair.

Pickup oficial do SuperSurf

PICK-UP
Ford
PACK FORTE

Apoio
Fiat

Realização
Abril

Os roteiros das melhores praias para o surf, mapas, dicas de onde ficar e onde comer.

Clique aqui

Todo sábado, a partir das 17.30 h, na Bandeirantes, você entra em contato com o mundo do surf e com o melhor do Circuito Brasileiro. Para saber mais sobre o programa e ver os vídeos dos melhores momentos, é só navegar por este site.

...verdadeiro ... Brasil ... dores.

... no ... Circuito Brasileiro de Surf Profissional

CLINICA | BEACH GIRLS | ÚLTIMAS NOTICIAS | PRE ISÃO | SUPERSURF NA TV | CAMPEONATO | PICOS

Minha Coleção João Gordo

Nem tudo é punk

Hard rock dos anos 70, metal da década de 80 e rap nacional convivem com toda espécie de podreira que se espera do acervo do líder do Ratos de Porão

Vida de punk é f*. Por acreditar no estilo de vida difundido mundialmente a partir de 1977, João Gordo acabou sacrificando a coleção de LPs que acumulara durante a adolescência. A maioria das raridades que o vocalista adquiriu na eterna Galeria do Rock do centro de São Paulo não está mais em seu poder. "Quando estava duro, não tinha nem dinheiro para comer. Vendia os discos. Se eu tivesse juntado, teria [illegible]."

Gordo está na fase de recomprar tudo. Com seus rendimentos mais estáveis, graças ao salário da MTV que pinga em sua conta todo mês, faz visitas constantes a um sebo perto [illegible] que divide com outras duas pessoas, localizado no Brooklin (bairro classe média paulistano), atrás dos álbuns de hard rock que o conquistaram antes da descoberta de Ramones e Sex Pistols. "Dinheiro que vem fácil, vai fácil" é sua atual máxima. No dia da visita de SHOWBIZZ, comemorava a aquisição de três vinis: *Sabotage*, do Black Sabbath, *Live*, do Slade, e *Hemispheres*, do Rush. "Meu, 'La Villa Strangiato' é a melhor música que já fizeram no mundo! Estou recomprando todos os rocks pauleiras de que eu gostava nos anos 70: Kiss, Queen, Runaways, Van Halen, Rainbow, Aerosmith, Ted Nugent, Cheap Trick, Black Sabbath, Deep Purple, Foghat. Quando eu era moleque, gostava de disco ao vivo. Então, virei freguês do 'véio' da loja de usados aqui perto. Consegui o primeiro disco que tive, o duplo do Sweet, que é parte ao vivo, parte em estúdio. Não lembrava como era e pirei quando pus para rolar."

Sua coleção possui mais estilos do que um fã do Ratos pode imaginar. Os cerca de 2 mil CDs armazenados em seu quarto são separados por gêneros e subgêneros, sendo que os favoritos são acomodados num [illegible] gigante ao lado de sua cama. Em um lado da torre ficam os exemplares de punk [illegible], com as bandas em ordem alfabética e sua discografia organizada cronologicamente: Adverts, Buzzcocks, Clash, Damned, Dead Boys, Dickies, Dictators, Ramones, Rev[illegible], Rezillos, Sham 69, Undertones, Vibrators, terminando com Wire. No outro lado fica o que ele classifica como punk inglês dos anos 80: Abrasive Wheels, Addicts, Anti-Nowhere League, Anti pasti, Antissep[illegible], Chaos UK etc.

Mais uma rodadinha na torre e chega a parte mais underground: Abortion, Anal Cunt, Asbesto, Brujeria... É o começo da parte *grind* e *crust* de seu acervo. São bandas representantes da escola mais extrema do hardcore. "Os caras falam de carne podre e acidente de avião. É o extremo do extremo. É f* [illegible] vai tomar no c* [illegible]", observa.

Muitos discos dessa praia foram [illegible]prados em excursões do RDP pela Europa. Nas barraquinhas de shows é onde o punk faz a festa, conseguindo [illegible] compactos de bandas mais que obscuras. "Ainda não ouvi 80% do que está aí", diz [illegible]ntando para uma caixa com mais de 100 "sete polegadas".

Acima de sua coleção de monstrinhos descansa o metal. Coisas dos anos 80, tipo Exodus e Slayer. É nessa prateleira [illegible] está o disco que Gordo mais ouviu na vida: *Reign In Blood*, do grupo de Tom Araya e Kerry King. "Ouço até hoje. É maravilhoso."

Prateleira especial

[illegible]
Hormoaning
"O Hollywood Rock de 1993 foi f* para mim. Vejo o L7 com o Ian MacKaye (*Fugazi*) de roadie e Big John, do Exploited, como roadie do Nirvana. Eu pirei. Esse *Hormoaning* é um EP japonês do Nirvana. Dei para o Kurt Cobain autografar e ele escreveu: 'Kurt and Axl are lovers' (Kurt e Axl são amantes)."

RZO
Todos São Manos
"Esse é meu disco favorito do ano passado. É um clássico (*cantarola*). Sem conversa fiada, é assim que se fala."

Dead Boys
We Have Come For Your...
"Eu também tenho o Dead Boys que o Kid Vinil citou. Vou pôr naquela listinha dos pretendidos, que nem aquele viado fez (*risos*). Esse é o segundo deles, raríssimo, que não tem em CD não sei por quê. (N. do E.: existe em CD, sim. O Kid tem [illegible].)"

Royal Crown Revue
The Contender
"Adoro esses caras. São uns punks que pensam que estão na década de 30. Eram underground total, mas, depois que entraram na trilha do *Maskara*, estouraram."

Adverts
Crossing The Red Sea With...
"O mais caro que já comprei. Foi na Galeria do Rock, em 1977, que só tinha três lojas de discos: Grilo Falante, Baratos Afins e Wop Bop. Para comprar punk, esta última era a melhor, só que era difícil descolar os ingleses mais caros. Eles punham em leilão: quem desse o maior lance, levava para casa. Consegui comprar porque roubava dinheiro da minha mãe (*risos*). Na cara dura. Coitada, não vou entrar em detalhes."

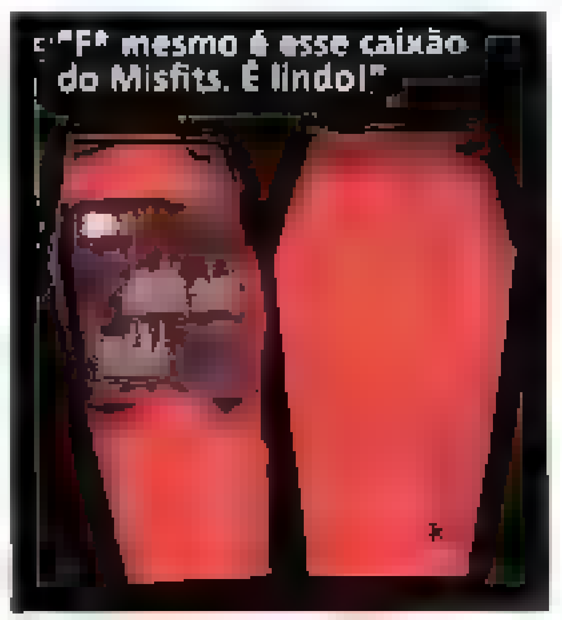
Muzzarelas
Jumentor
"É o disco nacional que eu mais gosto. Na verdade, eu amo esse disco. Produzido por mim. Hoje em dia, ninguém me chama mais para produzir. Odeio estúdio, mas já gravei 12 discos. Tenho experiência. Quando pinta uma banda nova legal, dou umas ideias e geralmente fica bom. Esse *Jumentor* é demais."

[illegible]
Juke Box #1
"Essa é uma caixinha com todos os compactos dos Beatles para [illegible] de jukebox. Os disquinhos são coloridos. É demais, cara. E eu adoro Beatles."

FARRA DA CATARRADA

Dentro de um armário [illegible] primeira vista de roupas [illegible] ficam alojadas outras praias e tipos de barulho. Tem o cantinho clubber com Asian Dub Foundation, Roni Size, Prodigy e o primeiro disco de música eletrônica que comprou, *Radio-activity*, do Kraftwerk. Bem próximo, fica a prateleira de rap nacional, sua atual paixão: Verbo Pesado, Xis, Faces Da Morte, DMN, Racionais, sobrando espaço até para o álbum pesadão do Vanilla Ice, *Hard To Swallow*. O ska também tem um lugarzinho, bem como o velho e o novo hardcore americano, os grunges, os grupos *straight edges* e os representantes do cenário independente brasileiro. Mukeka Di Rato, Olho Seco, DFC, Carbona e Cólera acomodam-se ao lado da coleção completa de Raimundos e do seu Ratos.

É claro que, apesar dos vários estilos e de um ou outro estranho no ninho, como *Fiesta En México*, do mariachi Miguel Dias, a predominância em seu lar é da fase áurea do punk rock, o que faz João Francisco Benedan se lembrar de vários causos. "Teve uma festa, lançamento do *Whammy!* do B-52's, em que o Ira! tocou e o Kid Vinil foi o DJ. Era a festa dos óculos mais loucos, no Sesc Pompeia (SP). E nós, punks, fomos todos porque nas festas new wave rolavam as minas bonitas, riquinhas. O Nasi (*vocalista do Ira!*), quando me viu na plateia com o Clemente (*dos Inocentes*), se empolgou e começou a cuspir e a se cortar com uns cacos de vidro. Ele acertou uma catarrada numa japonesinha que estava bem na nossa frente. Nós ficamos com tanta raiva que devolvemos em dobro. Tomou tanto catarro naquele dia."



"F* mesmo é esse caixão do Misfits. É lindo!"

Gordo está prestes a se mudar para um apartamento em Moema (outro bairro classe média paulistano) que comprou há pouco. Seu quarto ficou pequeno para tantos pôsteres, adesivos, videogames, fitas de vídeo de séries japonesas, miniaturas e, obviamente, discos. "[illegible] de tonelada, não tenho controle. Se tiver 30 que quero, pego e f*-se. Mas é um p* vício legal", diz o recém-convertido à geração saúde. E manda a derradeira: "Quero ser enterrado com todos os meus CDs e discos dentro do caixão. Tenho o maior ciúme dessas merdas."

José Flávio Júnior

Discos independentes, CDs e fitas demo
Envie para: Caixa Postal 66157,
CEP 05315-970, SP

Sonhar é (im)preciso

Há 15 anos [illegible] várias bandas que [illegible] começavam a aparecer no cenário nacional. A Legião Urbana gravava seu primeiro videoclipe (da música "Será"). O Biquíni Cavadão lançava seu compacto de estreia ("Tédio") e era apontado como "um dos quintetos [illegible] da cena carioca" pela [illegible] BIZZ. O Capital Inicial, inspirado pelo movimento punk, tinha acabado de deixar Brasília para morar em São Paulo e tentar conquistar o Brasil. Hoje, todo mundo sabe o que aconteceu com eles. Mas [illegible] reservado para quinze dos grupos mais promissores que figuraram na seção Democracia dos últimos meses? Eles mesmos respondem à pergunta: **Onde estarão vocês daqui a 15 anos?**

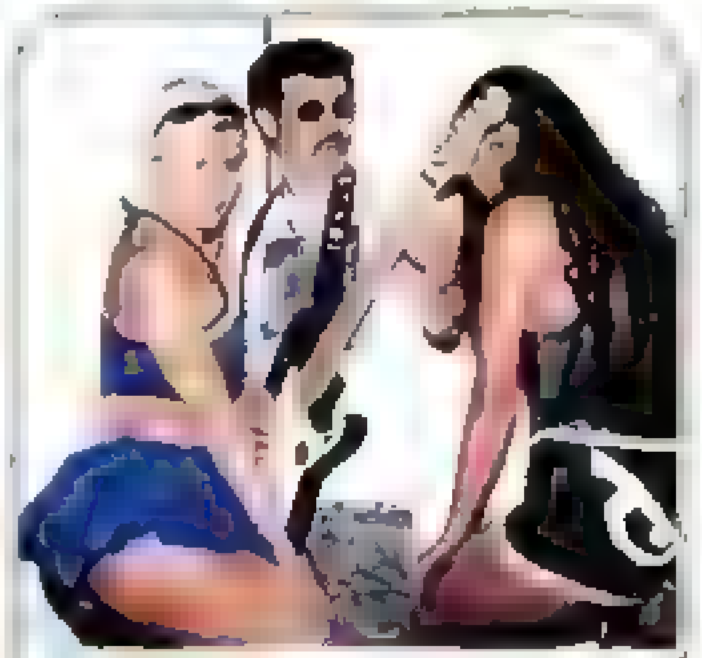
Bidê Ou Balde
Desde: 1998
Cidade: Porto Alegre, RS
Som: pop rock
SHOWBIZZ 175 – fevereiro/2000
"Após gravar um disco grunge, produzido [illegible] busca [illegible] espiritual [illegible] as paradas graças à [illegible] versão gravada por eles de [illegible] Marisa Monte [illegible] da Globo *Coração* [illegible] entrando às pressas [illegible] gravado ao vivo [illegible] Parque do Ibirapuera [illegible] com participações especiais [illegible] Mosquito [illegible] do Biquíni Cavadão [illegible]"

[illegible]
Desde: 1996
Cidade: Rio de Janeiro, RJ
Som: country hardcore
SHOWBIZZ 179 – junho/2000
[illegible]

Grenade
Desde: 1996
Cidade: Londrina, PR
Som: folk rock experimental
SHOWBIZZ 176 – março/2000
"A gente vai ter explodido. Só não sabemos [illegible] de estourar [illegible]"

PB
Desde: 1990
Cidade: São Paulo, SP
Som: pop rock
SHOWBIZZ 169 – agosto/1999
"A gente espera estar tocando em algum [illegible] desta cidade cada vez mais louca, com o mesmo tesão de sempre. Nas horas vagas [illegible] (vocal) deverá estar vendendo [illegible] primeiro álbum do PB como raridade num mercado de pulgas. Os outros integrantes da banda deverão estar tentando salvar uma [illegible] espalhadas [illegible]"

Sala Especial
Desde: 1997
Cidade: São Paulo, SP
Som: rock instrumental, easy-listening
SHOWBIZZ 173 – dezembro/1999
"Daqui a 15 anos, estaremos desfrutando muita sombra e água fresca."



Heavy Coco
Desde: 1995
Cidade: Solonopolis, CE
Som: brega metal
SHOWBIZZ 175 – fevereiro/2000
"Como já fui batizado de 'pai do brega metal', daqui a 15 anos quero ser um popstar, estar nas paradas, no 'auge' vendendo discos igual ao Falcão, afinal me espelho nele e nos Mamonas Assassinas. A base da besteira é a sabedoria, e vice-versa."

Mopho
Desde: 1996
Cidade: Maceió, AL
Som: rock psicodélico
SHOWBIZZ 176 – março/2000
"Esperamos ainda estar nos divertindo muito com a banda. Gravando discos, tocando, fumando, sorrindo, chorando e, quem sabe, ser capa de SHOWBIZZ."

4Track Valsa
Desde: 1996
Cidade: Rio de Janeiro, RJ
Som: rock neobossa nova
SHOWBIZZ 164 – março/1999
"Queremos estar [illegible] nosso estúdio dentro de um sítio. Lá a gente gravaria [illegible] bandas da galera e o nosso som [illegible] funcionaria como QG de um pequeno selo [illegible] nosso estúdio [illegible] com boate [illegible] cachoeiras próprias. Um 'Roque Resort'. É assim mesmo que vamos mandar [illegible]"

[illegible]
Desde: 1992
Cidade: Vitória, ES
Som: hardcore
SHOWBIZZ 156 – julho/1998
"[illegible] lugar pequeno, por R$ 4 ou R$ 5. Essa é a melhor forma de mostrar nosso trabalho para quem [illegible] a gente não gosta. Nada vai mudar [illegible]"

[illegible]
Desde: 1997
Cidade: Rio de Janeiro, RJ
Som: tecno e drum'n bass
SHOWBIZZ 176 – março/2000
"Quero estar excursionando com o Kraftwerk, ou com o que sobrar deles. Daqui a 15 anos [illegible]"

Thee Butchers' Orchestra
Ano: 1996
Onde: São Paulo, SP
Som: rock de garagem
SHOWBIZZ 175 – fevereiro/2000
"Com certeza, todo mundo estará careca, [illegible] e trabalhando muito. Não podemos garantir que será como Butchers', [illegible] tocando, gravando, produzindo, fazendo música. Não sabemos nem queremos fazer outra coisa. Só não podemos cair na rotina. Precisamos estar sempre inovando. Mas somos como uma família, não dá para separar [illegible] tempinho entre uma turnê e outra, entre aparições em programas na TV japonesa e [illegible] grupo irá passar maravilhosos fins de semana com a família em suas [illegible] mansões. Alguns já terão dezenas de filhos que brigarão entre si porque papai (ou mamãe) trouxe da turnê [illegible] incrível robô Mechmaster Yodesha somente para o filho caçula. Michel Vontobel, nosso baterista, estará internado pela 24ª vez numa clínica de reabilitação para tentar perder de vez seu [illegible] McDonald's e sanduíches 'gordurentos' de beira de estrada."

Supersoniques
Desde: 1996
Cidade: Recife, PE
Som: rock pesado
SHOWBIZZ 166 – maio/1999
"Daqui a 15 anos, a Supersoniques [illegible] frequentado por elementos de toda a galáxia [illegible] primeiro álbum [illegible]"

Video Hits
Desde: 1997
Cidade: Porto Alegre, RS
Som: pop rock
SHOWBIZZ 176 – março/2000
"A Video Hits estará [illegible] sua sexta turnê [illegible]"

Oito
Desde: 1992
Cidade: São Paulo, SP
Som: groove rock
SHOWBIZZ 171 – outubro/1999
"Daqui a 16 anos, após dez discos gravados, esperamos estar na Grécia com os gregos. Depois disso, podemos gravar a apresentação final: o álbum acústico."

Maybees
Desde: 1995
Cidade: São Paulo, SP
Som: pop rock
SHOWBIZZ 169 – agosto/1999
"Estaremos tocando em lugares grandes, mas arejados, com equipamento de som de altíssima qualidade e para pessoas que estejam vestidas em trajes impecáveis. O ambiente será todo decorado e haverá garçons por toda parte servindo comida e bebida de graça. Ou seja, estaremos animando os bailes de debutantes das meninas que estão nascendo agora em 2000."

Todos os manos na presidência

Time de bambas esquenta ainda mais as rimas da dupla pioneira do rap no país

THAÍDE & DJ HUM
Assim Caminha A Humanidade
Trama

Pioneiros do rap na década de 80, Thaíde e seu parceiro DJ Hum carregam o mérito de ter espalhado, entre milhares de garotos de periferia, o sonho de fazer rap no Brasil. Encararam a então precária distribuição da Eldorado, depois se envolveram num imbroglio com a TNT, fundaram um selo (Brava Gente), entre esporádicas aparições em programas de TV e muita propaganda boca-a-boca conseguiram espalhar sua fama por todo o país.

Em seu oitavo trabalho, *Assim Caminha A Humanidade*, os paulistanos Altair Gonçalves e Humberto Martins Arruda estreiam pela Trama celebrando a influência que possuem no cenário do hip-hop nacional e a mitologia em torno de seu nome – ampliada pelos quatro anos que passaram sem gravar.

Para acompanhá-lo nos vocais, Thaíde convidou um time de bambas. Além da inusitada participação de Chico César e de Nelson Triunfo (da lendária equipe de dança Funk & Cia.) fazendo um "rap embolada", a lista vai de Sandrão e Helião (RZO), Xis, Sombra (SNJ) e Marcelo D2 em "Apresento Meu Amigo", que arrebentou nas rádios rap de São Paulo – aos apadrinhados do Aliados do Gueto e do SP Funk – ambos lançados em *Rima Forte*, coletânea produzida em 1999 pelo selo da dupla. Destaque para a presença da mais nova aposta de Thaíde nos ritmos do rap nacional, a Academia Brasileira de Rimas – coletivo de MCs que se dedica ao *freestyle* (rap improvisado).

Thaíde mostra que está reciclando sua levada, incorporando novas emposta ções, ritmos e métricas. Também dá para perceber um sentido político nas letras que ecoam atitudes conscientes e frisam a unidade do movimento hip-hop – algo essencial neste momento em que o megassucesso dos Racionais conquista um público novo para o gênero.

A base sonora arquitetada por DJ Hum é caprichosa. Sem arriscar, ora segue a direção do disco anterior da dupla, *Preste Atenção*, com batidas soul e agudos de Linno Crizz, Paula Lima e Ieda Hills, ora investe no peso necessário ao estilo *freestyle*, baixando as batidas para b-boys. Nos samples, ponto para os metais introdutórios de "Take It Easy My Brother Charles", de Jorge Ben, na segunda faixa.

Noves fora, impressionam a generosidade e a competência num momento em que o rap nacional explode em criatividade e cresce a qualidade das produções. O público tem a chance de um bom panorama dos "emergentes" do gênero e Thaíde & DJ Hum consolidam sua posição de padrinhos. De quebra, anunciam a consolidação do estilo no cenário musical brasileiro, finalmente com distribuição nacional assegurada. Eles na fita.

Spensy Pimentel

FUN PEOPLE
The Art(e) Of Romance (7)
Ugly/Highlight

Hermanos românticos dão nova cara ao hardcore

O segmento rock viveu um mês de julho repleto de lançamentos de discos de bandas desconhecidas do grande público brasileiro – pena que a maioria desses grupos não mereça uma só frase caso de Suicide Machines, P.O.D. etc. Surpresa mesmo só esse disco dos argentinos do Fun People, produzido por Steve Albini (Pixies, Nirvana, PJ Harvey, Page & Plant), que sai pelo mui roseo Highlight. A banda que há dez anos agita o underground do país de Maradona, já se apresentou no Brasil, inclusive. Definir o som do FP como hardcore ou hardcore melódico chega a ser sacanagem, apesar de ficar nítido nas 26 músicas do álbum que eles parturam desse. Mas, no meio do caminho aconteceu o tango e todos os outros magnetismos da música pop que transformaram a banda num exemplar praticamente solitário de bom punk rock. Partindo da tônica "amor", surgem canções altamente emocionadas (em inglês, espanhol ou revezando) como "Take Over", "Middle Of The Rounds", "Leave Me Alone", "Si Pudiera", "Dick Dale" capazes de agradar tanto aos fãs de Buzzcocks quanto aos de Superchunk ou até de Travis. Como bônus, ainda há uma ótima versão para "Reel Around The Fountain", dos Smiths. É, parece que ainda existem bons hermanos legais.

José Flavio Junior

JURASSIC 5
Quality Control (10)
Interscope IMPORTADO

Fina flor do hip hop estreia em disco cheio

Qual foi o último álbum de rap que lhe deu boas-vindas? Pois *Quality Control*, novo trabalho do Jurassic 5 (seu primeiro LP completo), começa prometendo mostrar ao ouvinte "diferentes maneiras de se sentir bem". Recepção recomendada – se você é um dos poucos felizardos que botaram os ouvidos no EP de estréia da banda, em 1998, deve ter uma noção do tipo de prazer auditivo que lhe espera. Vindo da cidade que deu ao mundo o câncer chamado gangsta rap (Los Angeles), o J5 usa "velhas táticas para fazer acontecer" (como cantam no funk manhoso de "W.O.E. Is Me") e buscam nos princípios básicos do hip hop motivos para existir. Como a segunda vinda de um tão esperado messias do gênero, os quatro MCs do grupo – cheios de suingue e presença – cantam os mandamentos da rua, citando os "quatro elementos" (o DJ, o MC, o breaker e o grafiteiro) com rimas sossegadas, o que acende instantaneamente o sensor De La Soul. Mas a dupla Nu Mark e Cut Chemist (este, o melhor DJ de hip-hop do mundo) busca possibilidades inesperadas, fundindo tudo o que faça som com lógica e groove e fazendo o Jurassic 5 subir os degraus que o colocam como o melhor grupo de rap do ano 2000. Há mais de uma década o gênero não produzia iguaria tão fina.

Alexandre Matias

RITA LEE
3001 (6)
Universal

Fazendo o que sabe, a tia ainda dá um caldinho

Não há teoria jornalística ou elucubração capaz de, sequer, imaginar a sensação de envelhecer tendo às suas costas uma carreira gloriosa e a certeza de que, haja o que houver, seu futuro nunca mais repetirá o brilho, a alegria, a espontaneidade e o sucesso do passado. No mundo todo, esta é a questão que assombrou de Paul McCartney a Paulo Ricardo. Todos os veteranos só voltaram a parir discos bacanas quando se desobrigaram de refletir a evolução do planeta Terra e passaram a fazer o que sabem (ou o que querem) fazer. Rita Lee ainda não percebeu que não precisa gostar de techno, ou fazer concessões comerciais, para tentar superar os Mutantes em inventividade para fazer discos que loquem a alma de seu enorme público cativo. *3001* ainda insiste em ser "importante" e "moderno", mas quando tenta ser techno, soa como marombeiro-music (na faixa-título) e quando tenta ser pop e alegre vai além de qualquer adjetivo pejorativo (na versão de "Erva Venenosa"). Mas, quando Rita faz o que sabe – rock stoniano feminista, sensual e safado – é boa como havia muito, muito tempo a estrela não era. "Pagu", "Você Vem", "Aviso Aos Meliantes", "O Amor em Pedaços" e "História Sem Fim" (todas anacrônicas, desimportantes, deliciosas) provam que Rita Lee ainda tem futuro, o que a coloca em grande vantagem em relação a seus colegas geracionais. Basta desencanar para gozar no final.

Ricardo Alexandre

Sem Verve nem inspiração

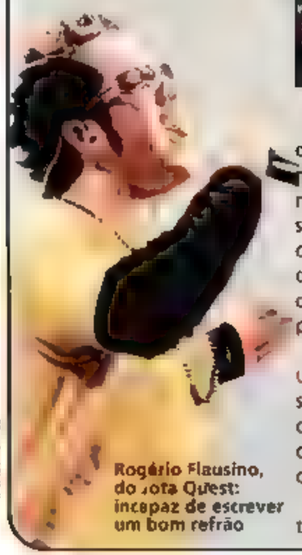
RICHARD ASHCROFT
Alone With Everybody (5)
Virgin

Desde *Northern Soul*, segundo álbum do Verve, Richard Ashcroft já dava sinais de que queria estar sozinho. "On Your Own" e "History", dois clássicos da banda, foram feitos durante seus períodos de isolamento, sem a participação do grupo. Com o álbum, lançado em 1995 e aclamado pela crítica, veio também uma longa turnê regada a drogas. Pouco tempo depois, a banda se separou. Já *Urban Hymns*, um dos melhores álbuns ingleses da década, foi quase inteiramente composto por ele. Mas Ashcroft, por ainda se considerar despreparado, preferiu ligar para seus ex-companheiros e propor um retorno. O resultado ninguém esperava: sucesso comercial, "Bitter Sweet Simphony", com arranjo emprestado de "The Last Time", dos Rolling Stones, e um clipe sensacional (Ashcroft vai cantando pelas ruas de Londres e trombando de propósito com as pessoas que passam pelo seu caminho) se transformou rapidamente na música do verão europeu de 1997. No plano pessoal, porém, a fama foi um desastre. A força dos holofotes e o desgaste da relação entre os integrantes, provocado pelo frágil temperamento do guitarrista Nick McCabe, decretou o final definitivo do Verve. Livre do passado e convicto de que a hora de sua carreira-solo havia chegado, Ashcroft cometeu *Alone With Everybody*. Para isso, chamou o mesmo produtor de *Urban Hymns*, Chris Potter, e o baterista do próprio Verve, Pete Salisbury. Não adiantou. Se o clima de "A Song For The Lovers", a primeira faixa de trabalho, permeasse o resto do CD, a história seria outra. Mas os poucos bons momentos do álbum acabam se perdendo, seja pela produção exagerada, caso das baladas "Brave New World" e "Everybody", ou pelas vazias e fracas letras, como em "New York" e "Money To Burn". O resultado não empolga. No caso de Ashcroft, o ditado se inverte: antes mal acompanhado do que só.

Juliano Zappia

Falta gás nessa Fanta

JOTA QUEST
Oxigênio (4)
Chaos/Sony



Rogério Flausino, do Jota Quest: incapaz de escrever um bom refrão

A coisa mais favorável que se pode falar do Jota Quest é que eles são adorados por muitos. Ora, o mesmo pode-se dizer de nazismo, Eunice Miranda e Paulo Maluf. Ou seja, a adulação não quer dizer mais porcaria nenhuma, especialmente nesse meio de rádio que nós conhecemos tão bem. É coisa para o Umberto Eco: música ruim pode soar boa se tocar bastante na rádio?

O Jota Quest não é culpado de nada. Dão um duro danado, fazem milhares de apresentações e suam a camisa em turnês nos cafundós do Judas. Mas quanto à música, que é o que interessa (ou não) no fim das contas, ficam devendo muito.

O pop brasileiro ainda sofre de uma brutal inanição criativa. Que o Jota Quest não consiga escrever um refrão melhor que "Mesmo com a fumaça/Oxigênio" é preocupante. A idéia de regravar "Um Raio Laser", hino hipponga-místico-incompreensível de Pepeu Gomes e Baby Consuelo, também não ajuda muito. Fazer um dueto com Milton Nascimento, idem.

Oxigênio, o disco, tem todos os defeitos do pop nacional: uma incapacidade total de arriscar, de tentar algo fora do usual, de fazer uma música com ironia e esperteza. A fórmula aqui é simples: botar o vocalista para gemer umas letras românticas de refrões fáceis, e decorar a música com arranjos de piloto automático.

Pop deve ser, sim, descartável, ingênuo, até bobo. Só que o Jota Quest abusa. Mas vai vender bastante, podem ficar tranqüilos. Afinal, a tríade gravadoras-rádios-TVs chegou a tal nível de excelência na capacidade de vender qualquer coisa, que o sucesso é inevitável. Pobre de nós.

André Barcinski

DELTA 72
000
Touch And Go/Motor

"Black Crowes do punk" soltam terceiro rebento

Em seus dois discos anteriores (*The R&B Of Membership* e *Soul Of A New Machine*) o Delta 72 via-se assombrado pela frequente comparação com o Blues Explosion. Não era para menos: as guitarras ásperas, o rhythm & blues sujo, o vocal alterado, tudo remetia ao grupo de Jon Spencer, com a sutil diferença dos teclados, que davam um caráter mais "de época" ao quarteto da Filadélfia. *000* enterra essa impressão – e o caminho passa novamente pelo Hammond. Mark Boyce, o novo tecladista, injeta muito mais balanço na podreira do Delta 72, dando às músicas a dose de sexo que faltava para definir a praia da banda. Hmm'n, essa levada de "The Doctor In Int", esse piano de "Just Another Lot Down"... A suspeita dura até que, na quarta faixa ("3 Day Packet Plan"), o vocalista e guitarrista Gregg Foreman cita o coruinho de "I Miss You", dos Stones. Rock n'roll! Agora tudo ficou claro. Derivativo e sujo – "Great Paper Chase Nº 1", "Incident @ 23rd" – lembra algo como uns Black Crowes punks. Que beleza a partir do momento em que um grupo que se dispõe a fazer rock vai buscar inspiração no que o rock teve de melhor, e não nas pálidas tentativas recentes de parecer moderno, este mesmo rock está salvo. Originalidade é coisa para world music.

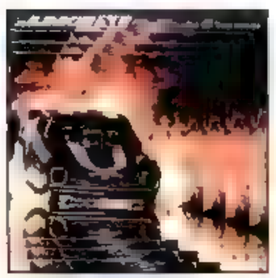
Emerson Gasperin

Popôs com talquinho

DEFALLA ⑤
Miami Rock 2000
Sony

O que esperar de uma banda gaúcha que, após atacar em 218 vertentes pós-modernas do rock, resolve cair de boca na versão carioca do funk Miami bass, faturando em cima da fixação anal do brasileiro e de uma expressão infantiloide propagada pela Xuxa? Cobrar autenticidade – por tradição, uma babaquice – não faz o menor sentido. Originalidade? Nunca foi o forte do Defalla e vai contra os princípios de um movimento assumida e saudavelmente pícareta feito o Miami rock. Na condição de velho fã do funk carioca e freqüentador dos bailes do Mourisco nos anos 80, meu critério para avaliar este disco é: quão baixo Edu K e seu mulão farroupilha conseguiram chegar?

O som é imediatamente divertido, na cola de Run DMC e Beastie Boys (antes da fase zen-modismo, maconheirismo cool e maletice politicamente correta). Ocasionalmente expõe batidões crus à moda 2 Live Crew (do imortal hit "Doo-Wah-Diddy", "mulher feia cheira mal feito urubu") e Tag Team (do original "Whoomp! There It Is", que originou o brado "uh, tererê"). A idéia de reciclar clássicos da bregália nacional (regravações de "Freak Le Boom Boom" e "Ferticeira"; a citação de "Sandra Rosa Madalena", velho hit de Sidney Magal, enfiada em "Rap Do Mulão") também rende bem. Mas faltam os elementos primordiais para este tipo de trabalho: bagaceirice, chinelagem, baixaria, escatologia! Faltam flatulência, piadas de rinhaca, casca-grossice, a contribuição milionária de todas as "inguinorâncias"... Esses popôs estão limpinhos demais, lipoaspiradinhos para agradar a roqueiros mauriçolas. Parafraseando a letra de um clássico da turma do DJ Marlboro, soltaram um pum, mas não foi para você, massa funkeira.
Pedro Só



JUNKIE XL
Big Sounds Of The Drags ⑦
Roadrunner

Muito além da música eletrônica convencional

Qual o produtor techno mais rock'n'roll do universo? Moby? Quase... O nome dele é Tom Holkenborg, o garoto tecnológico holandês que batizou o projeto Junkie XL. Cujo som vai muito além dos bits e bytes palpáveis da música eletrônica convencional. Instrumentos tocados por gente de verdade, como os guitarristas Dino Cazares (Fear Factory) e Max Cavalera (fazendo breakbeat? Essa é nova...), são responsáveis pelo som encorpado de *Big Sounds Of The Drags*, adrenalínicos a ponto de Tom pegar as tormentas correntes do *drum'n'bass* americano que não influenciaram apenas o nome, mas também o clima do álbum – o limite máximo atingido em poucas tardes seguindo do silêncio usual de quando cai a adrenalina. A pegada hip-hop das bases Power Of Big Stark e Dance USA não é por acaso. O vocalista Rudebox é velho conhecido dos tempos do Urban Dance Squad. A sonoridade *college-band* em "Zeroton ne" e "Legion" também não é a toa. Tom é fã confesso de Pavement e dos escoceses introspectivos do Mogwai. Guitarras anos 70 tocadas de trás para frente, samples de orquestra passeiam mais o caos generalizado proporcionado pela atual cena breakbeat mostrando em *Big Sounds* – que, quando o Junkie XL batizou seu estúdio em Amsterdã como Computer Hell, não estava de brincadeira. O cara é ou não é rock'n'roll?
Renato Vada

ROLLINS BAND
Get Some Go Again ⑤
Dreamworks/Universal

Fortão dispensa o time vencedor e se dá mal

Chutar cachorro morto é o maior pecadinho da imprensa musical brasileira. Saiu a última resenha sobre o novo disco de Tom Phillips sem fazer piada sobre sua semelhança com Cássia Eller. Nada contra (nem a favor) do moço, que nem deve conhecer a Rollins Band. É que a tentação é parecida se o papo for Henry Rollins, que para 99% da crítica é aquele cara nervosão que escreve letras sérias e faz um som pesadão, ou seja, chato". Se, depois de ter lido essa mesma história milhares de vezes, você ainda teve saco de chegar até aqui, tenha certeza de duas coisas. Henry, apesar de ser o dono da bodega, nunca foi o elemento mais importante da banda, e os discos anteriores da RB são primorosos. O guitarrista Chris Haskett, o baterista Sim Cain e principalmente, o baixista Melvin Gibbs – substituto de Andrew Weiss (que foi produzir o Ween) e favorito de Marisa Monte – são responsáveis por grooves impecáveis em *Weight* (1994) e *Come In And Burn* (1997). Porém, Henry decidiu não continuar com eles nem com o engenheiro Theo Van Rock. Quem o apoia em *Get Some Go Again* é uma pífia formação montada Mother Superior, que não chega perto do suingue de seus antecessores e, no máximo, emula o pior do hard rock setentista. Mas, clichê por clichê, numa terra em que editor de revista de rádio de rock diz que techno é coisa do viado, esse que é o errado acaba tendo seu valor.
José Flávio Junior

VÁRIOS
Missão: Impossível 2 ⑦
Roadrunner

Trilha com ação e grandes nomes, igualzinha ao filme

Assim como o filme, o disco tem os ingredientes certos para faturar milhões: muita ação e grandes estrelas. O Limp Bizkit abre dando um ar "streetwear" ao tema da série. Atual e agressivo, ele praticamente define o álbum, que traz o Metallica com a já aclamada "I Disappear", o Foo Fighters com o ex-Queen Brian May tocando uma versão de "Have A Cigar" (Pink Floyd) e, ainda, uma inédita dos Rammstein, exclusiva da edição brasileira. Ação, pois tudo bem roteiro com a superprodução hollywoodiana mesmo que as letras não tenham nada a ver com a história. Que importa? Afinal, alguém liga para o conteúdo de um filme desses? É porrada por porrada.
Fabiana Batistela

VÁRIOS
Third World Cop ⑦
Palm/Trama

Filosofia rastafári vai para o saco na mão de Dis

Esta trilha tem a mesma importância que as canções de *The Harder They Come*, produção de 1973 dirigida por Perry Henzel divulgar para o mundo os sons que estão sendo feitos na Jamaica. Se no filme de Henzel o reggae ainda estava ensaiando sua internacionalização (Jimmy Cliff é o mais conhecido da seleção), as canções de *Third World Cop* enterram de vez a filosofia rastafári. Os reis da bola são DJs como Beenie Man (em "Jungle Boogie", adaptação insolente de "Jungle Boogie", do Kool & The Gang) e Lady G, que abusa do rap e dos ritmos eletrônicos em "Man A Bad Man". Apesar de ir contra as pregações de Marley, a trilha tem as bênçãos de gente da antiga. Sly & Robbie, a seção rítmica mais importante do reggae nos últimos 25 anos, produz e toca em boa parte das canções (inclusive na espertíssima regravação de "Police & Thieves", a cargo do cantor Luciano.
Sérgio Martins

RAUL SEIXAS
Bis ⑦
EMI

Mais uma capa para os fãs se iludirem e correrem atrás

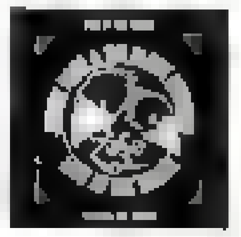
Tendo adquirido a Copas abana, a EMI poderia ter reunido neste álbum duplo todas as faixas do LP que Raul gravou em 1967 com seu grupo Os Panteras ao lado dos dois discos dele ao gravadora (*Tap-Lap-La-Bap-Lah Beam-Bam!*, 1987, e *A Pedra Do Gênesis*, 1988). Só que as 28 faixas desta coletânea incluem apenas novo das 12 faixas dos Panteras e os outros dois LPs também incompletos. O lado bom é que temos aqui clássicos de Raul ("Check Up", "Você Ainda Pode Sonhar" – versão para "Lucy In The Sky With Diamonds". Quando Acabar O Maluco Sou Eu") a um preço bem camarada (cerca de R$ 15).
Ayrton Mugnaini Jr

Muita honestidade, pouca novidade

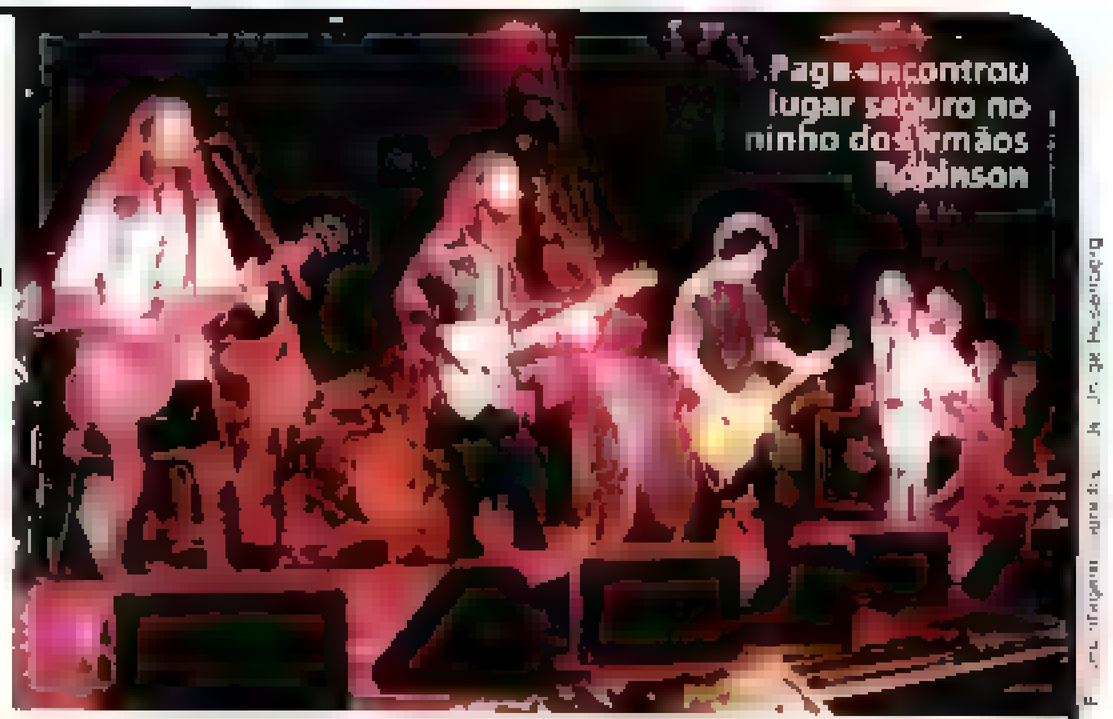
BAD RELIGION
The New America ⑦
Sony

Primeiro, as boas notícias: o novo disco do Bad Religion é puro Bad Religion, com guitarras distorcidas, batidas aceleradas, boas melodias e as tradicionais letras politicamente corretas do cantor e líder Greg Graffin. Até aí, tudo bem. Por outro lado, só com muita boa vontade para não notar uma certa repetição de idéias na carreira deste dinossauro do punk-pop californiano. São mais de dez anos e muitos discos, e este poderia ter saído em 1991, 1987 ou 1995. Os fãs, no entanto, não vão ter do que reclamar. Greg superou com galhardia a saída, anos atrás, do guitarrista e sócio Brett Gurewitz – que, aliás, participa do disco com uma bela guitarra em "Believe It", uma das melhores canções de *The New America*. Para falar a verdade este disco está até mais otimista do que os últimos, sem canções sobre Aids ou outras desgraças. A maioria das letras segue a linha "tenha-coragem-acredite-em-si-mesmo-você-vai-conseguir" da cartilha Graffin de auto-ajuda. A ironia de "21st Century Digital Boy" está de volta em "I Love My Computer", as crianças de rua na ótima "A Streetkid Named Desire" e tem até uma canção que é pura poesia, "A World Without Melody" ("Um Mundo Sem Melodia", onde Greg não quer viver). Só assinando embaixo.
Bernardo Araujo

Corvos abençoados

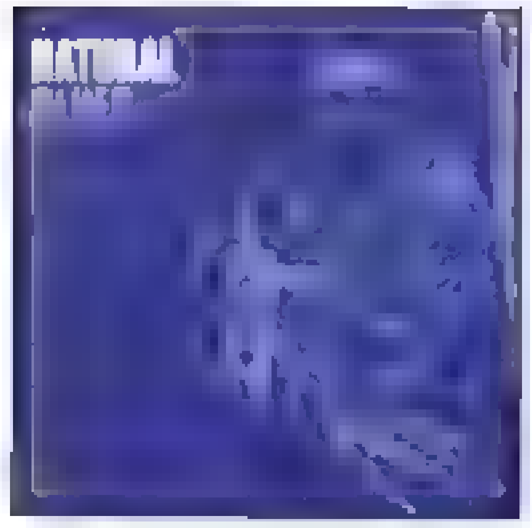


JIMMY PAGE & THE BLACK CROWES
Live At The Greek (8)
TVT Records IMPORTADO



Por mais que afirmasse a sua necessidade de descobrir novas sonoridades, o guitarrista Jimmy Page sempre tentou dar um sabor de Led Zeppelin aos seus projetos musicais das últimas duas décadas. Foi assim quando se reuniu a veteranos como David Coverdale e Paul Rodgers (este último no The Firm) ou quando chamou Jason, filho do baterista John Bonham, para co-pilotar sua carreira-solo. Essa procura parecia ter chegado ao fim quando Page se reuniu ao amigo e ex-parceiro de banda Robert Plant. O casamento da dupla – que a todo momento se recusou a se chamar Led Zeppelin novamente – rendeu um especial para a MTV e um disco de inéditas acima da média das reuniões de veteranos. Mas eis que Jimmy Page dá uma banana para Plant e refaz a vida ao lado dos Black Crowes. Sábia escolha. O grupo americano é tudo aquilo que o guitarrista foi em priscas eras: um bando de branquelos beberrões e farristas, cujo maior sonho era ter nascido negros às margens do rio Mississippi. A vantagem é que os Black Crowes são bem melhores do que sua última banda. A começar pelo baixista, que dá um pau naquele medíocre que tocava com Page & Plant – dizem que o rapaz só estava na banda porque era casado com a filha do vocalista. A formação dos Crowes, com dois guitarristas (Chris Robinson e Audley Freed), também deixa Page à vontade para cuspir solos e babar à vontade na platéia. *Live At The Greek* é uma espécie de best of dos concertos que Page deu ao lado da banda no ano passado. O repertório está longe de ser óbvio. Tem "In My Time Of Dying" (em que o vocalista Chris Robinson alcança aqueles agudos que Robert Plant não alcança mais), a sensacional "Your Time Is Gonna Come" e "Celebration Day".

Sérgio Martins



VÁRIOS
Natural Blues (10)
Wrasse Records IMPORTADO

Apanhado dos blues que fizeram o sucesso de Moby

[illegible] de quarentões barrigudos, o blues vem sendo redescoberto por fãs "modernosos" de Moby. Tal novo interesse gera belezuras como esta coletânea inglesa, que tenta faturar em cima do sucesso do DJ adotando o título de sua magistral canção (uma das melhores de 1999) e [illegible] todas as bases e vozes chupadas no álbum *Play*. Oito das faixas são gravações "de campo" realizadas pelo pesquisador Alan Lomax nos anos 30 e incluídas numa histórica antologia chamada *Sounds Of The South*. As outras 18 valem por um cursinho básico dos 12 compassos mágicos do blues: Howlin' Wolf, Muddy Waters, Sonny Boy Williamson, Little Walter, John Lee Hooker, Bo Diddley, BB King, Willie Dixon, Albert King e outros criminosos a quem Mick Jagger, Robert Plant e Eric Clapton devem as roucas. Com um encarte [illegible] informativo, o que poderia ser picaretagem acaba soando [illegible] melhor do que a encomenda. Se você se encantou com o "Natural Blues" de Moby, prepare-se para ter uma epifania ouvindo a voz nua e crua de Vera Hall em linha direta com o Senhor entoando "Trouble So Hard". Coisas assim não têm preço.

Pedro Só

ELWOOD
The Parlance Of Our Time (7)
Trama

Pastiche para tapar a falta dos balanços originais

Junte um pouco de Cake, Beck, Urban Dance Squad, Everlast e Fun Lovin' Criminals. Se tudo isso vier num único CD de uma banda nova, está aí mais uma revelação pop, certo? Não é bem assim. Enquanto os artistas [illegible] foram [illegible] da música black americana, o Elwood [illegible] o bonde andando [illegible] dos branquelos. Com uma faixa sob encomenda para [illegible], a bossa-rap "Slow" (chupada de "Every Morning", do Sugar Ray), periga o grupo fazer [illegible] com *The Parlance...* Ok, o disco é gostoso de [illegible] as músicas [illegible] instrumentos bacanas [illegible] (piano) Rhodes e melotron, as melodias são caprichadas e o clima "cool de calças [illegible]" agrada à mulherada avessa ao gangsta rap. Além disso, "Sundown", "Red Wagon" e "Bash" estão acima da média. Porém, originalidade não é forte do Elwood, que cai bem na sala de espera entre um lançamento e outro do Fun Lovin' Criminals (ou do Everlast, do Sugar Ray, de [illegible]). Nenhum deslize é cometido até que os caras atacam (perigo!) de drum'n'bass publicitário em "Dive" e "Love Hook" – [illegible] por continuar sob a sombra das influências. Um bom disco, mas sua fusão já vem sendo feita por artistas mais tarimbados.

Luciano Marsiglia

IAN ASTBURY
Spirit Light Speed (6)
Beggars Banquet IMPORTADO

Vocalista do Cult se distrai enquanto a banda não volta

Spirit Light Speed, hoje, não quer dizer muita coisa. Quando começou a ser gravado sim, pois o retorno do Cult ainda não estava certo. O vocalista daria seus primeiros passos na carreira-solo, amparado pelo bom nome. Mas, tão logo se confirmou a reunião do antigo grupo de Astbury, o álbum perdeu todo o interesse, inclusive para ele. Fica o registro da brincadeira: música pop com uma sonoridade "moderna", que não macula sua ficha (não mais do que o Holy Barbarians, a banda que montou em 1996 – o que também não quer dizer muita coisa). Programações presentes em quase todas as faixas empurram as canções para o terreno da rock music, caso de "Back On Earth" e da versão de "The Witch" (do Cult). As batidas digitais acabam tomando conta em "Metaphysical Pistol" e "Shambala" e ninguém nem sabia que o cantor curtia isso. Calma, fãs cultos. Na condição de dono da bola, ele não se [illegible] com os sons eletrônicos e manda ver no vozeirão, trazendo o ritmo para um plano familiar. E há a balada "Devil's Mouth", na qual o artista exibe a habitual categoria no assunto. Tudo muito bom, mas não é isso que chama a atenção – definitivamente [illegible] quer dizer muita coisa. O que marca é a tentativa de vislumbrar o vocalista chacoalhando seu pandeirinho para acompanhar as canções de *Spirit Light Speed*. Impossível não sentir a falta dos trajes de couro.

Emerson Gasperin

Garotas boas de treta

SLEATER-KINNEY
All Hands On The Bad One (8)
Kill Rock Stars IMPORTADO

VERUCA SALT
Resolver (7)
Velveteen/BMG IMPORTADO

Existe mulher que para entrar numa briga não precisa nem ouvir elogio cru de peão de obra. Também, são anos de opressão, subordinação, menstruação... Por isso que movimentos como o das riot grrrls surgiram e ficaram tão populares nos 90. Engraçado é notar que, musicalmente, Bikini Kill e Bratmobile, bandas que levantavam a bandeira das riot com a mesma intensidade com que despejavam progesterona nos amplificadores, só começam a ser úteis agora. Kathelen Hanna (ex-vocalista do Bikini Kill), por exemplo, fez algo indiscutivelmente válido apenas neste ano, com o excelente Le Tigre.

Pois bem, após deglutirem direitinho as influências das bandas expoentes e evoluírem ao longo de quatro discos, as meninas do Sleater-Kinney chegam ao ápice. O trio de duas guitarras e bateria equaciona perfeitamente melodias vocais (quase sem berrar) com letras ferinas, e consegue primores como "The Professional", "The Ballad Of A Ladyman", "You're No Rock'N'Roll Fun" e "Leave You Behind" em *All Hands On The Bad One*.

Do outro lado do ringue e sem nenhuma ligação conhecida com as riot, quem retorna é a linda Louise Post, que após quebrar o pau com a ex-amiga e ex-sócia Nina Gordon ficou com o Veruca Salt só para si. Nada em *Resolver* é tão legal quanto no anterior *Eight Arms To Hold You*, faltando talvez a mão de Bob Rock, que ficou com Nina para produzir sua estréia-solo, *Tonight And The Rest Of My Life*. É muito ressentimento e clima deprê para um álbum só, pois além da melhor amiga, Louise perdeu também o namorado Dave Grohl. Mas, mesmo enfrentando esse turbilhão, a moça sabe que nada pode ser melhor que um pesado riff de guitarra, como o de "Born Entertainer", para colocar alegria nos corações.

José Flávio Júnior

KID ROCK
History Of Rock (2)
Warner

Trambicagem de um branquelo metido a rapper

Antes de mais nada, é preciso que se analise um paradigma do absurdo. Qual a maior aberração: ao se [illegible] um disco chamado *A História Do Rock* pretender resumir a história do estilo musical em um CD de rap ou colocar no mercado um disco de sobras, velharias e samples muitos simples sobre sua própria vida? O público americano caiu como um patinho, para variar, e o tal Kid Rock, ou R. J. Ritchie, a mais recente enganação do mundo do rap que usa guitarras distorcidas (em geral de músicas dos outros, como "Sad But True", do Metallica – que deve ter levado uma graninha nisso) para arrotar letras cheias de bravatas sobre [illegible] – segue vendendo discos como água por lá. Não que rappers engraçadinhos sejam alguma inovação (tai a Lauryn Hill, que muita gente acha que tem talento), mas esse rapaz podia pelo menos deixar o nome do rock de fora disso.

Bernardo Araujo

Divulgação

FELA KUTI
The Best Best Of (10)
Barclay/MCA IMPORTADO

FEMI KUTI
(8) *Shoki Shoki*
Barclay/Universal

Shoki Shoki, o primeiro disco de Femi Kuti a invadir o circuito pop, segue estilo similar ao de seu pai, o nigeriano Fela. A comparação é inevitável e, pior, páreo duríssimo para o filho. Mas ele se sai muito bem, seja atualizando as levadas que herdou ("Truth Don Die", "Blackman Know Yourself"), seja apontando novas direções para essas mesmas levadas ("Beng Beng Beng", "Eregele"). De quebra, ainda comete a gentileza de organizar uma coletânea dupla que põe um pouco de ordem na vasta discografia de Fela Kuti.

Falecido em 1997, vítima de Aids, o criador do afro-beat ficou mais conhecido por seu discurso político radical-humanitário e também por hábitos pouco ortodoxos, como frequentar 27 esposas e queimar maconha onde bem entendesse. Além disso, há uma outra razão, primordial, para que sua música estivesse relegada a um plano secundário: comprar um disco seu era uma briga. O cristão chegava à loja, via trocentos títulos dele – às vezes, com apenas duas ou três canções, cada uma com meia hora de duração – e, sem nenhuma referência para se escorar, não levava nada. Virava o famoso caso do artista com competência reconhecida, apesar da completa ignorância acerca de sua obra.

Agora não tem mais desculpa. *The Best Best Of* mostra por que seu autor é colocado no mesmo patamar que James Brown, Ornette Coleman ou Bob Marley. Fela Kuti adicionou funk e jazz aos tambores ancestrais, comandando longas jams com as não menos longas (em números de integrantes) bandas Africa 70 e, depois, Egypt 80. É até sacanagem citar uma canção, pois todas têm aquele groove-jamanta, que vai crescendo e se mod ficando com o decorrer da música. Portanto, não caia na esparrela do rótulo world music. O que ele fazia e agora faz Femi trata-se do mais fino balanço.

Emerson Gasperin

K.D. LANG
Invincible Summer (8)
Warner Bros/WEA

Cantora canadense descobre que só o amor constrói

Sim, o que parecia improvável aconteceu. k.d. lang largou o mau humor (só falta abandonar essa mania de grafar seu nome com minúsculas), passou a comportar-se musicalmente como mocinha e fez um disco livre, leve e solto. Está certo que em seus trabalhos anteriores, ela já andava flertando com temáticas mais distantes da amargura dos primeiros tempos, mas o fato é que a canadense nunca soou tão cool. Melodias ricas ela sempre fez, mas este *Invincible Summer* é um abuso de bom gosto. A "nova" k.d. lang soa pura delicadeza. As canções, várias com batidas de bossa nova e arranjos à la Burt Bacharach, falam de amor, alegria, vida sem complicações. "Suddenly" tem como tema a descoberta de que é impossível viver sem uma parceira. Já "Only Love" prega abertamente que só o amor salva. Os versos iniciais de "It's Happening With You" são denunciadores: "Tudo que eu faço/é deliberadamente para você". É, k.d. deu uma de Lobão e descobriu que a vida é doce. Sempre é tempo.

Toninho Spessoto

Sem ligar para as comparações

Quando você começou a fazer música?
Aos 15 anos, em 1978, na banda de meu pai. Fiquei lá até 1994. Daí, resolvi montar meu grupo (o *Positive Force*, que o acompanha em Shoki Shoki) e passei a excursionar com ele e a gravar meus discos.

Como você lida com as comparações entre você e ele?
Não penso nisso. Eu quero fazer música, não tenho culpa se meu pai também foi músico, se ele foi um homem muito bom nisso. Eu o amava e amava o que ele fazia, mas tenho minhas próprias batidas, estou sempre procurando desenvolver meu próprio som.

O que você escuta?
Tudo: R&B, funk, jazz, pop, rock, house... Acho que muitos artistas hoje têm influências de vários lugares, várias culturas. E isso acaba se refletindo também na minha música – consciente ou inconscientemente.

Por que você canta em inglês?
Porque muitas das minhas músicas têm letras políticas, que quero que todos entendam. É, para isso, o inglês é o meio.

E mais...

A terra das loiras peitudas nos presenteia (?) com pop, dance e "hardcredo" melódico, enquanto Cuba lança o som de mais um de seus inúmeros All Stars

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
NOITES TROPICAIS (Universal)	Os artistas favoritos do jornalista e boa-praça Nelson Motta: de João Gilberto a Ultraje A Rigor de Tamba Trio a Marisa Monte.	Disco duplo, que serve de trilha para a leitura do best seller *Noites Tropicais*, a história da música brasileira na ótica de Nelsinho.	Flui tão bem quanto o livro, pois tem clássico atrás de clássico. Ótimo para presentear aquele amigo gringo que não manja nada de Brasil.
GUERRA CIVIL CANIBAL (Peculio)	João Gordo, Jão, Boka e Fralda, conhecidos mundialmente como Ratos De Porão.	Com cinco músicas inéditas e duas covers (Sepultura e Half Japanese), no EP totalmente independente da clássica banda punk paulistana.	Sim. Nunca o RDP esteve tão crust. Vocais abafados, velocidade terminal e Gordo inspirado após "quase morrer" garantem o pogo.
LIEBLING (WEA)	O cantor sueco Andreas Johnson.	Em seu segundo disco, que traz o sucesso "Glorious".	Sua voz lembra a do americano Josh Rouse. Suas composições possuem arranjos da escola Verve. Seu futuro é promissor.
PENNYBRIDGE PIONEERS (Highlight)	Millencolin, quarteto sueco de (ecal) hardcore melódico.	No quarto álbum, seguindo à risca a cartilha de uma das ramificações mais nefastas da história do rock.	Se skate (de dedo) é sua vida, seu tênis e seu boné têm silver tape e sua bermuda bate na canela, esse disco é o que há.
GREATEST HITS (BMG)	Mais suecos! Agora, da praia poperô: o Ace Of Base.	Numa coletânea que é só sucesso: "Beautiful Life" (ótima!), "All That She Wants", "Cruel Summer", "The Sign", "Lucky Love"...	No mínimo, dá para dizer que é beeem melhor que Millencolin.
A TRIBUTE TO GEORGE MORODER (BMG)	O DJ Empire em mais um daqueles discos que não se sabe se foram feitos para homenagear ou insultar o alvo do tributo.	Revisitando a obra do papa das discotecas Giorgio Moroder – você já balançou as cadeiras ao som dele e nem se tocou.	Hmmmm..... Sinceramente? Não. A onda revisionista já deu o devido valor à disco music. Reler tudo isso agora aí já é forçar a amizade.
FAITH AND COURAGE (Warner)	Sinead O'Connor, a mala.	No seu primeiro disco em seis anos, repleto de baladas e uns popzinhos água-com-açúcar.	É preciso mesmo muita "fé e coragem" para comprá-lo. Mas, se você tem dinheiro para levar todos os discos das prateleiras...
PIECES IN A MODERN STYLE (WEA)	O incensado produtor/remixador (isso existe?)/compositor inglês William Orbit, responsável por *Ray Of Light*, de Madonna.	Por meio de interpretações eletrônicas de 11 peças de artistas clássicos, como Vivaldi, Beethoven e congêneres.	Não melhor do que algum disco do Moby ou do que alguma sinfonia de Beethoven. Procure os originais.
OMARA PORTUONDO (WEA)	A única estrela feminina do *Buena Vista Social Club*, a "Edit Piaf" (segundo o release) de Cuba: Omara Portuondo.	Naquele típico balanço *coolbano*, acompanhada de bambas como Compay Segundo, Rubém Gonzalez e Eliades Ochoa.	Nem todo mundo que gosta de música cubana é chato, mas todo chato gosta (também) de música cubana. Onde você se enquadra?

LONDON CALLING
CDs - VHS - DVDs
Tel/Fax (0xx11) 223-5300
londoncd@aol.com.br

A mais completa em novidades e raridades.
Sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.
ROCK-POP DOS 60 A 2000 EM TODOS OS ESTILOS.
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO.
Rua 24 de Maio, 116
Rua Alta - Loja 15
01041-000 - São Paulo - SP
www.londoncalling.com.br

SHOW
Para anunciar nesta seção, ligue:

Este é o Max de Castro.

A nova música brasileira já tem nome.

"Eis aqui o primeiro produto de artista iniciante da geração 2000 na música popular brasileira."
Pe[illegible] Sanches - Folha de São Paulo
"[illegible] resultando num belo trabalho que flerta com o passado para seguir rumo ao futuro universal."
Rodrigo Carneiro - O Estado de São Paulo
"Seu Caldeirão brasileiríssimo oferece uma degustação de vários sabores... e revela novos paladares em cada audição."
Ra[illegible] Welsch - Sio É Gente
"Fusion is the key to the most exciting new music - and Max de Castro boasts plenty of fusion."
Time Out - London
"Samba Raro é um primor de produção."
Marcelo Ferla - Zero Hora
"Max revela uma identidade de funky melodista refinado (onda diferente) e uma pegada sensual (1 flash) de quem ainda pode edificar uma voz própria, descolada dos monstros sagrados."
Tárik de Souza - Jornal do Brasil

Já à venda nas melhores lojas.

TRAMA

Barraca armada, festa pirada

O pop do Travis (à esq.) se destacou em um evento cheio de malucos de todos os tipos

Glastonbury Festival
Worthy Farm, Glastonbury (Inglaterra), 23 a 25/6

O festival de Glastonbury, considerado o maior da Europa, prova que o estilo *flower power* continua vivo. Todos os anos, durante o fim de semana seguinte ao solstício de verão, milhares de pessoas despencam de todos os cantos do continente para a cidadezinha de Glastonbury, a três horas e meia de Londres, para fazer e ver tudo aquilo que não fazem nem vêem do lado de fora da cerca de 33 quilometros da fazenda Worthy Farm, onde desde 1970 ocorre o evento. Segundo os críticos ingleses que sempre batem ponto em Glasto (como o festival é chamado), este ano foi o melhor da última década. Além de não ter chovido um dia sequer (o que é uma dádiva dos céus em se tratando do clima da ilha real), houve um número recorde de público e de atrações. Foram 130 mil pessoas – 80 mil pagantes e outros 50 mil penetras – que montaram suas barracas e se acabaram nos shows, de David Bowie a Chemical Brothers, passando por Willie Nelson e Happy Mondays.

Dentro da cerca de 3 metros de altura de placas de alumínio, que separa o mundo real do festival, vale tudo, menos violência. Neste ano, porém, o número de crimes chegou a 1.100, sendo a maioria roubos de objetos e até de barracas. Mais preocupada em flagrar os gatunos que se recusaram a pagar 87 libras (cerca de R$ 245) pelo tíquete de três dias e pularam a cerca, os seguranças não conseguiram dar conta de toda a área. Dá para entender: trata-se de um formigueiro humano com mais de 50 mil barracas de camping colorindo os morrotes que compõem o [illegible] circulando pelas alamedas durante 24 horas. Ao contrário da rotina de uma fazenda, a regra do festival é dormir com o despertar das galinhas, se o sono chegar a bater. Ao todo, foram montados seis palcos. Além da música, havia circo, dança, teatro e até batucada. Era impossível ver tudo.

OS ÚLTIMOS HETEROSSEXUAIS

Na sexta-feira, os Chemical Brothers fizeram uma apresentação correta, que serviu para esquentar a platéia para o dia seguinte. No sábado, Pet Shop Boys e Travis foram ovacionados. Neil Tennant e Chris Lowe, os meninos da dupla, que já estão na casa dos 40 e muitos, levantaram a galera depois de 15 minutos de show, quando começaram a sacar seus antigos sucessos, como "It's A Sin". Em "What Have I Done To Deserve This?", Tennant (o que era aquele chapéu de caubói? E os gêmeos-backing vocals dançarinos vestidos de marinheiros numa alusão a Fred Astaire e Gene Kelly e que pesavam, juntos, uns 200 quilos? Que festival de breguice, não?) fez um duo com Cerys Matthews, do Catatonia. "Go West" e "West End Girls" ficaram para o bis. Travis, os rapazotes escoceses que ganharam o prêmio de melhor disco no ano passado com o álbum *The Man Who* e parecem ser os últimos heterossexuais da música britânica, derreteram a platéia – principalmente a ala liberada, que sabia todas as músicas de cor e, mesmo depois do show terminado, continuava a cantá-las.

O ponto alto do festival foi David Bowie, que encerrou a festa no domingo à noite. O artista, que não ia a Glastonbury desde 1971, mostrou que ainda faz um excelente show e bota a multidão para pular. Vestindo um fraque de brocado, que parecia a cortina do palácio de Buckingham, e com um novo visual (o incansável camaleão está com a cabeleira alourada na altura dos ombros), ele subiu ao palco junto com um espetacular crepúsculo de verão e, ao contrário do que todos esperavam, deixou de lado as canções de seu último trabalho, *Hours*, e fez uma retrospectiva de sua carreira. Em frente ao palco-pirâmide, que era o principal e o centro do festival, 80 mil pessoas espremeram-se para ver o ídolo e alguns de seus sucessos, como "Ashes To Ashes", "Ziggy Stardust" ou "The Man Who Sold The World". Recém-recuperado de uma laringite que quase o tirou do espetáculo, ele contou ou ainda mais à multidão quando pediu ajuda. "Estou com medo de falhar a qualquer momento", murmurou entre "Fame" e "Golden Years". "Então, se vocês souberem a letra, por favor, pelo amor de Deus, cantem comigo." Todos cantaram.

SHOW DE HORRORES

No entanto, Glastonbury não foi só música. No repertório circense, a novidade ficou a cargo dos neopunks que estão se especializando em fazer números grotescos. Entre as atrações, estavam pendurar uma máquina de lavar pelos piercings dos mamilos ou pesos de ferro pelas pálpebras, além de prender as nádegas em armadilhas montadas para urso. Também tinha uma prima da Nina Hagen, que soldava a calcinha de metal no centro do picadeiro. Um verdadeiro circo dos horrores! Glasto é muita doideira, onde até a caretice tem lá a sua estranheza e o seu lugar. A galera que não curtia espetáculos trash, bebedeira, chá de cogumelo e loucuras químicas podia passar a madrugada assistindo a um grande sucesso do cinema, como *Beleza Americana* ou *Quero Ser John Malcovich*, ou batendo um papo zen na barraca Hare Krishna, ou tocando tambor com os jamaicanos.

Em Glasto, há desde banco até parque de diversões. São 300 barraquinhas que vendem todos os tipos de comida e bebida, além de todas as bugigangas que agradam a rapaziada "cabeça". Mas o must dos hippies pós-milênio são mesmo os cabelos com dreadlocks. Brancos, ruivos, negros, mulheres, homens e até crianças enrolam a cabeleira em tufos. O detalhe a mais é emaranhar pedacinhos de pano nos cabelos. É o visual boneca. Fantasia de borboleta e fadinha eram os trajes mais disputados pelo povo, que queria extravasar na moda infantil (pernas-de-pau inclusas).

VASOS NÃO-SANITÁRIOS

A maioria das pessoas leva suas barracas de acampamento, mas umas preferem dormir ao relento, deixando-se cair aonde a cerveja levar. Os mais chiques alugam tendas apaches, as *tipis*, que têm uma área reservada só para elas. Mas todo mundo precisa enfrentar os banheiros fedorentos do festival. Apesar de terem sido montados cerca de 400, era melhor ir atrás de um arbusto ou até torcer para ter uma constipação do que encarar o vaso não-sanitário dos cubículos, que cheiravam a curral de vaca. Diante desse panorama, dá para imaginar que ninguém toma banho. São dois dias de higiene mental e sujeira corporal. Para ajudar a lavar a mente, havia sessões de música instrumental para os mais espirituais, *ecstasy party* para os siderais e sauna naturista para os liberais (quase que esta repórter se enquadrou nessa última categoria).

Michael Eavis, o fazendeiro inglês que há 30 anos abre as porteiras de sua fazenda para essa festa, titubeou em continuar o festival em 2001, por causa da morte de sua mulher, Jean, no final do ano passado. Diante de tanto sucesso, ele já mudou de idéia. Está planejando um super-Glasto para 2001 e avisa aos penetras que vai gastar milhões para construir uma cerca mais resistente. Mas em Glastonbury, a terra que, diz a lenda, era a Avalon do Rei Artur, tudo é possível. Até voar, Mr. Eavis.

Roberta Paixão

Glamour medíocre

Mark Hoppus, Damon Delapaz e Tom DeLonge (*da esq. para a dir.*): piadinhas no lugar de talento

Blink-182/ Bad Religion

Universal Amphitheatre, Studio City, (EUA), 25/6

São porcarias como o Blink-182 que queimam o filme do rock americano atual. Com letras superficiais e canções de baixa musicalidade, esse trio californiano não passa daqueles rebeldes sem causa: três moleques bem alimentados e desenvolvidos bancando punks polêmicos e mal-educados. Eles envergonham o estilo musical que já pariu bandas de atitude verdadeira, como The Clash, Ramones e Sex Pistols.

Se já é difícil aturar o Blink-182 em estúdio, ao vivo, então, nem se fala. Tom DeLonge (guitarra e vocal), Mark Hoppus (baixo e vocal) e Damon Delapaz (bateria, que está substituindo Travis Barker por ter quebrado a mão) compensaram sua falta de talento com dezenas de piadinhas durante o show. Entre tantas canções descartáveis – caracterizadas por acordes simples e dedilhados melódicos – Tom e Mark pareciam brigar para ver quem falava mais bobagens. "O que vocês acham da bunda de Mark?", Tom perguntou ao público. O berreiro feminino, em aprovação, deixou claro o quanto a música foi deixada em segundo plano. Mark, pelo menos, foi mais consciente em suas bestoiras: "Vocês pagaram 25 dólares para dizer que somos uma merda. Se me derem 100 dólares, poderão dizer isso na minha casa".

Aproveitando o caminhão de dólares no bolso – afinal, o disco *Enema Of The State* já vendeu 4 milhões de cópias nos Estados Unidos – o trio caprichou no visual do show: telão sobre a bateria, dois carros nas laterais e um forte sistema de iluminação. Mas dá para um palco à la Guns N' Roses encaixar-se com uma péssima banda de três acordes? O punk não merece este glamour medíocre.

A injustiça foi ver o Bad Religion abrir o show. É difícil entender por que o vocalista Greg Graffin e seus parceiros concordaram com isso. Mas, para benefício dos presentes, o grupo mostrou como se faz punk melódico e inteligente, não este lixo do Blink-182 empurrado pelas rádios. Fisicamente, o quinteto movimentou-se pouco em palco (seria a idade?). Porém, musicalmente, tocou com garra e intensidade suas canções velozes e pesadas.

Daniel Oliveira

Produzido no Polo Industrial de Manaus. Começa a Amazônia.
ATS
Seu par ideal: Bonito, moderno e pontual.
COSMOS
QUALIDADE INDISCUTÍVEL
S 29571O
à prova d'água
Pulseira em aço
Mecanismo à quartzo
Design exclusivo
COSMOS
QUARTZ
WATER 30M RESIST

Os animais também fazem "love"

André Sadan

Nacional

Em uma parada recheada de estréias – oito no total – quem mais surpreende é Marisa Monte, que já emplaca no topo com "Amor I Love You", música de "beleza camerística" (segundo o crítico Pedro Só escreveu em SHOWBIZZ de junho), que traz Arnaldo Antunes recitando Eça de Queiroz. O Maskavo também entrou bem, na oitava posição, com a balada reggae "Um Anjo Do Céu", do novo trabalho, *Já*, que mostra a banda brasiliense com nova formação e, garante o guitarrista Prata, "super de bem com a vida".

		mês anterior
1º	"Amor I Love You" / Marisa Monte	•
2º	"Pensando Em Você" / Mauricio Manieri	1º
3º	"Tudo Que Vai" / Capital Inicial	9º
4º	"Seja Como For" / Vinny	7º
5º	"Pula" / Tihuana	10º
6º	"Três Lados" / Skank	2º
7º	"Não Tô Entendendo" / P.O. Box	12º
8º	"Um Anjo Do Céu" / Maskavo	•
9º	"Aquela" / Raimundos	•
10º	"Demorô" / Hannah Lima	11º
11º	"Tô Vazando" / Gabriel O Pensador	14º
12º	"Bem Querer" / Mauricio Manieri	6º
13º	"Rádio Pirata" / Engenheiros Do Hawaii	•
14º	"Me Deixa" / O Rappa	4º
15º	"Depois Da Chuva" / Marcelo Bonfá	8º
16º	"Oxigênio" / Jota Quest	•
17º	"Basta Ouvir Seu Coração" / Mauricio Manieri e Ivan Lins	•
18º	"Namorinho De Portão" / Penélope	•
19º	"Luzes" / Plebe Rude	•
20º	"Fale Mal De Mim" / Autoramas	19º

Divulgação

Internacional

Por outro lado, os brasileiros continuam ouvindo praticamente as mesmas pérolas estrangeiras. Não há muita novidade na parada internacional, a não ser uma aparição tímida do metal, que vem representado pelo Iron Maiden e, no embalo de *Missão: Impossível II*, o Metallica ("I Disappear" faz parte da trilha sonora do filme), ocupando a 17ª e a 20ª posições, respectivamente. Mas quem levanta a taça é o humor debochado do Bloodhound Gang, com a música que já está sendo chamada de melô do canal Discovery.

		mês anterior
1º	"The Bad Touch" / Bloodhound Gang	4º
2º	"If Only" / Hanson	2º
3º	"Never Be The Same Again" / Melanie C.	13º
4º	"Otherside" / Red Hot Chili Peppers	3º
5º	"Maria Maria" / Santana e Wyclef Jean	5º
6º	"Nothing As It Seems" / Pearl Jam	8º
7º	"It's My Life" / Bon Jovi	9º
8º	"Sexbomb" / Tom Jones e Mousse T.	11º
9º	"Letting The Cables Sleep" / Bush	17º
10º	"Sundown" / Elwood	16º
11º	"Crash And Burn" / Savage Garden	10º
12º	"Ojos Asi" / Shakira	7º
13º	"Don't Say You Love Me" / M2M	18º
14º	"Smooth" / Santana e Rob Thomas	14º
15º	"Californication" / Red Hot Chili Peppers	•
16º	"Miss You Love" / Silverchair	6º
17º	"The Wicker Man" / Iron Maiden	•
18º	"With Arms Wide Open" / Creed	20º
19º	"Bent" / Matchbox Twenty	•
20º	"I Disappear" / Metallica	•

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em 12 rádios FM do Rio de Janeiro e 12 rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 30 de junho de 2000. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização da CBAB.
• estréia

3001
JÁ CHEGOU.
RITA LEE

UNIVERSAL

Aventura muito além do ieieiê

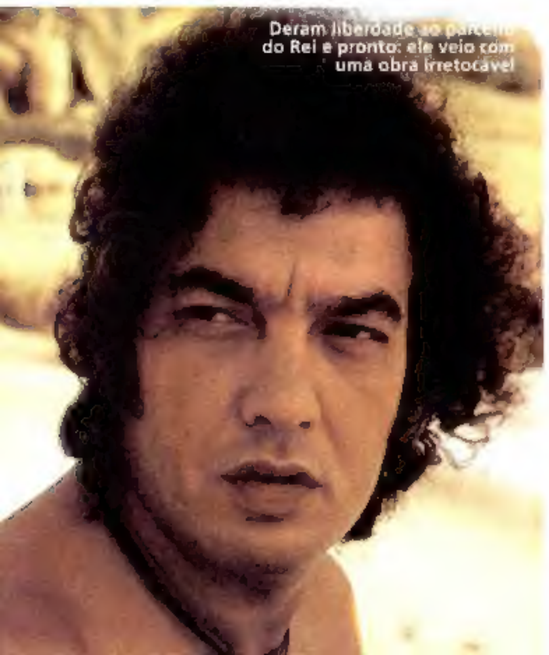
Tremendão deixa a Jovem Guarda de lado para expor todas as suas ambições sonoras

Carlos, Erasmo...
Erasmo Carlos

A composição genética da milionária parceria Roberto & Erasmo Carlos não é o que se pode chamar de divisão igualitária – o primeiro ficou com o mito, com a multidão e a gritaria; ao outro restou o risco e o status de cult. Comparando a carreira dos dois amigos, fica claro que tudo o que o Rei levou às paradas já havia sido "testado" pelo Tremendão. Ieieiê romântico, temas religiosos, MPB velha-guarda, soul, funk, música de motel: qualquer uma destas e muitas aventuras mais, Erasmo experimentou antes, como o operário da música que sempre foi, cheio de simpatia, convicção e entusiasmo.

O início dos anos 70 ajudou a intensificar a diferença entre ambos. A Jovem Guarda já era passado e, enquanto Roberto partia para um público "adulto", ganhando ares de artista sério e respeitado até pelo *Pasquim*, Erasmo se viu sem gravadora, sem programa na TV e sem hits nas rádios. Aproveitou para cair na vida – conheceu as drogas, o álcool, a mulherada – "só em quantidade", como admitiu depois. Foi quando surgiu o convite para integrar o elenco da Phonogram (mais tarde Polygram e atual Universal Music) com liberdade absoluta para compor e gravar o que bem entendesse. Erasmo cercou-se dos melhores músicos e técnicos da época e registrou *Carlos, Erasmo...*, um disco que, a partir do título, servia como uma declaração de sua identidade, de suas ambições e possibilidades como artista.

Desde a faixa de abertura, "De Noite na Cama", de Caetano Veloso, fica claro que Erasmo havia crescido – um berimbau marcando o ritmo, uma guitarra espertíssima costurando a melodia, um piano herdado da pilantragem, uma rapaziada amiga fazendo o coro e ele com a voz encharcada de suavidade e segurança. A partir daí, o LP segue jornada aventurosa e radical, indo da balada cama-e-mesa de "Masculino Feminino" ou da cacetada psicodélica de "Ninguém Chora Mais" para a apocalíptica "Sodoma E Gomorra" ou para o funkão "Mundo Deserto". Impossível não se impressionar ainda com os vertiginosos arranjos de cordas na pesadíssima "Dois Animais Na Selva Suja Da Rua" ou com a climática e hippie "Gente Aberta". Nunca Erasmo arriscou tanto, nem se deu tão bem, quanto nesse seu sétimo álbum.


Deram liberdade ao parceiro do Rei e pronto: ele veio com uma obra irretocável

Tais guinadas soam absolutamente imperceptíveis ouvindo o disco como um todo. Os arranjos musculosos, inteligentes e virtuosos do LP em nada lembram os temas pueris que os contemporâneos de Jovem Guarda continuaram gravando. Se o tropicalismo havia transformado o ieieiê em coisa das antigas, *Carlos, Erasmo...* conseguia soar ainda mais maduro e brutal que a própria Tropicália, jogando rock pauleira, folk, funk e soul à geléia geral – se valendo de vários tropicalistas, como boa parte dos Mutantes, o *guitar hero* Lanny Gordin ou o maestro Rogério Duprat. Como se as ousadias musicais não fossem poucas, até os vapores da *cannabis* foram tratados por Erasmo, na divertida "Maria Joana" – "eu quero Maria Joana", canta ele, maroto, sobre uma rumba lisérgica da Caribe Steel Band.

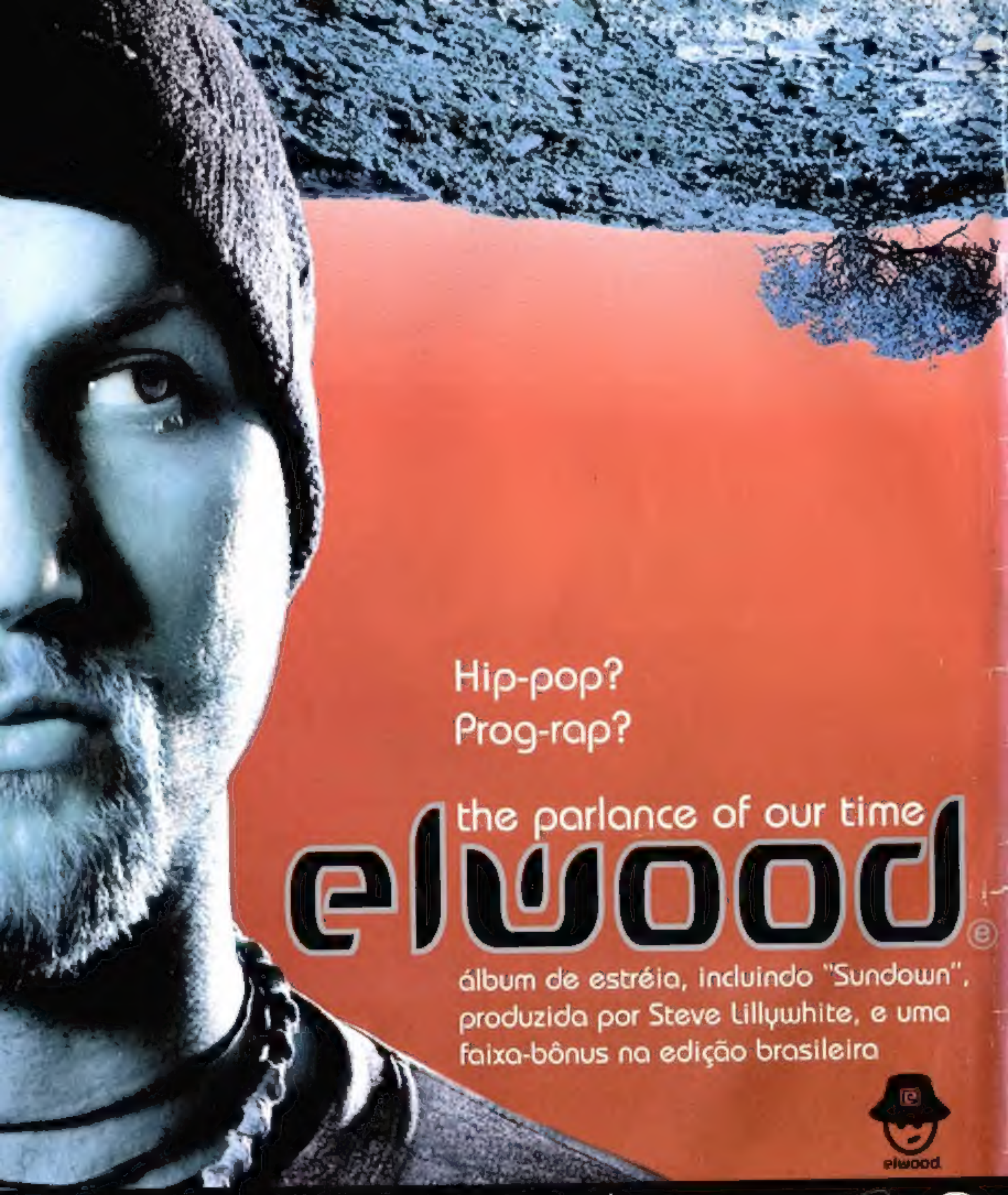
Além de *Carlos, Erasmo...*, o Tremendão gravou vários discos básicos em sua carreira, como *Erasmo Carlos & Os Tremendões* (1969), *Sonhos E Memórias* (1972) e *Banda Dos Contentes* (1976). Mas *Carlos, Erasmo...* permanece como seu trabalho mais dinâmico, espiritualizado e intrincado; o melhor passaporte para se entender a genialidade de Erasmo como um dos maiores e mais subestimados nomes do pop brasileiro em todos os tempos.

Ricardo Alexandre

Performance

Lançamento: 1971 (Phonogram/CBD)
Produção: Paulo de Tarso, Manoel Barenbein e Nelson Motta
Músicas: "De Noite Na Cama" * "Masculino Feminino" * "É Preciso Dar Um Jeito, Meu Amigo" * "Dois Animais na Selva Suja da Rua" * "Gente Aberta" * "Agora Ninguém Chora Mais" * "Sodoma E Gomorra" * "Mundo Deserto" * "Não Te Quero Santa" * "Ciça, Cecília" * "Em Busca das Canções Perdidas Nº 2" * "26 Anos de Vida Normal" * "Maria Joana"
Participações: Sérgio Dias (guitarra), Liminha (baixo), Ronaldo Leme (bateria), Lanny Gordin (guitarra); Chiquinho de Moraes, Arthur Verochai e Rogério Duprat (arranjos e regência); Marisa Fossa (vocais) e Caribe Steel Band, entre outros.

Depois de sua edição original, a Polygram (atual Universal Music) nunca mais relançou o disco. A gravadora promete para 2001 uma caixa com todos os álbuns do cantor no período 1971-1997, remasterizados, incluindo *Carlos, Erasmo...*



Hip-pop?
Prog-rap?

the parlance of our time

elwood®

álbum de estréia, incluindo "Sundown", produzida por Steve Lillywhite, e uma faixa-bônus na edição brasileira

elwood

"...uma mistura persuasiva de hip-hop, rock, pop melódico e folk." – *RollingStone.com*

Palm

TRAMA

nas melhores lojas

www.trama.com.br